

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

NATALIA SOUZA SCHMITZ

**Terrorismo, Opinião Pública e Visibilidade: repercussão dos atentados em
Londres e Mogadíscio, no Facebook, em 2017.**

PORTO ALEGRE

2019

NATALIA SOUZA SCHMITZ

Terrorismo, Opinião Pública e Visibilidade: repercussão dos atentados em Londres e Mogadíscio, no Facebook, em 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Weber

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Elisangela Lasta

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Schmitz, Natalia Souza
Terrorismo, Opinião Pública e Visibilidade:
repercussão dos atentados em Londres e Mogadíscio, no
Facebook, em 2017 / Natalia Souza Schmitz. -- 2019.
106 f.
Orientador: Maria Helena Weber.

Coorientador: Elisangela Lasta.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Relações
Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Repercussão online. 2. Atentados Terroristas. 3.
Opinião Pública. 4. Redes Sociais . I. Weber, Maria
Helena, orient. II. Lasta, Elisangela, coorient. III.
Título.

NATALIA SOUZA SCHMITZ

Terrorismo, Opinião Pública e Visibilidade: repercussão dos atentados em Londres e Mogadíscio, no Facebook, em 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso

Aprovado pela banca examinadora em ____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Maria Helena Weber - UFRGS
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Elisangela Lasta - UFRGS
Coorientadora

Prof^a. M^a. Ana Cristina Cypriano Pereira - UFRGS
Examinadora

Dr^a. Marlise Viegas Brenol - UFRGS
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me dado o dom da vida, pelo qual sou eternamente grata. Também por sempre terem me dado liberdade para ser quem eu sou, e por sempre vibrarem com as minhas vitórias. À minha mãe, pelos colos, pelos carinhos e por nunca me deixar esquecer o verdadeiro valor das coisas. Ao meu pai, por me ensinar a voar e por sempre dar o empurrão necessário para alçar o vôo das minhas aventuras. À minha irmã, pelos conselhos, por entender meus anseios e por sempre estar presente. Amo vocês!

À minha grande família, por serem meu alicerce, por me amarem incondicionalmente e por sempre estarem genuinamente felizes com as minhas conquistas.

Às minhas irmãs da vida, Carolina e Raquel, pela lealdade e amor, desde a minha infância. Agradeço por serem as melhores amigas que eu poderia ter, por me apoiarem e me suportarem ao longo de toda a minha vida.

Às princesas Giovana, Letícia, Paula e Vitória, por serem meu porto seguro e por sempre me ajudarem a levantar de minhas quedas. Vocês são a calma na tribulação!

Aos amigos que a Universidade me proporcionou, pela companhia nas madrugadas, pelo apoio, pelos estudos, pelos aprendizados e por toda parceria desde 2014. Vocês fizeram a vida de Fabico valer a pena! Ao Felipe, pelo companheirismo na vida e, inclusive, na faculdade.

A todas amizades, por me acompanharem nessa louca viagem que é a vida!

A todos os professores que passaram pela minha caminhada desde os tempos de escola, pelos ensinamentos, pela dedicação e pelo amor que me deram. Sem educação, não há progresso!

À minha orientadora, M^a Helena, por ter abraçado esse projeto comigo, por ter me guiado pelo caminho e por não ter duvidado da minha capacidade nos momentos difíceis. Mas, principalmente, pelo carinho e confiança ao longo dessa aventura. À minha coorientadora, Elisangela, pelo conhecimento compartilhado e pela paciência.

Sem vocês, nada disso seria possível! Muito obrigada por tudo!

“Der Glaube an sich selbst ist Magie, wenn du das tust, kannst du alles erreichen.”

“A fé em si mesmo é mágica. Se fizer isso, você pode fazer tudo.”

(Johann Wolfgang von Goethe)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema os atentados terroristas em Londres, 03 de junho de 2017, e Mogadíscio, 14 de outubro de 2017, com centenas de mortes e sua repercussão no Facebook. Os objetivos são analisar a dimensão política desses atentados, identificar o tipo de participação e opiniões (em posts) e avaliar as diferenças quanto à repercussão na referida rede social. A pesquisa teve como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, a pesquisa histórico-descritiva e a análise de conteúdo qualitativa, incluindo técnicas quantitativas. Os resultados obtidos indicam diferenças significativas na repercussão dos dois atentados, sendo que Londres obteve maior visibilidade. Verificou-se que as diferenças de visibilidade dos atentados na ocupação de espaço no Facebook evidenciam falhas no processo de divulgação de informações e também no processo comunicacional. Este trabalho serve como um instrumento de reflexão a respeito das desigualdades sociais, políticas e comunicacionais existentes mantidas nas redes sociais. Mesmo em casos de grande comoção, como um atentado terrorista, os países mais ricos são privilegiados na ocupação de espaços.

Palavras-chave: comunicação social; repercussão *online*; visibilidade; terrorismo; Facebook.

ABSTRACT

The present work has as its theme the terrorist attacks in London, June 03rd 2017, and Mogadishu, October 14th 2017, with several deaths and their repercussion on Facebook. The aims of it are analyze the political dimension of these attacks, identify the type of participation and opinions (in posts) and evaluate the differences regarding the repercussions on the said social network. This monograph had as methodology the bibliographical research, the descriptive historical research and the analysis of qualitative content, including quantitative techniques. The obtained results indicate meaningful differences between the repercussion of those attacks, having the London one more visibility. It was verified that the visibility differences between them in the Facebook space occupation prove the existence of failures in the process of information disclosure and also on the communication process. This work serves as an instrument for reflection on existing social, political and communicational inequalities maintained in social networks. Even in cases of great commotion, such as a terrorist attack, the richest countries are privileged in the occupation of spaces.

Keywords: social communication; online repercussion; visibility; terrorism; Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Postagem de usuário do Facebook.....	61
Figura 2: Postagem de usuário do Facebook.....	62
Figura 3: Postagem de usuário do Facebook.....	63
Figura 4: Postagem de usuário do Facebook.....	64
Figura 5: Tema de perfil de usuário do Facebook.....	76
Figura 6: Postagem de usuário do Facebook.....	79
Figura 7: Postagem de usuário do Facebook.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados do atentado de Londres, em 03 de junho de 2017.....	53
Quadro 2: Dados do atentado de Mogadíscio, em 14 de outubro de 2017.....	56
Quadro 3: Comparação de dados entre os atentados de Londres e Mogadíscio.....	87
Quadro 4: Comparação de temáticas dos posts sobre os atentados de Londres e Mogadíscio.....	88
Quadro 5: Comparação das datas em que as postagens foram publicadas.....	89
Quadro 6: Comparação de recursos do Facebook utilizados no caso dos dois atentados.....	90
Quadro 7: Comparação do cruzamento “Temática dos Posts X Recurso do Facebook”.....	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Temática dos Posts (Londres).....	65
Gráfico 2: Recurso do Facebook (Londres).....	66
Gráfico 3: Uso das <i>hashtags</i> (Londres).....	67
Gráfico 4: Dias de repercussão sobre o atentado (Londres).....	68
Gráfico 5: Temática dos Posts X Recurso do Facebook (Londres).....	70
Gráfico 6: Temática dos Posts X Uso das <i>hashtags</i> (Londres).....	72
Gráfico 7: Temática dos Posts X Dias (Londres).....	74
Gráfico 8: Temática dos Posts (Mogadíscio).....	77
Gráfico 9: Dias de repercussão sobre o atentado (Mogadíscio).....	78
Gráfico 10: Uso das <i>hashtags</i> (Mogadíscio).....	80
Gráfico 11: Recursos do Facebook (Mogadíscio).....	81
Gráfico 12: Temática dos Posts X Recurso do Facebook (Mogadíscio).....	82
Gráfico 13: Temática dos Posts X Uso das <i>hashtags</i> (Mogadíscio).....	83
Gráfico 14: Temática dos Posts X Dias (Mogadíscio).....	84
Gráfico 15: Recurso do Facebook X Dias (Mogadíscio).....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. TERRORISMO, A BARBÁRIE INTERNACIONAL	16
2.1. DEFININDO TERRORISMO	16
2.2. ELEMENTOS ENVOLVIDOS NA PRÁTICA TERRORISTA	20
2.3. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA	27
2.4. GRUPOS TERRORISTAS CONTEMPORÂNEOS	29
2.4.1. Al-Qaeda	29
2.4.1.1. Al-Shabaab	31
2.4.2. Estado Islâmico (ISIS)	32
3. COMUNICAÇÃO E REDES SOCIAIS	35
3.1. A OPINIÃO PÚBLICA	35
3.2. REDES SOCIAIS	41
3.2.1. Facebook	46
4. OS ATENTADOS TERRORISTAS DE 2017	50
4.1. A INGLATERRA E O TERRORISMO	50
4.1.1. Londres, 03 de junho de 2017, o dia do atentado	51
4.2. A SOMÁLIA E O TERRORISMO	53
4.2.1. Mogadíscio, 14 de outubro de 2017, o dia do atentado	55
5. A REPERCUSSÃO DOS ATENTADOS NO FACEBOOK	58
5.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
5.2. CLASSIFICAÇÃO	59
5.3. CATEGORIAS DE ANÁLISE	60
5.4. A REPERCUSSÃO DO ATENTADO EM LONDRES	61
5.5. A REPERCUSSÃO DO ATENTADO EM MOGADÍSCIO	75
5.6. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS REPERCUSSÕES	86
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7. REFERÊNCIAS	97

1. INTRODUÇÃO

A utilização da internet como forma de buscar informações e opinar sobre diversos assuntos tem sido cada vez mais cotidiana. Os jornais impressos, por exemplo, não conseguem mais abranger de forma integral os acontecimentos regionais e mundiais na mesma rapidez com que eles acontecem. Os grandes e pequenos jornais estão utilizando-se de forma crescente da plataforma digital para levar conteúdo a seus leitores. A grande mídia também se utiliza da rede *online* para dar novas roupagens a seus diversos programas – dessa forma, o público atingido se expande e não se restringe por limitações de espaço e tempo. A comunicação pela internet está bastante consolidada nos dias atuais e, sabe-se, que as redes sociais são os canais de comunicação mais utilizados pelas pessoas ao redor do mundo. Uma das diferenças entre os meios tradicionais de divulgação de informação e as redes sociais é que o fluxo comunicacional que essas redes proporcionam pode partir do indivíduo e se direcionar para a comunidade *online*. Como o uso dessas mídias já está estabelecido na sociedade, basta estar *online* para saber o que acontece em qualquer canto do mundo – ou, pelo menos, é o que se pensa sobre essa nova forma de se comunicar.

Com a popularização da conexão *online*, cada vez mais os seres humanos comunicam-se e relacionam-se por intermédio de dispositivos, e, assim, seus relacionamentos são perpassados por essas máquinas. As redes sociais são, portanto, grandes facilitadoras de relacionamentos na atualidade. A janela de exposição proporcionada por essas redes não contempla a totalidade da personalidade do indivíduo, mas permite a exposição daquilo que, de certa forma, mais o caracteriza – ele compartilha aquilo que pensa ou sente, conhece novos indivíduos, mostra aos outros o que faz fora da rede, compartilha as suas mais diversas preferências e, quando convém, pode prestar solidariedade também.

Há alguns anos, quando acontecia algum grande “evento”, como um atentado terrorista ou uma catástrofe – natural ou não, as pessoas acessavam informações sobre tais acontecimentos através do noticiário da televisão, da matéria de jornal impresso ou da reportagem no rádio. Hoje, o cenário dos meios de comunicação mudou – esses

ainda são recursos muito buscados e utilizados pela sociedade –, mas o avanço da tecnologia e a ascensão da internet proporcionaram novas formas de acessar a informação. Muitas vezes o acesso é tão rápido que elas chegam às redes digitais instantaneamente e as fontes, em muitos casos, são pessoas que estão “no olho do tornado” do acontecimento – no caso de ataques terroristas, por exemplo, muito do que se sabe através da internet vêm de indivíduos que estão nos locais desses eventos.

O Facebook é o site de rede social mais popular no mundo (STATISTA, 2019) e, dos que permitem o rastreamento de publicações, o de maior sucesso no Brasil (STATISTA, 2017), sendo possível o acesso a postagens antigas, através de palavras, datas e configurações de privacidade. São milhões de usuários ativos utilizando hashtags, curtindo postagens, compartilhando publicações, entre outros recursos oferecidos, como as fotos temporárias – muito utilizadas em casos que geram comoção social). Foram esses os critérios que levaram à escolha do Facebook como a plataforma de análise deste trabalho.

Dois atentados terroristas serão trabalhados aqui: ambos aconteceram em 2017 e vitimaram civis. O primeiro deles foi o atentado ocorrido em 03 de junho de 2017, em Londres, capital do Reino Unido, e matou 8 pessoas. O segundo, foi em 14 de outubro do mesmo ano, em Mogadíscio, capital da Somália, e vitimou mais de 300 pessoas. Esses dois ataques terroristas foram escolhidos pelo contraste das realidades envolvidas, que pode ter influenciado nas diferentes repercussões midiáticas entre eles. A diferença entre elas colocou em evidência alguns aspectos do comportamento social que ficam silenciados em momentos de paz e que podem refletir na visibilidade e repercussão em momentos críticos. Os dois eventos não tiveram a mesma autoria e, pelo que se pode analisar, também não tiveram as mesmas motivações.

A proposta do presente trabalho é responder aos objetivos e como foi a repercussão dos atentados de Londres (Inglaterra), em 03 de junho de 2017, e Mogadíscio (Somália), em 14 de outubro de 2017, no Facebook. Para isso, foi definido como objetivo geral desta pesquisa investigar as diferentes repercussões entre os dois atentados através das mídias digitais, identificando as diferenças entre elas. Os

objetivos específicos são verificar a repercussão dos atentados na rede social Facebook, questionar a visibilidade e o espaço que cada um dos atentados ocupou e problematizar os motivos que podem ter levado a diferentes graus de visibilidade mundial. A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica, a pesquisa histórico-descritiva e a análise de conteúdo. As postagens do Facebook foram coletadas através da pesquisa na rede por termos e por *hashtags* referentes aos atentados, no período de dez dias, contados a partir e incluindo o dia dos atentados.

Para atender aos objetivos propostos, o trabalho se divide em seis capítulos principais, além desta introdução. O primeiro capítulo aborda a temática do terrorismo, seus conceitos, suas limitações e traz problematizações apropriadas para o assunto, com variados autores da área, como Chomsky (2005). O segundo capítulo se dedica a temáticas pertinente à área da comunicação. Ele fundamenta-se nas ideias de Lippmann (2010) para conceituar Opinião Pública e salientar a relevância do tema para a abordagem usada neste trabalho. Em seguida, trabalha-se redes sociais com explanações sobre macro e microcontexto de Recuero (2012), que são de extrema relevância para o cumprimento dos objetivos supracitados, além de também abordar a rede social trabalhada, o Facebook.

O capítulo seguinte dedica-se a uma contextualização dos países envolvidos nos atentados, com um breve resumo de pontos relevantes de suas histórias, e à narrativa dos acontecimentos propriamente ditos. Há, então, o capítulo da análise, que é o mais importante para responder a pergunta principal e cumprir com os objetivos propostos. Por fim, são feitas as considerações finais com um apanhado sobre tudo o que foi trabalhado ao longo dos capítulos e análise.

A contribuição dessa discussão extrapola os limites do espaço acadêmico sobre as novas formas de se relacionar em momentos de grande comoção, como é o caso de um atentado terrorista, por levantar um debate sobre o que – ou quem - realmente nos comove enquanto indivíduos em sociedade. O tema escolhido é importante por abordar e tentar esclarecer as diferentes formas de tratamento direcionadas a pessoas igualmente importantes, mas separadas por questões geográficas e econômicas. Na

esfera pessoal, a escolha do tema foi motivada por experiências pessoais vividas no exterior. Essas experiências possibilitaram o contato com povos de diferentes nações, suas culturas e também seus preconceitos, além de terem sido oportunidades de observação e aprendizagem sobre o nosso comportamento, enquanto sociedade. A escolha por uma mobilização social prioritariamente *online* se deu justamente por essa não demandar grandes esforços dos envolvidos – qualquer manifestação de solidariedade *online* não demanda estímulos físicos e monetários, que poderiam ser barreiras, dependendo da realidade de cada indivíduo. Ou seja, como pode um indivíduo que tem sua vida “real” cerceada por sua vida “virtual” não se manifestar sobre, no caso da Somália, o atentado terrorista mais grave desde o 11 de setembro? Pensar que questões econômicas e geográficas possam, no comportamento *online*, ter muito mais peso do que a vida de alguém, independente de quem seja esse “alguém”, provoca uma grande angústia e a tentativa de contribuir para a compreensão desse tema se apresenta como um abrandamento dessa inquietude.

A temática do terrorismo é de extrema delicadeza por lidar com questões que vão além da violência: ela está relacionada com política e visibilidade. A construção da Opinião Pública está ligada, também, à midiatização do sofrimento e ao entendimento da comunicação globalizada. A globalização não permite mais que se volte os olhares para questões restritas da área, mas torna urgente que se olhe para situações que, em um primeiro olhar, seriam abrangentes demais. Um estudo que destrinchasse as repercussões em uma das atuais fontes de informação e comunicação mais absoluta da atualidade, o Facebook, a respeito de um dos tipos de violência mais bárbaros, o terrorismo, se fez necessário e, como futura profissional de Relações Públicas, não foi possível ignorar as latentes contribuições que o campo da comunicação tem nessa temática.

2. TERRORISMO, A BARBÁRIE INTERNACIONAL

A disseminação, organizada ou não, do terror por meio de atentados não é novidade na história da humanidade. É indispensável compreender “o que é o terrorismo”, pois ele faz parte do macrocontexto dos objetivos analisados mais adiante. A seguir serão apresentadas definições do termo dadas por diferentes organizações mundiais, como a ONU, características e diferenças entre o terrorismo antes e após o atentado do 11 de setembro de 2001, conceitos que permitem identificar se uma ação é ou não terrorista, além de expor quem são os grupos terroristas envolvidos nos atentados que compõem a análise deste trabalho.

2.1. DEFININDO TERRORISMO

A palavra “terrorismo” vem do latim *terroris*, que significa espanto, e foi utilizada pela primeira vez por Robespierre, líder dos jacobinos, em 1794, em um discurso dito pouco antes de ser derrubado do poder, descrevendo a base de um governo em tempos de revolução, que ele descreveu como sendo a virtude e o terror. A Revolução Francesa foi um período revolucionário, marcado por agitações sociais e políticas, que marcou o fim do absolutismo e dos privilégios ilimitados da nobreza possibilitando ao povo uma maior autonomia. A execução de pessoas através da guilhotina foi uma característica marcante do período conhecido como “O Terror” - talvez aqui tenha sido o primeiro ato do que, posteriormente, denominou-se como “terrorismo de Estado”.

Se a mola principal de um governo popular em tempos de paz é a virtude; em meio à revolução é, ao mesmo tempo, virtude e terror: virtude, sem esse terror, é fatal; terror, sem essa virtude, é impotente. Terror não é senão a imediata, severa e inflexível justiça; é, portanto, uma emanção da virtude. É menos um princípio especial, do que uma consequência do princípio geral da democracia aplicado às necessidades mais urgentes do nosso país. (ROBESPIERRE, 1974, tradução nossa)¹

¹ Traduzido do original: “*Si le ressort du gouvernement populaire dans la paix est la vertu, le ressort du gouvernement populaire en révolution est à la fois la vertu et la terreur : la vertu, sans laquelle la terreur est funeste ; la terreur, sans laquelle la vertu est impuissante. La terreur n'est autre chose que la justice prompte, sévère, inflexible; elle est donc une émanation de la vertu ; elle est moins un principe particulier qu'une conséquence du principe général de la démocratie appliqué aux plus pressants besoins de la patrie*” (ROBESPIERRE, 1974, p. 332).

A *Encyclopædia Britannica* define terrorismo, como sendo o uso sistemático de violência para criar um clima geral de medo em uma população e, assim, cumprir um objetivo político particular (2019, tradução nossa)². O verbete ainda inclui um adendo de que o ato pode ser realizado por organizações políticas com inclinações direitistas ou esquerdistas, por grupos nacionalistas, religiosos, revolucionários e, também, por forças armadas, serviços de inteligência e polícias. Cambridge traz uma definição mais sucinta, mas que converge com a anterior: ações (ou ameaças) violentas para fins políticos (2019, tradução nossa)³. A palavra também podem ser definida como “ato de violência contra um indivíduo ou uma comunidade, com o objetivo de provocar transformação radical da ordem estabelecida” (MICHAELIS, 2015) ou “uso deliberado de violência, mortal ou não, contra instituições ou pessoas, como forma de intimidação e tentativa de manipulação com fins políticos, ideológicos ou religiosos” (PRIBERAM, 2008). As definições supracitadas se referem às acepções da palavra, sem levar em conta as variáveis ímpares de cada acontecimento.

A violência como meio para a obtenção de algo já era usada desde o século XVIII, ainda que não fosse conhecida sob o nome de terrorismo.

Muito antes que ataques contra civis, como artifícios para afetar o comportamento de nações e seus líderes fossem denominados de terroristas, a ação teve várias classificações. Do tempo da república romana até fins do século XVIII a prática era batizada de *guerra destrutiva*. Os próprios romanos geralmente usavam a expressão *guerra punitiva*. Não obstante, muitas campanhas militares romanas fossem de fato empreendidas como punição por traição ou rebelião, outras ações destrutivas afluíam do simples desejo de impressionar povos recém-conquistados com o temível poder dos romanos. Na Grécia antiga, o historiador Xenofonte já aconselhava a prática de assassinios em países potencialmente adversários para criar pânico entre a população virtualmente inimiga. [...] O século XIX é simbólico por testemunhar a eclosão da violência internacional, interpretada como precedente histórico do terrorismo moderno. (RAMOS; FIGUEIREDO, 2012, p.196-197)

A conceituação do terrorismo possui facetas complexas, e são muitos os envolvidos nessa classificação. Há um jogo de interesses muito bem estabelecido no que tange a definição do conceito por parte de organizações políticas, como grupos organizados e grandes potências mundiais. A Liga das Nações Unidas, estabelecida

² Traduzido do original: “*Terrorism, the systematic use of violence to create a general climate of fear in a population and thereby to bring about a particular political objective*” (*Encyclopædia Britannica*, 2019).

³ Traduzido do original: “*(threats of) violent action for political purposes*” (CAMBRIDGE, 2019).

com o fim da Primeira Guerra Mundial, definiu, em 1937, atos de terrorismo como atos criminais dirigidos contra um Estado e destinados a criar um espírito de terror em pessoas específicas, grupo de pessoas ou população em geral (LIGA DAS NAÇÕES, 1937, tradução nossa)⁴. O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, que possui um comitê de antiterrorismo, tem dificuldades de chegar a uma definição específica e clara do que é terrorismo. Em 1994, a Assembleia Geral da ONU divulgou uma resolução que estabelecia terrorismo como atos criminais intencionados ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, grupo específico ou pessoas específicas por razões políticas (ONU, 1994, tradução nossa)⁵. Dez anos mais tarde, o Conselho de Segurança especificou os atos criminais como sendo atos cometidos contra civis, cometidos com a intenção de causar morte ou lesão corporal grave, ou a tomada de reféns e acrescentou aos objetivos, intimidar uma população ou obrigar um governo ou organização internacional a fazer ou abster-se de praticar qualquer ato (ONU, 2004, tradução nossa)⁶. Uma questão que gera discordâncias dentro da Organização é sobre “quem” pode ser considerado terrorista e, até o presente momento, apenas grupos ou indivíduos o podem, Estados não.

O FBI, o Departamento Federal de Investigação norte-americano, estabelece dois tipos de terrorismo: o internacional e o doméstico. O primeiro são os atos perpetrado por indivíduos ou grupos inspirados ou associados a organizações ou nações terroristas estrangeiras (patrocinadas pelo Estado); o segundo, perpetrado por indivíduos ou grupos inspirados ou associados, principalmente, a movimentos norte-americanos que defendem ideologias extremistas de natureza política, religiosa,

⁴ Trad. do orig.: “*the expression ‘acts of terrorism’ means criminal acts directed against a State and intended or calculated to create a state of terror in the minds of particular persons, or a group of persons or the general public*” (LIGA DAS NAÇÕES, 1937, p. 6).

⁵ Trad. do orig.: “*Criminal acts intended or calculated to provoke a state of terror in the general public, a group of persons or particular persons for political purposes are in any circumstance unjustifiable*” (ONU, 1994).

⁶ Trad. do orig.: “[...] *criminal acts, including against civilians, committed with the intent to cause death or serious bodily injury, or taking of hostages, with the purpose to provoke a state of terror in the general public or in a group of persons or particular persons, intimidate a population or compel a government or an international organization to do or to abstain from doing any act*” (ONU, 2004).

social, racial ou ambiental (FBI, 2007, tradução nossa)⁷. O Governo dos Estados Unidos da América determinou, no seu Código de Leis (2006), que

o termo “terrorismo internacional” significa terrorismo envolvendo cidadãos ou o território de mais de um país. “Terrorismo” significa violência premeditada, politicamente motivada perpetrada contra alvos não-combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos. “Grupo terrorista” significa qualquer grupo praticante, ou que tenha subgrupos significativos praticantes, de terrorismo internacional. (US, 2006, tradução nossa)⁸

O Parlamento Europeu, através do seu sistema de leis, apresenta algumas características que ajudam a identificar a prática terrorista e elas são bastante similares com as citadas acima, embora tenha alguns acréscimos como o de ser um ato que visa desestabilizar seriamente ou destruir as estruturas políticas, constitucionais, econômicas ou sociais fundamentais de um país ou de uma organização internacional (EU, 2002, tradução nossa)⁹, além de citar outras ocorrências, tais como dano ao sistema de transportes, instalações de infraestrutura, captura de aviões e navios também. O Governo Britânico ainda acrescenta que uma ação projetada para interromper ou interferir seriamente o sistema eletrônico deve ser considerada como terrorista.

A Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) desenvolve ações para prevenir ataque ou o financiamento de células terroristas no país, embora o Brasil não esteja na mira de atentados terroristas. Para ela, a “prática por um ou mais indivíduos por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo

⁷ Traduzido do original: “*International terrorism: Perpetrated by individuals and/or groups inspired by or associated with designated foreign terrorist organizations or nations (state-sponsored); Domestic terrorism: Perpetrated by individuals and/or groups inspired by or associated with primarily U.S.-based movements that espouse extremist ideologies of a political, religious, social, racial, or environmental nature*” (FBI, 2007).

⁸ Traduzido do original: “*The term ‘international terrorism’ means terrorism involving citizens or the territory of more than 1 country; the term ‘terrorism’ means premeditated, politically motivated violence perpetrated against noncombatant targets by subnational groups or clandestine agents; the term ‘terrorist group’ means any group practicing, or which has significant subgroups which practice, international terrorism*” (US, 2006).

⁹ Traduzido do original: “[...] *seriously destabilising or destroying the fundamental political, constitutional, economic or social structures of a country or an international organisation*” (EU, 2002).

pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública” (ABIN, 2016) deve ser considerada terrorismo.

A Liga Árabe, uma organização regional composta por 22 estados árabes, aborda o tema como

qualquer ato ou ameaça de violência, sejam quais foram seus motivos ou propósitos, que ocorre para o avanço de uma agenda criminal individual ou coletiva, causando terror entre pessoas, causando medo por prejudicá-las, ou colocando sua vida, a liberdade ou a segurança em perigo, ou com o objetivo de causar danos ao meio ambiente ou a instalações públicas ou privadas, ou propriedade, ou para ocupar ou aproveitá-las, ou com o objetivo de pôr em risco um recurso nacional”. (SCHMID, 2011, p. 134 *apud* ALCÂNTARA, 2017, p. 26)

Por fim, é interessante trazer um conceito bastante controverso e polêmico, o “terrorismo de Estado”. Ele pode ser definido, *a priori*, como qualquer regime político, sustentado de forma violenta, em que um governo se institui e se mantém utilizando o terror como instrumento de governabilidade. Alice Nascimento *et al.* (2007) escreveu que “a implementação de um pânico generalizado, ou seja, a perda da ‘segurança subjetiva’. Quer dizer, através dessa forma de terrorismo, o Estado tem autorização para fazer o que julga necessário para o ‘bem-estar’ da população” (NASCIMENTO *et al.*, 2007, p. 96). Crimes de guerra, regimes totalitários e ditaduras poderiam ser, portanto, classificados como terrorismo de Estado, e eis aqui o principal debate sobre o assunto. Todo ato terrorista compreende uma questão política e emprega violência; todo crime de guerra também. Embora não se negue que o Terceiro Reich, a Itália de Mussolini, a ditadura militar brasileira, a guerra da Turquia contra os curdos e o governo de Pinochet sejam exemplos de terrorismo de Estado, o conceito fica difuso quando se fala, por exemplo, na “guerra ao Terror” norte-americana. Alex Schmid (2011, p. 19 *apud* ALCÂNTARA, 2017, p. 20) disse que, no caso do terrorismo de Estado, o alvo direto é certas partes da população, como oposição, minorias, entre outros.

2.2. ELEMENTOS ENVOLVIDOS NA PRÁTICA TERRORISTA

A definição da palavra por si só já é bastante polêmica e pode trazer consigo diferentes pesos e importância, mas não se pode negar que são necessários, pelo

menos, cinco elementos que qualificam e ajudam a esclarecer essa prática extremista, a saber, o terrorista propriamente dito, o propósito, o método utilizado, o alvo e a ação.

O terrorista, aquele que comete um ato de terrorismo, pode ser um indivíduo, um grupo de indivíduos ou mesmo um Estado, embora esse último seja um conceito apinhado de controvérsias e poucas são as nações que afirmam a existência de um “terrorismo de Estado”. Os terroristas, geralmente, são grupos extremistas que se articulam para cumprirem uma missão, que se reflete no ato terrorista em si. Na história dos atentados terroristas, é raro um indivíduo agindo por conta própria, sem ter qualquer tipo de ligação com grupos extremistas. Esses grupos possuem uma estrutura muito bem articulada, que se baseia em relações de controle, comando e responsabilidade, onde cada indivíduo é indispensável para alcançar o objetivo pretendido. A organização desses grandes grupos em células menores e “descentralizadas” dificulta a ação de políticas antiterrorismo. Os famosos “homem-bomba” não costumam agir sozinhos e, por mais que apenas um indivíduo esteja concretamente envolvido no ataque, ele tem uma rede terrorista por trás, da qual ele é apenas um instrumento de execução.

Um caso recente em que há dúvidas se o terrorista agiu sozinho ou se estava vinculado à alguma organização terrorista é o do atentado na Pulse, uma boate gay em Orlando, nos Estados Unidos. O atirador, Omar Mateen, alegou ter ligações com o Estado Islâmico, mas o mesmo não confirmou se o terrorista fazia parte de sua rede de combatentes. Chomsky (2005) disse que “as pessoas simplesmente não gostam de ser reduzidas a pó sob as botas de terceiros. Elas não gostam, e isso leva ao ódio” (CHOMSKY, 2005, p. 114).

O propósito terrorista, ou a motivação, depende do que o grupo busca atingir. As motivações podem ser inúmeras: religiosas, políticas, territoriais, ideológicas, racistas, etc. Quando motivados por questões religiosas, eles acreditam sacrificarem pecadores ou que aquela é uma forma de oferta ao sagrado, como a Al-Qaeda, o Estado Islâmico e o Boko Haram. Quando motivados por questões de raça, podem pretender atingir uma supremacia branca, como era (e ainda é) o caso da Ku Klux Klan (KKK) nos

Estados Unidos. As motivações políticas são as mais comuns e costumam ser presença certa nos atentados, embora possam estar vinculadas a mais um tipo de motivação. O atentado em Londres, trabalhado nesta monografia, realizou-se perto das eleições britânicas, embora não se saiba se intencionavam interferir diretamente nas mesmas. O atentado do 11 de setembro de 2001, considerado, midiática e socialmente, como o “maior atentado da história”, se deu por motivações políticas. Os curdos sofrem atentados desde o início da sua história por questões territoriais, bem como também acaba sendo a questão da Palestina. Ainda assim, nem toda violência motivada por algo maior pode ser considerado terrorismo, a menos que vitime ou intencione vitimar civis, pessoas “alheias” ao que está sendo “negociado”. Conforme Alcântara (2017), “todos os debates sobre o que é terrorismo levam em consideração uma série de argumentações distintas e que como podemos observar, o argumento irá pesar de acordo com o ponto de vista daquele que o expõe” (ALCÂNTARA, 2017, p. 14).

O método utilizado por um grupo terrorista varia conforme os objetivos pretendidos. Muitos sequestram aviões e outros meios de transporte na tentativa de pressionar as autoridades a ceder algo, sem necessariamente causar algum dano concreto à pessoa, ou eles podem usar o próprio veículo como arma, tal qual fez a Al-Qaeda com os aviões que colidiram contra as torres gêmeas, em 2001. Armas biológicas também são uma das formas de atingir a população. Em 1995, foi lançado no metrô de Tóquio, no Japão, o gás sarin em cinco ataques simultâneos; o mesmo gás foi utilizado em um ataque aéreo, em 2017, na Síria. No mesmo ano do atentado do 11 de setembro, os Estados Unidos foi vítima de um ataque biológico, através da bactéria antraz, colocada em algumas cartas e que matou cinco pessoas. A forma de violência utilizada é um modo de transmitir mensagens, ameaças e forças, além de uma demonstração explícita de poder.

Saber o alvo de um atentado é fundamental para entender o porquê desse acontecimento. Quais os objetivos visados? Quais as motivações? São perguntas que podem ser respondidas através da determinação de quem ou o que foi o alvo do ato. Atingir pessoas que não estão ligadas ao conflito é premissa da caracterização do

terrorismo e isso o distingue de outras formas violentas de exigências políticas ou sociais, como a luta armada. A promoção do medo e do terror conta com a escolha de um alvo específico, que irá desencadear as reações de pânico e medo visadas em um ato deste tipo. Países envolvidos em conflitos internacionais tendem a ser escolhidos para práticas terroristas - não é o caso do Brasil, por exemplo, que, inclusive, está envolvido em missões de paz junto à ONU em países como Congo e Croácia. Chomsky (2005) frisou, logo na primeira página de seu livro “Poder e Terrorismo” que uma abordagem do terrorismo dos fracos contra os fortes não seria possível sem que haja um confronto igualitário com o terrorismo, diga-se de passagem por vezes mais extremo, dos poderosos contra os fracos. As vítimas diretas de um atentado terroristas nem sempre são o alvo final pretendido.

Por último, o auge de toda a estratégia terrorista: a ação terrorista em si. O atentado terrorista é o ato final do show de horrores que é a prática terrorista. É sabido que as ações terroristas tentam contabilizar o maior número possível de vítimas e o suposto sucesso do mesmo depende disso. A surpresa deve, portanto, ser um coeficiente dessa complexa equação e todo atentado terrorista é um ato premeditado. Devido a isso que as agências de inteligências e comitês antiterrorismo tem sido criados em diversos países, bem como dentro da ONU, para conseguir antecipar esse tipo de atividade, assim como desarticular células extremistas, que cada vez mais se espalham mundo afora. Os homem-bomba são uma modalidade de ataque suicida, que consiste em uma pessoa, geralmente um terrorista, vestindo um cinturão com explosivos que executa um ataque para matar outras pessoas, matando a si mesmo também. Caminhão-bomba é outra forma usada por terroristas para vitimar pessoas. Geralmente, um caminhão ou uma van com bombas dentro estaciona perto de algum lugar considerado estratégico (ao lado de um hotel, como no caso do atentado da Somália) e, através de um dispositivo acionador, as bombas explodem. Boa parte dos atos terroristas envolvem bombas, devido ao seu potencial de destruição. O sequestro de aviões também é utilizado por células terroristas, como aconteceu nos Estados Unidos em 2001 e em Malta no ano de 1985, quando o grupo Abu Nidal matou cerca de

60 pessoas. A utilização de gases venenosos em atos terroristas, conhecido como ataque químico, tem sido muito utilizado em território sírio, como em Ghouta no ano de 2013 e durante a Guerra do Vietnã, com a mistura de dois herbicidas. O bioterrorismo é a utilização de agentes biológicos, como bactérias, vírus e toxinas, para causar morte e destruição, como o antraz enviado por carta para norte-americanos e, em 1984, a salmonela espalhada em um condado norte-americano. Atos terroristas envolvendo facas, pistolas e outros itens tem se tornado recorrentes pela dificuldade em rastrear esse tipo de “ferramenta”. O Estado Islâmico tem reivindicado a autoria de muitos atentados desse tipo, como em Melbourne e Paris, ambos em 2018.

Não se pode deixar de lembrar que, junto aos elementos supracitados, um atentado terrorista precisa da atenção midiática. A visibilidade proporcionada por uma cobertura da mídia é planejada por quem pratica um ato terrorista. A repercussão mundial ajuda a transmitir a mensagem de terror.

[o terrorismo é] uma forma de comunicação em massa, pelo qual um grupo terrorista diz aos seus apoiadores, “nós estamos fazendo isso por você”, enquanto adverte seus inimigos das consequências de se ignorar suas demandas. [...] É o trabalho dos meios de comunicação reportar eventos com relevância noticiosa e os eventos mais chocantes têm o apelo mais forte para a audiência. Este é também o que os terroristas querem: através de seus atos horríveis eles procuram um público mundial. (GUPTA, 2006, p. 6 *apud* ALCÂNTARA, 2017, p. 18)

Quanto mais violenta for a prática terrorista, maior será a atenção que ela receberá. Sendo assim, a cobertura midiática atingida também será maior. Se o país atingido for uma das grandes potências do mundo moderno, maior ainda a visibilidade do atentado.

As lentes que se usam para narrar um acontecimento dessa espécie e para apontar seus executores ajuda a determinar a classificação do trágico evento. O que, para uns, deve ser classificado como terrorismo, para outros pode não ser. Por exemplo, as ações da Alemanha nazista durante a Segunda Guerra. O que poderia ser considerado crime de guerra, ou mesmo terrorismo, para a população sinti e roma, não o era para a parte do povo alemão que legitimava e apoiava esse tipo de estratégia – e, cabe lembrar aqui, que não eram poucos os apoiadores do regime nazista. O próprio

Heinrich Himmler, um dos principais líderes do Partido Nazista, disse em um de seus discursos que o terror era uma arma política, geradora de respeito, e que eles [os nazistas] almejavam o temor do povo. Considerando-se que o terrorismo é um fenômeno social e politicamente construído, é preciso lembrar que a história é escrita pelos vencedores e que o terrorismo também é “uma disputa de palavras na qual quem domina a retórica sai ganhando” (ALCÂNTARA, 2017, p. 21).

Torna-se necessário compreender as raízes que estão por trás de atos tão hediondos e não se pode esquecer que costumam haver componentes que legitimam, em algum aspecto, esse tipo de ato e eles devem ser levados em conta. A lógica do poder que impera sobre o terrorismo é a de que “as ações que eu sofro são terroristas, mas as que eu pratico são estratégias de defesa”. Noam Chomsky fala, em uma entrevista ocorrida em maio de 2002, sobre uma notícia que recebeu bastante destaque nos jornais americanos sobre a descoberta de que seria possível construir bombas com muita radiação, mas que causariam pouca destruição. Ele fez uma breve comparação entre o destaque que essa notícia teve no país e a ausência de notícias sobre a revelação dos efeitos causados pela dioxina no Vietnã do Sul, uma das principais substâncias utilizadas pelo exército norte-americano para causar danos às lavouras vietnamitas durante a Guerra do Vietnã.

Aqui [nos Estados Unidos], portanto, uma reportagem sobre a nossa utilização de armas químicas, que talvez tenham matado centenas de milhares de pessoas, não é mencionada. Mas a informação de que *talvez* fosse possível fazer alguma coisa em Nova York, que *poderia* matar algumas pessoas, isso é notícia de primeira página. Essa é a diferença. Essa é a diferença entre quem tem e quem não tem importância. (CHOMSKY, 2005, p. 35, grifo do autor)

Pode-se trazer o exemplo dos Estados Unidos e o atentado do 11 de setembro de 2001. Ao que se sabe, o governo norte-americano encontrou ligações entre Saddam Hussein, presidente do Iraque no ano em questão, e o grupo terrorista Al-Qaeda. Após o atentado, o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, iniciou uma forte campanha militar contra o país e contra o talibã, que teria protegido a Al-Qaeda. A partir desse momento, está posto que o Iraque é inimigo dos Estados Unidos e facilitador dos atentados terroristas de setembro. Até então, Saddam Hussein foi aliado dos

norte-americanos no conflito com o Irã, nos anos 80. Colocando sob perspectiva, as violências cometidas por Hussein contra os norte-americanos são consideradas atrocidades, ao passo que, quando as mesmas eram cometidas contra seu próprio povo, com o apoio dos Estados Unidos, isso já muda para “mal necessário” ou “danos colaterais”. O próprio ex-presidente George W. Bush disse em 2001 “Por que eles nos odeiam? Eles odeiam a nossa liberdade”. Chomsky, linguista, filósofo, sociólogo e ativista norte-americano, recebe duras críticas pelos diálogos que faz na tentativa de mostrar que nem sempre a grande potência capitalista é somente vítima, quando esses desastres acontecem.

Ele [Saddam Hussein] é um monstro, mas fez o que fez com nosso apoio, porque nós não nos importávamos. Quase ninguém escreveu isso. De modo que, sim, eles podem demonizar Saddam Hussein, mas têm que excluir o fato de que seus piores crimes, sem termos de comparação, foram cometidos com o apoio norte-americano e britânico. E isso não é apenas demonizá-lo, é uma demonização muito seletiva. [...] Não é que não tenhamos prestado atenção. [...] Ele estava prestando um serviço valioso, por mais pavoroso que fosse. (CHOMSKY, 2005, p. 48)

A maior quantidade de vetos em resoluções do Conselho de Segurança da ONU parte dos EUA, a potência líder na guerra ao terrorismo, mas que não concede seu voto às resoluções antiterrorismo propostas pela Organização. Em 1989, juntamente com a Grã-Bretanha e a França, os Estados Unidos vetaram uma resolução que criticava a intervenção militar norte-americana na América Central, mais precisamente na Nicarágua, que acontecia há mais de uma década (SOTO, 2006). “Quando somos nós os agentes, é antiterrorismo, guerra justa e por aí vai. Quando são eles, é terrorismo” (CHOMSKY, 2005, p. 79). Não é pretensão deste trabalho relativizar o conceito de terrorismo, mas sim lançar luz sobre diferentes perspectivas de um assunto tão polêmico e de interesse mundial quanto é o terrorismo.

Naturalmente, os grupos terroristas não usam termos como “terrorismo” para descreverem seus próprios atos. Combate pela liberdade, forças de guerrilha, luta pela libertação, insurgência, resistência, revolução, guerreiros da liberdade são exemplos de denominações usadas por terrorista para referirem-se a si mesmos. Líderes de organizações, como Hezbollah e Hamas, já disseram que eles não se veem como

terroristas, mas como combatentes da resistência armada para “libertar” as suas nações. Osama Bin Laden, fundador da Al-Qaeda, disse haver uma diferença entre o terrorismo “comum” e o praticado pela organização, que ele definiu como sendo louvável, por aterrorizar os tiranos e não prejudicar inocentes. Entretanto, cabe ressaltar aqui que os inimigos opressores aos quais ele se refere são a civilização ocidental, de modo geral.

Terrorismo e resistência podem, em alguns casos específicos, serem confundidos. “Terrorismo” possui uma conotação e um estigma social negativos, ao passo que “resistência” não. Tentar estabelecer que a violência cometida nos dois casos configuram diferentes fenômenos levanta o questionamento sobre a motivação política legitimar atos de terrorismo, em outras palavras, seria dizer que os fins justificam os meios, nesse caso a libertação de uma nação justificaria atos terroristas.

2.3. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Há na história da humanidade e na história do terrorismo um momento específico que determinou a existência de uma “nova forma de fazer terrorismo” e esse marco foi o atentado do 11 de setembro de 2001 e a sua espetacularização midiática. Toda a atenção que a mídia atraiu para esse atentado específico salientou a importância das tecnologias de comunicação e também a participação na cobertura e na visibilidade de atos terroristas.

O “velho terrorismo” é o terrorismo de cunho político, seja ele separatista, anarquista, progressista, nacionalista ou étnico-nacionalista. Alguns grupos terroristas vinculavam seus atos a lutas por igualdade social e à forte oposição ao usufruto do progresso por apenas parte da população, como era o caso do grupo Tigres da Libertação do Tâmil¹⁰ no início de sua existência. Pode-se dizer, de certa forma, que o velho terrorismo colocava certos limites às violências cometidas ao tentar eliminar figuras estratégicas e representativas daquilo que queriam combater, sem

¹⁰ Os Tigres Tâmeis são um grupo terrorista criado a partir do desejo da formação de um estado independente no norte do Sri Lanka. Atribui-se ao grupo a primeira utilização de um cinturão-bomba. Após o tsunami na Tailândia, em 2004, os Tigres realizaram uma força-tarefa para enviar ajuda humanitária aos atingidos.

necessariamente atingir inocentes, além de ser percebido como uma ameaça muito mais nacional, do que internacional (RAMOS; FIGUEIREDO, 2002). Este terrorismo era muito mais localizado, regional, não-globalizado e costumava envolver questões de independência, nacionalismo e separatismo. Sob essa perspectiva, poderiam ser considerados grupos terroristas, pelo menos em algum momento de suas histórias, o Exército Republicano Irlandês (IRA), a organização Pátria Basca e Liberdade (ETA), o Congresso Nacional Africano (ANC), a Frente de Libertação da Argélia, os grupos sionistas Irgun e Lehi, entre outros.

O “novo terrorismo”, ou terrorismo em rede, é globalizado, não se prende a barreiras geográficas ou nacionais, e, por isso, é uma ameaça internacional. A opinião pública internacional é visada nesse tipo de terrorismo e ele sabe que pode contar com a midiatização de todas as suas ações, pois é algo que os novos tipos de mídia proporcionam: um espetáculo ao vivo. Os grupos terroristas sabem que quanto mais dramático for o “espetáculo”, mais tempo terão a atenção da mídia e assim poderão divulgar suas mensagens, seus objetivos e firmar suas ameaças. Os métodos utilizados pós 11 de setembro também estão mais agressivos e não poupam ninguém, nem os “inocentes”. O conceito de “inocentes” também fica um pouco difuso aqui, pois, para os grupos extremistas, não há inocentes - todo aquele que vive sob o regime que eles condenam está de acordo com o mesmo, portanto devem ser responsabilizados (RAMOS; FIGUEIREDO, 2002). O terrorismo atual é contrário às concepções de liberdade e direitos para todos e se configura de forma essencialmente conservadora, por isso são organizações fundamentalistas, seitas apocalípticas e grupos tradicionalistas compõem esse novo tipo (RAMOS; FIGUEIREDO, 2002). Ele é indiferente ao alvo que será atingido e aplica-se a lei de “quanto mais, melhor”. O novo terrorismo de toco nada tem, ele está inserido no mundo globalizado, conta com integrantes de nível educacional elevado (SZUSTER, 2013), além de muitas vezes possuir financiamentos de Estados que ajudam na manutenção de campos de treinamentos e no recrutamento de novos integrantes (RAMOS; FIGUEIREDO, 2002).

Schmid (2011, p. 233 *apud* ALCÂNTARA, 2017, p. 33-34) apresentam características que configuram esse novo tipo de terrorismo, a saber

1. Tentativas de adquirir armas de destruição em massa;
2. Fanatismo religioso;
3. Terrorismo catastrófico;
4. Porosidade de fronteiras;
5. Comunicação global;
6. Pontes de diáspora (conflitos portáteis);
7. Camicase, terrorismo suicida;
8. Expansão da gama de alvos (CICV¹¹, ONU);
9. Ligações com o crime organizado;
10. Novas fontes de financiamento;
11. Estados falidos e fracos como refúgios seguros;
12. Novos tipos de armas (por exemplo MANPADS¹²) (SCHMID, 2011, p. 233 *apud* ALCÂNTARA, 2017, p. 33-34)

2.4. GRUPOS TERRORISTAS CONTEMPORÂNEOS

Os grupos terroristas contemporâneos abordados neste trabalho são dois: o Al-Shabaab, que possui vínculos com a Al-Qaeda, e o Estado Islâmico. A atuação do primeiro restringe-se a países do Chifre Africano, como a Somália. A área sob domínio do grupo Estado Islâmico compreende países como Iraque e Síria, embora parte de seus atentados terroristas aconteça em países ocidentais, como Estados Unidos e França. A seguir, é possível compreender quem são esses grupos e o que eles buscam com seus atos terroristas.

2.4.1. Al-Qaeda

A Al-Qaeda é uma organização fundamentalista islâmica, fundada por Osama Bin Laden, nos anos 80. Entretanto, ela só ficou mundialmente conhecida após o atentado do 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, sobre o qual declarou a autoria. O atentado em questão fez mais de três mil vítimas e é considerado o maior atentado terrorista do mundo.

Foi a invasão do Afeganistão pela União Soviética, em 1979, que incitou a criação de um grupo insurgente que lutasse pelos direitos do povo afegão e resistisse contra a ocupação soviética no país. Após a retirada dos soviéticos com o fim da

¹¹ Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

¹² *Man-Portable Air-Defense system* (mísseis portáteis).

Guerra Fria, o grupo, formado por combatentes afegãos, recebeu o nome de Al-Qaeda (“A Base”, em árabe). Durante a Guerra do Golfo, militares sauditas se opuseram fortemente à presença dos Estados Unidos em solo árabe e, por volta de 1995, Bin Laden realizou seus primeiros atentados junto à organização contra instalações norte-americanas no Afeganistão. O novo foco passou a ser, então, enfraquecer o poder norte-americano e atacar a cultura do mundo ocidental, que vai contra os ideais da lei da *sharia*¹³.

A rede *Al-Qaeda* foi concebida nesse contexto histórico, com a fusão de facções islâmicas ultrarradicais, conexões espalhadas pelo mundo - inclusive nos Estados Unidos - país que seria o alvo do mais arrojado ataque executado pela organização. A Al-Qaeda possuía o código genético do terrorismo, seu rastro de sangue e destruição ficaria mundialmente famoso em 11 de setembro de 2001. (RAMOS; FIGUEIREDO, 2012, p. 202)

A estrutura organizacional da Al-Qaeda não é fortemente estabelecida e, apesar de saber-se que está presente pelo mundo inteiro, não é possível precisar o número de integrantes da organização, nem o seu potencial bélico real. O objetivo do grupo extremista é a criação de um Estado Islâmico, que seja regido segundo as leis do Corão e, por ser fundamentalista, pressupõe o rompimento com tudo que seja ou represente o Ocidente e seu estilo de vida. Uma das ideias centrais é de que a organização “combate” um grande mal e que os muçulmanos devem unir-se para combatê-lo.

O crescimento do fundamentalismo também precisa ser entendido como uma reação aos governos corruptos e ditatoriais de vários países do Oriente Médio, onde a conquista da independência política não significou a eliminação das interferências externas das grandes potências mundiais e onde as populações não veem perspectivas para melhoria nas condições de suas vidas. (RAMOS; FIGUEIREDO, 2012, p. 200)

A Guerra ao Terror, a invasão e ocupação de diversos países do Oriente Médio iniciada pelos Estados Unidos após o atentado de 2001, foi uma resposta às investidas terroristas da Al-Qaeda. Em 2011, tropas estadunidenses capturaram e mataram o fundador da organização, Osama Bin Laden. O líder foi substituído por Ayman al-Zawahiri, que manteve o grupo terrorista com os mesmos objetivos de Osama,

¹³ A *sharia* é o código de leis, o direito, islâmico. É a estrutura legal que rege a vida dos seguidores do Islã.

embora a atuação do grupo tenha diminuído com o passar dos anos. Atentados terroristas de autoria da Al-Qaeda têm sido menos frequentes nos últimos anos, entretanto a atuação do grupo tem sido relacionada com grupos menores, como é o caso do Al-Shabaab.

2.4.1.1. Al-Shabaab

O Al-Shabaab (“a juventude”, em árabe) é uma organização extremista, da vertente jihadista, que busca aplicar um governo pautado na *sharia*. O escopo de atuação do grupo é essencialmente na Somália, embora haja indícios de expansão para países do Chifre Africano, bem como países da Europa e América do Norte (TAARNBY; HALLUNDBAEK, 2007). A origem do Al-Shabaab está vinculada a um grupo fundamentalista que atuou no país nos anos 80 e 90, a União das Cortes Islâmicas¹⁴ (UCI), que eram opositoras ao governo somali e apoiadoras da implementação de um Estado Islâmico. O governo interino da Somália enfrentava uma guerra civil contra as milícias islâmicas da UCI, quando em 2006, forças militares da Etiópia se envolveram no conflito, para liquidar com atuação miliciana no país. O Al-Shabaab surgiu nesse clima de instabilidade, sendo uma ala radical da UCI em meio à resistência às forças etíopes. No ano seguinte, o grupo afirmou ter ligações com a Al-Qaeda, o que atraiu a atenção de países ocidentais, bem como da ONU. Em diversas ocasiões o líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, fez pronunciamentos declarando seu apoio aos insurgentes somalis e frisando a importância da união dos povos que buscam governos baseados na *sharia* em um grande *jihad*¹⁵. O líder do Al-Shabaab na ocasião, Ahmed Abdi Godane, disse em um vídeo, após a morte de Bin Laden, que obedecia aos comandos da Al-Qaeda.

Apesar de não estar mais no domínio da capital Mogadíscio desde 2011, o grupo ainda domina boa parte das áreas rurais do país. O grupo possui ligações com outros grupos extremistas, como o Boko Haram¹⁶, embora não se saiba de relações com o

¹⁴A União das Cortes Islâmicas era um conselho miliciano autoproclamado por líderes islâmicos que atuou na Somália nos anos 2000 e acabou no final de 2006.

¹⁵*Jihad* significa “luta” em árabe e é a Guerra Santa travada pelos extremistas islâmicos.

¹⁶*Boko Haram* é o grupo terrorista que busca a implantação da *sharia* na Nigéria.

ISIS. Como boa parte dos grupos terroristas do século XIX, o Al-Shabaab usa redes sociais, como Facebook e Twitter, para recrutar novos combatentes e espalhar informações sobre suas atividades.

A evidência de um processo altamente organizado e estruturado, desde a avaliação inicial, doutrinação, recrutamento até preparação de viagens, manipuladores locais, abrigos e campos de treinamento mostra a capacidade e o alcance global do *Al-Shabaab*. Embora os canais também existissem durante a era da UCI, eles agora parecem ter aumentado e se solidificado. (TAARNBY e HALLUNDBAEK, 2007, p. 59)

O Al-Shabaab é o terceiro grupo terrorista que mais matou pessoas por conta de seus atentados, no ano de 2017, ficando atrás do Talibã e do líder do ranking, o Estado Islâmico da Síria e do Levante (STATISTA, 2018d).

2.4.2. Estado Islâmico (ISIS)

O grupo terrorista Estado Islâmico será analisado, pois está relacionado ao chamado “novo terrorismo” e tem assumido a autoria da maioria dos atentados realizados em países do Ocidente, sendo a organização terrorista que mais mata no mundo (STATISTA, 2018d).

Os primeiros movimentos para a criação de um Estado Islâmico começaram em meio à Guerra no Iraque, em 2003. Uma rede de insurgentes em território iraquiano começou a ser organizada por Abu Musab al-Zarqawi, o fundador do que hoje conhecemos como Estado Islâmico ou *ISIS*, a sigla em inglês para Estado Islâmico do Iraque e da Síria (AL-TAMIMI, 2015, *online*). O islamismo, a religião monoteísta fundada por Maomé e que tem suas doutrina no livro sagrado Corão, possui três vertentes: sunismo, xiismo e sufismo. As duas primeiras são as principais e com maior número de seguidores, e a relação entre seus seguidores é bastante conflituosa. Os sunitas, a vertente mais ortodoxa do islamismo e também a corrente majoritária, acreditam que não é a descendência direta à Maomé que possibilita que alguém seja o líder de um califado¹⁷, o califa¹⁸, mas sim alguém que é justo, correto e que segue o Corão à risca

¹⁷ O califado é o sistema de governo buscado pelos fundamentalistas do Islamismo. É uma forma de governo monárquica, em que seu chefe de Estado assume funções políticas, religiosas, militares e judiciais.

¹⁸ É o líder de um califado, sucessor do profeta Maomé, que tem o poder de aplicar a lei islâmica no seu território.

(MACEDO, 2014). Dentro da vertente sunita, existe um grupo de pessoas que entendem que para alcançar o objetivo de uma única nação é preciso servir-se de uma luta violenta para eliminar todos os obstáculos, que, no Ocidente, são chamados de *jihadistas*. Os seguidores dessa vertente acreditam que os xiitas desvirtuam as leis sagradas por serem “liberais” demais e, assim sendo considerados infiéis, devem morrer. Eles também não aceitam outras crenças dentro do Oriente Médio, que pretendem tornar em um único califado, e possibilitam três alternativas para esses: a conversão ao islamismo sunita, o pagamento de uma espécie de taxa religiosa ou a pena de morte (MAGALHÃES, 2015).

A primeira manifestação pública oficial sobre um grupo que buscava a criação de um Estado islâmico organizado foi em 2006 e boa parte do que sabe sobre esse período inicial são pautados em documentos não-oficiais, mas que ajudam a lançar luz sobre as origens do movimento e a ascensão dos seus objetivos (AL-TAMIMI, 2015). A autoprocamação desse grupo se deu de forma “precipitada” por eles não terem todos os elementos necessários para o sustento de um Estado, mas foi uma forma de dar vida ao projeto. Em 2009, houve um segundo pronunciamento oficial sobre a formação do Estado e, embora enfraquecido, ele era capaz de realizar ataques terroristas graves, sendo (re)conhecido mundialmente. Foi só em 2013, após expandir seu território para áreas sírias, que aconteceu a nova denominação do grupo: Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ou também “do Levante”). Também neste ano, após fixar sua dominação sobre as cidades de Raqqa e Azaz, o E.I. estabeleceu uma Corte Islâmica (AL-TAMIMI, 2015). O *modus operandi* de expansão e desenvolvimento do grupo vinha sendo, até então, considerado lento e construído aos poucos, como forma de evitar ações coordenadas de desmanche do Estado (AL-TAMIMI, 2015). A partir de 2014, a Corte Islâmica passou a julgar com mais rigor as leis da *sharia* sobre as ações consideradas crimes pelos sunitas, como a pena de morte para a blasfêmia, a aplicação de chibatadas para o consumo de álcool e crucificação para casos de roubo, e as movimentações para alcançar o objetivo do califado passam a ser mais extremas e a atuação do grupo terrorista se expande (AL-TAMIMI, 2015, *online*).

O grupo, por ter entre seus objetivos a criação de um Estado, possui uma proposta “organizada” de governo, bastante similar à qualquer outro Estado, tal como sistemas de educação, serviços públicos, saúde, segurança pública, relações públicas, agricultura, forças militares e de defesa. Os reais objetivos do grupo e a forma utilizada para atingi-los é o que preocupa o mundo. Cabe lembrar que, de acordo com o sistema de leis e valores aplicado pelo grupo extremista, todo o Ocidente é visto como inimigo e precisa ser combatido, por isso o ataque a qualquer civilização que represente o que eles buscam destruir.

O grupo extremista consegue conquistar cada vez mais combatentes ao redor do globo e a organização por meio de células terroristas descentralizadas dificulta o rastreamento de suas atividades e prevenção contra seus ataques. Os seguidores da política do Estado Islâmico estão infiltrados no mundo ocidental e, por isso, o *ISIS* consegue executar seus atentados com frequência e violência. Graças à nova forma de fazer terrorismo, o terrorismo em rede, o EI consegue atingir cada vez mais pessoas e não se limita mais a barreiras geográficas. As fontes de financiamento do grupo terrorista são desconhecidas, mas suspeita-se que venham de cerca de 40 países, entre eles doadores privados de países do Golfo Pérsico (MAGALHÃES, 2015). A Al-Qaeda diz que o Estado Islâmico é um grupo insurgente que “veio dela”, já o E.I. afirma que não se derivou de nenhum outro grupo.

Recentemente, em abril, o atual líder do grupo terrorista Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi, que havia passado cerca de 5 anos sem aparecer na mídia, manifestou-se e prometeu reagir à perda de territórios enfrentada pelo grupo. Tal declaração pôs o mundo ocidental em alerta novamente.

Mesmo com todas as informações que se tem atualmente sobre as práticas terroristas, o terrorismo segue sendo um dos principais desafios mundiais e o combate a ele reúne esforços de muitas nações. Pode-se afirmar que o atentado terrorista é uma das formas mais vis e bárbaras de violência da atualidade. A sociedade, de modo geral, costuma se manifestar em solidariedade às vítimas desses ataques e, mais adiante, será possível verificar parte dessas manifestações no meio digital.

3. COMUNICAÇÃO E REDES SOCIAIS

A comunicação faz parte do cotidiano da vida do ser humano desde o início de sua existência. Graças a ela, a vida em sociedade, uma necessidade da humanidade, é possível. A comunicação não é apenas a emissão ou a recepção de mensagens, ela é uma forma de pertencer e existir no mundo. O capítulo a seguir dedica-se às conceituações de Opinião Pública, Redes Sociais e Facebook.

3.1. A OPINIÃO PÚBLICA

A Opinião Pública trabalhada neste capítulo é importante para a compreensão do contexto em que o objeto de análise deste trabalho está inserido. A forma como os indivíduos acessaram as informações sobre os atentados de Londres e de Mogadíscio e o modo como se posicionaram a respeito deles está diretamente relacionada ao conceito de Opinião Pública. A seguir serão apresentados alguns esclarecimentos sobre o tema e seus elementos mais importantes para a construção do presente estudo.

Opinião Pública é, conforme Lippmann (2010), composta pelas imagens a respeito de algo ou alguém que são perpetradas no imaginário dos indivíduos por um grupo de pessoas, agindo em nome de interesses próprios. Sendo assim, a Opinião Pública não pode ser definida, como frequentemente é, como sendo uma mera opinião advinda do público, mas sim como opiniões reconhecidas como não-particulares, ou seja, públicas. Entender a construção do conceito de Opinião Pública e de suas características é fundamental para a compreensão da relação entre a mesma com o objeto de estudo do presente trabalho. A Opinião Pública, sendo uma construção social que “diz respeito a fatos indiretos, invisíveis e embaraçosos” (LIPPMANN, 2010, p. 39), têm grande influência sobre a percepção social de acontecimentos grandiosos, distantes e complexos, tal qual um atentado terrorista.

Aqueles aspectos do mundo exterior que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião pública. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões públicas. Aquelas imagens que

são feitas por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome dos grupos, é Opinião Pública com letras maiúsculas. (LIPPMANN, 2010, p. 40)

Conhecimento direto, livre de pré-concepções, edições ou influências, no ambiente real, é utópico. O espaço entre o ser humano e seu ambiente real, que deveria ser preenchido por esse conhecimento direto, é chamado de pseudo ambiente. O pseudo ambiente são as imagens de mundo criadas através de terceiros, geralmente as mídias e noticiários, que podem ser vistos como “mediadores” desse espaço. Ele é um “composto híbrido de natureza humana e condições” (LIPPMANN, 2010, p. 37) e é nesse pseudo ambiente que as informações a respeito de grandes acontecimentos, distantes geograficamente, são montadas, transformadas e reproduzidas. As informações que chegam aos indivíduos, em uma situação de atentado terrorista, por exemplo, já estão carregadas dos estereótipos de quem as divulgou, mas elas também são recebidas com outros estereótipos, pertencentes aos receptores. Segundo Lippmann (2010), os estereótipos são as lentes com as quais enxergamos o mundo. Antes mesmo de compreendermos o que estamos vendo, já estamos julgando. O julgamento se dá a partir de estereótipos presentes não apenas em nossos repertórios individuais, baseados em nossas experiências pessoais, mas em um repertório coletivo construído por todos, enquanto sociedade.

Os estereótipos podem ser cunhados como imagens mentais que ajudam o ser humano a processar informações, e eles são fortemente influenciados pelo sistema de valores desse indivíduo. Esses pré-conceitos são inevitáveis e auxiliam no processamento da informação, mas também “introduzem enviesamentos na seleção, interpretação, memorização, recuperação e uso” da mesma (CABECINHAS, 2004, p. 3). Os atravessamentos no processo informacional podem levar a uma transfiguração do relato e, em algum nível, alterar a informação transmitida. Lippman (2010) fala sobre a relação entre o que vemos e o lugar em que estamos inseridos.

Ainda assim os testemunhos não trazem de volta uma imagem inocente da cena. A experiência parece trazer algo à cena que mais tarde retira dela. O que frequentemente se imagina ser o relato de um evento é, na realidade, a sua transfiguração. Poucos fatos na consciência parecem ser meramente dados. A maior parte dos fatos na consciência parece ser em parte feita. Um relato é o produto conjunto do conhecedor e do conhecido, no qual o papel do observador é sempre seletivo e usualmente criativo. Os fatos que vemos dependem de

onde estamos posicionados e dos hábitos de nossos olhos. (LIPPMANN, 2010, p.83-84)

Um estudo publicado no ano de 1933, realizado por Daniel Katz e Kenneth Braly, permite uma reflexão sobre o que são esses estereótipos. O trabalho empírico da dupla consistiu na apresentação de um rol de 84 adjetivos, do qual 100 alunos da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, precisaram escolher os cinco mais proeminentes para dez grupos, sendo eles: alemães, americanos, chineses, ingleses, irlandeses, italianos, japoneses, judeus, negros e turcos. Os americanos brancos “foram considerados empreendedores, inteligentes, materialistas, ambiciosos e progressistas, enquanto os ‘negros’ foram considerados supersticiosos, preguiçosos, despreocupados, ignorantes e musicais” (CABECINHAS, 2004, p. 11). A classificação positiva de americanos brancos e a negativa de negros estava de acordo com o contexto social da época, o “*american dream*” como ideal de felicidade. O resultado do estudo evidencia a presença dos estereótipos na sociedade e como eles influenciam nas lentes pelas quais o mundo é visto e interpretado por cada um. Cabe ressaltar que nos Estados Unidos dos anos 30, grupos de supremacia racial, como a Ku Klux Klan, que reforçavam os ideais de segregação racial estavam “em alta”. Assim, entende-se que os estereótipos são construções socioculturais, que dependem do pseudo ambiente do indivíduo, além do mais

os estereótipos são crenças transmitidas pelos agentes de socialização (família, escola, meios de comunicação social, etc.), o que explica o consenso dos estereótipos face aos diversos grupos sociais, a sua independência do conhecimento ‘real’ dos membros desses grupos e a sua dependência do contexto histórico e cultural. (CABECINHAS, 2004, p 11)

Ainda no mesmo artigo, Cabecinhas (2004) fala sobre a reprodução de estudos nesse mesmo estilo na década de 50 e como eles mostravam uma diminuição desses estereótipos sobre integrantes de minorias étnicas. Entretanto, o conteúdo dos estereótipos “positivos” associados à negros diziam respeito a adjetivos referentes a características, essencialmente, superficiais.

Mas, se analisarmos o conteúdo do estereótipo dos ‘negros’ à luz dos valores da sociedade ocidental, constatamos que esta ‘nova visão’ dos negros corresponde mais a uma mudança facial do que profunda, já que a este grupo

são negadas as características instrumentais necessárias para participarem no desenvolvimento e progresso da sociedade, sendo-lhes atribuídas características expressivas e exóticas, o que, embora apresentando uma conotação positiva nas camadas juvenis, continua a retirar-lhes o estatuto de pessoa adulta, responsável e com capacidade de realização. De salientar que este padrão de resultados continua a ser encontrado hoje em dia em estudos realizados em diversos países ocidentais relativamente às minorias de origem africana. (CABECINHAS, 2004, p. 12-13)

Talvez isso possa ajudar a clarificar as diferentes atenções que costumam ser dadas a eventos trágicos, tal qual atentados terroristas ou mesmo eventos cataclísmicos, quando eles acontecem em nações social e culturalmente distintas. Lippmann (2010) diz que “não há tempo nem oportunidade para conhecimento íntimo. Em vez disso observamos um traço que marca um tipo muito conhecido, e o resto da imagem preenchemos com os estereótipos que carregamos nas nossas cabeças” (LIPPMANN, 2010, p.91). Possivelmente, se os estudos supracitados fossem realizados em outra localização, como os países de origem dessas minorias étnicas, os resultados poderiam ser diferentes, pois os estereótipos intrínsecos a eles seriam outros.

A tentativa de ver todas as coisas de uma nova maneira e em detalhe, mais do que tipos e generalidades, é exaustivo, e nos assuntos muito intensos praticamente fora de questão. (LIPPMANN, 2010, p.90)

Além dos estereótipos, que interferem nas concepções de mundo do indivíduo, tem-se também limitações quanto às fontes de onde vêm as informações sob as quais constroem-se as opiniões e quanto ao público que as recebe. O público é limitado, na medida em que se coloca no papel de mero espectador e consumidor daquilo que está sendo apresentado. Ele é, na verdade, parte muito ativa desse processo de comunicação, mas, muitas vezes, não assume completamente esse papel, deixando-se à mercê daquilo que chega até ele. Silva (2016) disse sobre o público que, incapaz de compreender as minúcias do problema apontado, “é extremamente dependente dos meios de comunicação, em especial da imprensa e da propaganda, para formação de suas opiniões - o que acentua suas limitações” (SILVA, 2016, p. 61). Ramos e Figueiredo (2012) falam sobre a carência de contexto nas notícias trazidas por esses meios de comunicação que, por vezes, falham ao apresentar o conteúdo de forma incompleta.

Não raro as notícias são afetadas pela carência de localização temporal. São relatadas como se não tivessem causas passadas nem efeitos futuros. Brotam como fatos pontuais, às vezes sem continuidade no tempo, sem origem e sem consequências. (RAMOS; FIGUEIREDO, 2012, p. 212)

Essa carência pôde ser observada quando buscou-se compreender o contexto histórico e entender as causas dos atentados descritos neste trabalho. Por um lado, as informações, através de notícias jornalística, chegaram até o público com muita rapidez; por outro, as informações não contextualizavam o cenário dos ataques, sem se importar com o entendimento, por parte do público, dos porquês que cingiram o acontecimento. No caso da Inglaterra, talvez não fosse completamente necessária uma contextualização da história e dos conflitos do país, posto que ela é uma das principais economias do mundo e constantemente está em evidência na mídia. Já no caso da Somália, houve uma falha nessa contextualização, especialmente na mídia brasileira, sobre o país e seus elementos, que ajudassem a compreender o que estava acontecendo por lá. As pessoas atuam “com base na situação real que ela *imaginam*, a partir das representações que a imprensa lhes proporciona” (SILVEIRINHA, 2004, p. 431, grifo nosso), não em função daquilo que acreditam ter acontecido. Cabe ressaltar, inclusive, que há um contraste dentro da própria maneira utilizada para referir-se aos eventos. Em um caso, utiliza-se o nome da cidade - atentado em Londres; em outro o do país - atentado na Somália.

Silva (2016) cita John Dewey (1954) sobre a responsabilidade e a dificuldade do público de lidar com o que lhe é apresentado que tem a ver com o contexto social, cultural e político no qual ele está inserido, pois não há “na vasta complexidade de um mundo interconectado, clareza sobre o que afeta os sujeitos ou sobre os interesses em questão”.

O público, inicialmente, sofre. [...] Afetado, ele reage. O público se posiciona perante aquilo que o afeta, produzindo e compartilhando sentidos, adotando comportamentos e fazendo escolhas, assumindo, portanto, um papel de agente. O público busca intervir sobre a situação que *lhe* afeta, e o sofrer e o agir não podem ser separados, eles são aspectos encontrados na própria essência do que é um público para Dewey. (SILVA, 2016, p. 62, grifo nosso)

Considerando-se que “a opinião pública é a visão relativa a um acontecimento, obtida por crítica e deliberação racional, que gera um impulso colectivo que domina sobre um público” (SILVEIRINHA, 2004, p. 430), a formação da mesma precisa da ponderação do público acerca daquilo que está em pauta - ela precisa da discussão, do debate público. Para que haja essa formação, é preciso que haja trocas comunicacionais entre os participantes do público e é necessário, também, instrumentos de mediação. Ela é um processo contínuo e não representa unanimidade, nem a opinião de uma maioria (ANDRADE, 1964). O autor traz duas principais leis que, segundo Cantril (1947), regem a opinião pública: ela é muito sensível aos acontecimentos importantes e, em geral, ela apenas reage às emergências (CANTRIL, 1947 *apud* ANDRADE, 1964).

As reações do público sobre um acontecimento estão diretamente relacionadas a como esse público acessou ou recebeu as informações do evento. O fluxo de informações que mais exerce influência sobre como o público as entende e as processa é o proveniente das mídias massivas, como jornais impressos, noticiários de televisão e programas de rádio. A imprensa, mesmo com suas limitações, é uma das principais ferramentas na construção das informações, por vezes enfocando certas realidades e fatos, em uma tentativa de guiar a percepção do indivíduo sobre determinado acontecimento. O papel da imprensa é de extrema importância para a Opinião Pública. Lippmann (2010) diz que a imprensa cria “uma força mística denominada opinião pública” e que ela pode ser vista como “um raio de holofote que se move sem descanso, trazendo um episódio e depois o outro fora da escuridão à visão” (LIPPMANN, 2010, p. 307-308). E assim ela é percebida até hoje, mesmo após a ascensão das mídias digitais. As redes sociais deram espaço a um novo canal de comunicação e, mesmo na ambiência digital, ela influencia bastante na recepção de informações por parte do público, além de potencializar a voz da imprensa, pois a mesma também faz uso das ferramentas *online*.

A elucidação sobre o conjunto do mundo exterior com as nossas imagens mentais de percepção desse mundo é indispensável para a construção desse trabalho.

A Opinião Pública tem papel primordial na análise de como os indivíduos acessaram e compartilharam as informações através do Facebook. Os estereótipos estão presentes em todas as nossas interações sociais, culturais e políticas, por isso não há motivos para crer que não estão presentes também em casos de atentados terroristas. A imprensa dá luz aos interesses do público e também ajuda a estabelecer quais são esses interesses. Com a ascensão da comunicação virtual, uma nova forma de se comunicar ganhou espaço e se estabeleceu no cotidiano dos indivíduos: as redes sociais.

3.2. REDES SOCIAIS

Mais do que apenas uma ferramenta tecnológica, propiciadora de conhecimento e propagadora de informações, o computador é, hoje em dia, uma ferramenta social fundamental para a “compreensão da sociabilidade na contemporaneidade” (RECUERO, 2012, p. 21). Recuero (2012) discorre sobre uma das práticas comunicacionais mais frequentes da pós-modernidade, aquela realizada através de um aparato tecnológico que aproxima os que estão distantes e, contraditoriamente, pode afastar os que estão próximos: a Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). A compreensão deste conceito se faz necessária para fundamentar a última base teórica deste trabalho, pois ela facilita a rápida comunicação e troca de informações entre vários indivíduos, sem demandar muitos recursos e sem a necessidade desses indivíduos situarem-se na mesma localização geográfica para que ela aconteça.

A CMC é a comunicação entre seres humanos que se utiliza dos recursos técnicos das ferramentas digitais para se concretizar, tal qual o computador. Esse tipo de comunicação não pode ser observado sem levar em conta os diversos aspectos culturais e sociais que o constroem. As trocas que acontecem entre os atores envolvidos no ambiente digital não podem ser tratadas e analisadas como sendo apenas uma “simulação” da conversação oral tradicional. Pois, elas sofrem processos de ressignificação e, com isso, adquirem novas características, próprias desse meio.

Novas propriedades integram essa mediação como, por exemplo, a utilização de *hashtags*¹⁹, que é inerente ao ambiente digital.

De acordo com Riva e Galimberti (1998), “a existência da conversação no ambiente virtual depende de um contexto comum que precisa ser negociado pelos participantes da ferramenta” (RIVA; GALIMBERTI *apud* RECUERO, 2012, p. 26). Tudo o que compõe uma conversação tem um caráter informacional, portanto todos os elementos utilizados por esses atores comunicam, ou ajudam a comunicar, algo. Recursos da conversação tradicional, como tons, olhares e gestos, são substituídos por elementos virtuais, como *gifs*, *emojis* e *memes*. São esses elementos (virtuais) que ajudam a criar parte do contexto daquilo que está sendo negociado como também a influenciar a conversação no ciberespaço. Assim, torna-se imprescindível que os participantes dessa conversação “compreendam e legitimem os enunciados um do outro, alternando-se na fala e negociando o contexto no processo” (RECUERO, 2012, p.28). A negociação do contexto entre os indivíduos envolvidos nesse processo acontece em um espaço virtual, no qual a comunicação é construída, o ciberespaço, que pode ser compreendido como:

Um fórum privilegiado para a abordagem dos possíveis reflexos e desdobramentos do desenvolvimento dos sistemas de realidade virtual e das redes digitais de comunicação sobre os estatutos do espaço e do tempo é o chamado 'ciberespaço' - aqui entendido como o conjunto de informações codificadas binariamente que transita em circuitos digitais e redes de transmissão. A partir das intrincadas relações estabelecidas nesse sistema, emergem as referências a um 'espaço informacional', indicando o caráter teórico que embasa a concepção da espacialidade do ciberespaço. (FRAGOSO, 2000, p. 105)

O ciberespaço, por ser um ambiente mediado por máquinas e por contar com a “presença” de atores virtuais, caracteriza-se como sendo um espaço que possibilita o anonimato. A conversação mediada em um espaço virtual possui características ímpares e inerentes ao ambiente cibernético, como a assincronicidade. A conversação assíncrona é aquela que acontece em uma linha temporal não-imediata, possibilitando que os atores revisitem o que foi dito em um momento diferente daquele em que foi

¹⁹ A *hashtag* é uma “etiqueta” que permite a seleção de textos de um determinado assunto, servindo assim como uma ferramenta contextual. Ela é originária do *Twitter*, mas já pode ser observada em outros sites de redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*.

dito, sendo assim “o sequenciamento da conversação é diferente, pois está espalhado no tempo” (RECUERO, 2012, p. 51). Esse tipo de conversação é observado em sistemas de e-mails e sites de redes sociais. Já o imediatismo na resposta, como em uma sala de bate-papo virtual, caracteriza as conversações síncronas - é preciso estar naquele ambiente, no momento em que a conversação está acontecendo para que se tenha acesso a ela e para que seja possível a interação entre os atores. Ainda, é possível que uma conversação seja ora síncrona, ora assíncrona, e isso acontece em função do caráter mutante das conversações no ciberespaço (RECUERO, 2012) como, por exemplo, é o caso do aplicativo de mensagens Whatsapp. O site de rede social Facebook, que possibilita a conversação assíncrona, é também o ambiente virtual no qual os indivíduos se agrupam de acordo com diferentes critérios, como inclinações políticas, eventos sociais ou mesmo grupos de interesse. Devido a sua assincronicidade, o pertencimento do indivíduo aos grupos que ali estão não está subordinado à sua presença simultânea ao dos demais. Por exemplo, é possível tornar-se membro de um grupo do Facebook em qualquer momento desde a sua criação.

Mesmo o ser humano sendo dotado de capacidades intelectuais e cognitivas que se desenvolvem de forma natural e inerente à cada indivíduo, há nele uma necessidade de relacionar-se com outros indivíduos, geralmente indivíduos esses que compartilhem de ideias e princípios semelhantes aos seus. O conceito de grupo surgiu no século XVII e define uma “reunião” de pessoas, uma classificação que estaria entre o “indivíduo” e a “massa”. Os grupos sociais precisam de alguns elementos para serem classificados assim, tal como “o contato entre pessoas e a busca de um objetivo comum, a interdependência entre seus membros, a coesão ou espírito de grupo que varia, podendo ir da dispersão à unidade” (CARLOS, 1998, p. 201). O conceito de grupo é importante para dar luz ao que faz com que as pessoas busquem esse ajuntamento, mesmo no ambiente virtual. Olmsted define grupo como “uma pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes de que têm algo significativamente importante em comum” (OLMSTED,

1979, p. 12 apud CARLOS, 1998, p.201). A formação de grupos “de interesse” no ambiente real e virtual, aliada às tecnologias comunicacionais ajudam a expandir e manter a globalização do mundo e a sua pluralidade de culturas.

Um das características do mundo globalizado em que o século XXI está inserido é a importância das tecnologias na vida cotidiana. Cada vez mais, elas assumem novos papéis e possibilitam novas experiências ao homem pós-moderno. A comunicação em rede permite que essa globalização seja instantânea, eficiente e atinja boa parte da população mundial. As redes sociais auxiliam os indivíduos a manterem-se organizados em grupos sociais, através da mediação das tecnologias e apropriando-se das mesmas para fins comunicacionais.

Uma das funções básicas desse tipo de rede é a de estabelecer novos laços sociais entre indivíduos, além de manter aqueles já existentes (RECUERO, 2012). Existem dois elementos básicos que caracterizam as redes sociais na Internet: os atores e as conexões (RECUERO, 2014). Os atores, no ciberespaço, são construções de como os indivíduos se percebem, com os recortes e enfoques moldados dentro das limitações da ferramenta. A atuação dos indivíduos nesse ambiente é, na verdade, uma performance manipulada por ele mesmo para existir e ser visível no ambiente em que está inserido. As conexões são formadas através das interações entre os atores do ciberespaço. As interações são tudo aquilo que possibilitam alguma troca comunicacional e informacional entre os atores que compõe o ambiente virtual. Atores e conexões interagem social e virtualmente dentro de ambientes criados para isso, os sites de redes sociais.

Os sites de redes sociais aprimoram a comunicação virtual, possibilitando a difusão de informações, que adquirem características instantâneas e assim não mais dependem única e exclusivamente do jornal impresso, por exemplo. Contudo, com essa rapidez e “não-verificação” das informações disponibilizadas, se torna essencial a filtragem daquilo que se “recebe” e se compartilha através da rede. Também é necessário fazer uma leitura crítica sobre o mundo que se abre a partir da conexão de rede. Assim como a tecnologia pode ser usada a favor do desenvolvimento da

humanidade, ela pode também ser usada por causas nada nobres, como a temática abordada neste trabalho: o terrorismo. Por exemplo, os grupos envolvidos com práticas extremistas já fazem uso dessas redes para recrutar novos integrantes, além de contar com a capacidade de alastramento quase instantâneo das notícias por meio das redes.

[...] os terroristas estão contando cada vez mais com a incorporação de tecnologias, principalmente o uso de redes sociais para aumentar o impacto internacional e propagação, bem como recrutamento de novos integrantes, a Internet oferece um link de comunicação mundial quase instantâneo para troca de ideias, informações e lições aprendidas, propiciando uma difusão global. (MENDES *et al.*, 2018, p.3)

A temática do terrorismo é deveras complexa, pois ela envolve muitos indivíduos e cada indivíduo enxerga e entende as situações que lhe são apresentadas a partir de filtros “perceptivos”. O posicionamento de indivíduos nas redes sociais acerca de um atentado terrorista passa por diversas camadas invisíveis em que ele compreende, julga e reproduz conforme suas percepções. Para compreender as lentes com as quais ele enxerga, é importante compreender o contexto que o envolve, pois ele também é “pano de fundo” das conversações na rede. E, de acordo com Recuero (2012), o contexto no ambiente virtual é construído, reconstruído e recuperado a cada ação dos atores. O qual se desenvolve por meio de outros dois conceitos trabalhados por Recuero (2012), que são fundamentais para a compreensão das negociações e comportamentos nos ambientes virtuais, são eles: o microcontexto e o macrocontexto. Ambos os contextos são necessários para que a conversação virtual tenha seu sentido negociado pelos envolvidos e para que a interação entre eles aconteça.

O microcontexto diz respeito aos acontecimentos do ambiente virtual em que os atores estão inseridos, às limitações da ferramenta, às negociações de sentido, às interações dos atores no ciberespaço, à seus objetivos, etc. O contexto, nesse microambiente, se refere às interações que acontecem dentro desse universo limitado e virtual e diz respeito ao momento da conversa. O microcontexto, no caso deste trabalho, é a rede social Facebook e as manifestações *online* referentes aos dois atentados terroristas citados anteriormente.

Concomitantemente, há o macrocontexto, que envolve os atores, as negociações e o próprio microcontexto também. O macrocontexto refere-se ao momento histórico, social e cultural em que essa interação acontece, e compreende um universo de acontecimentos, experiências e percepções, que precisam estar esclarecidos para todos os participantes da conversação. Caso contrário, parte dos sentidos se perdem e podem ocorrer interpretações equivocadas do que foi dito.

O macrocontexto (histórico das interações do grupo) possui um papel muito relevante na negociação do microcontexto, e nem sempre se consegue compreender a dimensão do que está sendo dito sem fazer parte dos grupos envolvidos. [...] A interação, dessa forma, é um evento performático, cujo contexto é construído de forma negociada pelos envolvidos e pelas audiências. (RECUERO, 2012, p. 102-103).

Portanto, os indivíduos que fazem parte de interações nas redes sociais precisam estar envolvidos ou compreender, em algum nível, o mesmo macrocontexto, para que o entendimento dos discursos aconteça. As interações na rede *online* não acontecem de forma isolada e restrita ao ambiente virtual, por isso se faz necessário ampliar os horizontes e verificar os contextos em que ocorrem essas trocas, especialmente o macrocontexto. A globalização mundial e a necessidade do ser humano de reunir-se com indivíduos semelhantes faz com que essa reunião precise de um ambiente que não se limite pelo espaço-tempo. O ambiente em que essas interações acontecem é o ciberespaço, através de tecnologias que permitem aos indivíduos uma troca de informações e uma comunicação mais rápida e instantânea, do que os demais meios de comunicação. Essas trocas pressupõem negociações de micro e macrocontexto, que precisam acontecer em uma ambiência digital, como os sites de rede social. Um dos sites de rede social com uma importância mundial e de alcance quase infinito é o Facebook.

3.2.1. Facebook

O Facebook é um site de rede social criado em 2004 por estudantes do curso de computação de Harvard, nos Estados Unidos. A forma como a rede social se apresenta hoje é diferente do objetivo inicial para o qual foi criada. Pois, quando surgiu, o foco era

funcionar como uma rede onde os estudantes pudessem avaliar em termos de atração física os demais usuários. Mesmo naquela época, parte dos integrantes da rede já a utilizavam como um meio de expressão social, exibindo posicionamentos políticos entre outros. Hoje, além de ser usado para compartilhar posicionamentos e interesses pessoais, o Facebook permite que o indivíduo interaja com as publicações de outrem. É possível conectar-se com outros indivíduos, bem como realizar busca de informações sobre locais, indivíduos ou marcas. O Facebook, hoje, é um facilitador de relacionamentos interpessoais, tanto afetivos quanto profissionais.

Hoje, o Facebook lidera o ranking de redes sociais com o maior número de usuários ativos e o Brasil é o terceiro país com mais usuários inscritos na rede (STATISTA, 2019). O IBGE (2019) estima, atualmente, que a população brasileira seja composta por cerca de 209 milhões de pessoas, dessas 94 milhões estão cadastradas no Facebook. A utilização de redes sociais é um hábito diário, para boa parte da população (aqueles que têm conectividade com a Internet), e é lá que esses usuários apresentam seus posicionamentos sobre os mais diversos assuntos.

No Facebook parte da utilização é para publicação de fotografias, vídeos e demais mídias de caráter pessoal, entretanto a rede também é bastante utilizada como ferramenta de discussões públicas e como fonte de informações. Pois, com esse tipo de site de rede social é possível saber sobre acontecimentos que se dão em lugares geograficamente distantes. Essas informações acontecem de forma simultânea com os eventos, basta que um indivíduo esteja conectado no lugar em questão. Contudo, como salienta Ramos e Figueiredo, (2012):

A proeza em nossos dias não é mais ter acesso aos acontecimentos, mas, acima de tudo, entendê-los. Os amargos frutos das ações terroristas foram semeados e colhidos no solo da história. Assim sendo, não podemos nos afastar desse instrumento de análise sob pena de um diagnóstico empobrecido. É pela memória que se puxam os fios da história. O rompimento dessa capilaridade produz mais calor do que luz. (RAMOS, FIGUEIREDO, 2012, p. 213)

E possíveis casos de acontecimentos que têm sua difusão dada simultaneamente ao ocorrido correspondem aos atentados terroristas de Londres e de

Mogadísio, objetos deste estudo, que rapidamente foram divulgados nos sites de rede social, especialmente no Facebook. Isso possibilitou que parte da população mundial tivesse acesso ao que estava acontecendo praticamente no momento exato do acontecimento. Posteriormente, houve campanhas de conscientização da população sobre ambos os atentados e uma maior divulgação às informações referentes a eles. A criação de *hashtags* e o uso de temas²⁰ aconteceram no mesmo dia dos ataques. A aderência à esse tipo de manifestação no espaço cibernético é, antes de mais nada, uma forma de solidariedade às vítimas, além de ser também um posicionamento social e político. Posicionar-se no Facebook é possível devido à tecnologia oferecida pela ferramenta.

O Facebook oferece uma gama de funcionalidades “técnicas”, que possibilitam ao indivíduo as mais diversas formas de interatividade. O compartilhamento de conteúdos é, talvez, a maior ferramenta de interação dentro da rede. Publicar um conteúdo conta com recursos como imagens, vídeos, textos, link de sites externos ao Facebook. Além de compartilhar conteúdos, é possível fazer comentários em todas as postagens, o que eleva os potenciais de interação da rede e cria um canal de debate entre os usuários. Reagir a uma publicação também é possível, sendo uma forma de interagir sem o uso de palavras e, ainda assim, expressar-se através das reações “curtir”, “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “gr”. Para esse trabalho, não foram analisadas as reações, nem os comentários de terceiros nas postagens. O Facebook permite o uso de *hashtags*, originárias do Twitter, e isso possibilita o “rastreamento” de discussões específicas. A colocação de temas de perfil, citada anteriormente, também é um recurso oferecido e bastante usado em casos de mobilização online, como atentados terroristas e catástrofes naturais. Há também uma função de verificação de segurança, na qual a rede identifica a localização geográfica do usuário e, caso ele esteja na mesma área de um desastre natural, o aplicativo envia uma mensagem a este usuário para que ele confirme se está bem ou não. A partir da resposta, o Facebook envia um alerta a sua

²⁰ Adicionar um tema à foto de perfil, no Facebook, consiste na utilização de uma espécie de filtro junto à foto do usuário. O tema serve para “demonstrar seu apoio a determinadas causas, para indicar que está participando de algum evento com temas, para mostrar seu feriado favorito e muito mais” (FACEBOOK, 2019).

lista de contatos informando o seu status. Esse recurso, originalmente criado para situações de desastres naturais, já foi utilizado para outros acontecimentos, como a guerra na Síria. Portanto, as potencialidades da rede vão além do desejo de socialização do usuário.

Sendo assim, o macrocontexto está diretamente ligado às noções de terrorismo e Opinião Pública trabalhados anteriormente. O atentado terrorista é o acontecimento histórico que faz do macrocontexto das postagens trabalhadas aqui ser um contexto de solidariedade, medo e indignação, referentes aos atos em si e às vítimas. A Opinião Pública é fundamental para direcionar sob qual perspectiva o indivíduo está processando as informações que recebe. Por fim, as redes sociais são o “micro espaço” onde esses indivíduos podem se manifestar, sem estar diretamente ligados aos acontecimentos e o Facebook é uma das principais ferramentas *online*, que permite esse tipo de manifestação.

4. OS ATENTADOS TERRORISTAS DE 2017

O ano de 2017 foi marcado pela ocorrência de muitos atentados terroristas ao redor do mundo. Para o presente trabalho foram selecionados dois: o ocorrido em Londres, em 03 de junho, e o ocorrido em Mogadíscio, em 14 de outubro. Neste capítulo, há a contextualização histórica dos países que foram palco desses atos, bem como uma narrativa de ambos os atentados terroristas.

4.1. A INGLATERRA E O TERRORISMO

Londres, a capital britânica, está localizada no sudoeste do país e fica às margens do rio Tâmsa. A principal cidade do Reino Unido possuía, em 2017, cerca de 8.700 milhões de habitantes (STATISTA, 2018a) e a estimativa atual é de que sua população ultrapasse os 8.900 milhões. Londres é um importante polo financeiro e econômico mundial, além de também se destacar no circuito artístico, cultural e político. O Reino Unido é um dos 10 países com maior número de imigrantes, por isso não é de causar estranhamento a diversidade cultural e étnica no país.

A história inglesa é marcada pelo colonialismo, o ato político de administrar e controlar um território ocupado por representantes do governo ocupante, geralmente fazendo uso de poder militar e político. Após as duas grandes Guerras, o mundo vem passando por um processo de descolonização, que consiste em dar emancipação aos países colonizados. Entretanto, cerca de 60 países ainda são colonizados por outros e, atualmente, a maioria desses países são colônias do Reino Unido, sendo a maioria deles no Caribe e Oceania. O Reino Unido pode ser considerado o maior colonizador da história e foi o responsável pela colonização da maioria dos países africanos ao longo do tempo.

Os turcos fundaram o Império Otomano em 1299 e foram os ocupantes de parte da região petrolífera do Oriente Médio até o fim da Primeira Guerra Mundial (1918). Antes do fim da Guerra, em 1916, a França e o Reino Unido firmaram um acordo secreto, chamado Sykes-Picot, no qual havia a divisão das áreas do Império Otomano (KNIPP, 2016). Esse tratado ajudou a criar a situação de conflito e guerra no Oriente

Médio, que perdura até hoje. Síria, Líbano e Jordânia passaram, então, a pertencer aos britânicos e franceses, mas para isso era necessário contar com o apoio de cidadãos locais e a região passou a ser governada por “governos de fachada”. Esses governos “vendiam-se” através da figura de um líder local, mas quem os geria e administrava efetivamente eram os dois países europeus envolvidos. Com o início da Segunda Guerra Mundial, os países europeus foram expulsos do território e isso deu início a vários conflitos nessa região que acabaram culminando na criação do Estado Islâmico. Desde 2015, aviões de guerra britânicos bombardeiam a região síria dominada pelo Estado Islâmico, incluindo poços de petróleo dominados pelo grupo extremista (BBC, 2018a). O clima de tensão e conflito segue até os dias atuais.

4.1.1. Londres, 03 de junho de 2017, o dia do atentado

O que começou como mais um dia de primavera na capital inglesa, com temperaturas amenas e céu encoberto, terminou com pânico, terror e medo. No dia 03 de junho de 2017, sábado, Londres foi palco de um atentado terrorista, o terceiro ataque do Reino Unido naquele ano. Por volta das 22h (horário local), enquanto moradores londrinos e turistas passeavam por um dos pontos turísticos mais famosos do mundo, a London Bridge, uma van branca se chocou contra quem estava na ponte. A van, como foi verificado posteriormente através de câmeras de sistemas de segurança, fez um trajeto de travessia pela ponte antes de ser jogada contra os pedestres. De acordo com testemunhas presentes na hora do acontecimento, o veículo estava a uma velocidade equivalente a 80 km/h e parou pouco após atingir as vítimas. Às 22h07min, foi feita a primeira ligação para o sistema de emergência, referente aos atropelamentos, e um minuto depois a polícia foi acionada. A van bateu contra um prédio e foi abandonada em frente à Southwark Cathedral, uma catedral anglicana, e três homens saíram do veículo, correndo em direção ao Borough Market, um dos maiores e mais antigos mercados de Londres. A região é composta por *pubs*, bares e restaurantes, que estavam em funcionamento naquela noite. Os três indivíduos usavam colete com explosivos falsos e portavam facas de 30cm. Eles caminharam em direção

ao Borough Market passando por pedestres, transeuntes e clientes dos estabelecimentos e esfaqueando quem estava pelo caminho. Uma testemunha afirmou que, antes mesmo de suspeitar se tratar de um ataque terrorista, ela estava assustada, pois o trio agia com violência, empurrando cadeiras e derrubando mesas. Outra testemunha afirmou ter ouvido um dos terroristas dizer “isso é por Alá” antes de investir entre 10 e 15 facadas contra uma jovem. Durante a espera pela polícia, o clima de pavor e tensão só aumentava. Bares e restaurantes fecharam suas portas, abaixaram suas cortinas e cliente e funcionários começaram a se esconder dos terroristas, temendo serem as próximas vítimas. Em meio ao pânico, civis, entre eles dois policiais à paisana, tentavam acudir as vítimas. A polícia armada chegou ao Borough Market às 22h16min, enquanto os envolvidos no atentado atacavam um homem na rua Stoney. Os três terroristas foram baleados e morreram no local.

De acordo com o site de notícias inglês BBC (2019), quarenta e oito pessoas foram feridas durante o atentado e oito foram as vítimas fatais do atentado: o canadense Chrissy Archibald (30), as australianas Kirsty Boden (28) e Sara Zelenak (21), o inglês James McMullan (32), os franceses Alexandre Pigeard (26), Xavier Thomas (45) e Sebastien Belanger (36), e o espanhol Ignacio Echeverria (39). O serviço de ambulâncias de Londres recebeu mais de 100 chamadas durante o incidente.

Os três terroristas foram identificados, posteriormente, pela Scotland Yard como sendo Khuram Shazad Butt (27), um cidadão britânico nascido no Paquistão, Rachid Redouane (30), um líbio-marroquino, e Youssef Zaghba (22), um ítalo-marroquino (BERCITO, 2017). Todos moravam na região leste da capital inglesa. Alguns meses depois, uma investigação concluiu que havia esteróides em seus sistemas durante o ataque, que poderiam ter sido ingeridos em um momento próximo aos atentados ou mesmo dias antes (BBC, 2018b).

O Estado Islâmico se declarou responsável pelo atentado em sua agência de notícias, a Amaq, e disse que os agressores eram um “destacamento de combatentes do EI” (SHEFTALOVICH, 2017).

Quadro 1: Dados do atentado de Londres, em 03 de junho de 2017.

Data	Horário	Duração	Número de Mortos	Número de Feridos	Número de Postagens Analisadas
03 de junho de 2017	21h58min (GMT+01:00)	18min	07	48	60

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados divulgados na imprensa a respeito do atentado de Londres (2019).

No quadro 1 é possível verificar um breve resumo dos dados encontrados na imprensa nacional e internacional sobre o atentado em Londres, no dia 03 de junho de 2017.

4.2. A SOMÁLIA E O TERRORISMO

A República Democrática da Somália é o país africano mais oriental do continente africano, na região conhecida como “Chifre da África”, que faz fronteira com a Etiópia, o Quênia e o Djibouti, e é o país com a mais longa costa marítima. O país tem aproximadamente 14,8 milhões de habitantes (STATISTA, 2018e), dos quais cerca de 2 milhões vivem na capital, a cidade de Mogadíscio. A religião seguida pela maioria dos somalis é o islamismo, majoritariamente sunita, e os idiomas oficiais do país são o somali e o árabe, sendo um dos países africanos com menos idiomas oficiais. A Somália é, infelizmente, um dos países mais pobres da África e, em 2017, seu PIB *per capita* era o menor do continente, enquanto as taxas de mortalidade infantil e subnutrição são bastante elevadas. O país é pouco desenvolvido, pouco industrializado e as atividades que sustentam a sua fraca economia são a agricultura e a pecuária. A cidade de Mogadíscio, embora não seja um destino turístico frequente, conta com algumas atrações como a “cidade velha *Hamar Wein*” e o mercado *Bakaara*, o maior do país, além de possuir belas praias, como a praia de Gezira e a de Lido.

A Somália conquistou sua independência em julho de 1960, sendo, até então, colonizado por potências europeias, como Portugal, Reino Unido e Itália. Durante 31 anos, o país foi governado por ditadores e facções, e, em 1991, os grupos rebeldes chegam ao ápice do seu fortalecimento e conseguem tirar o presidente, Mohammed Siad Barre, do poder. Houve a fragmentação do país em quatro regiões: Somaliland, Puntland, Galmudug e Maakhir. Clãs somalis dominam, administram e guerrilham por essas regiões, mas apenas a primeira delas conseguiu estabelecer a independência da região como um objetivo capaz de manter a paz entre seus clãs - embora essa independência não seja reconhecida internacionalmente. A Somália não conseguiu se estabelecer após 1991 e a instabilidade faz parte da atual configuração do país, que vive uma guerra civil, com grupos lutando para conquistar territórios (CHOMSKI, 2017). Desde 1992, a ONU está presente no país e enfrenta resistências à sua presença, como deixou claro o embaixador somali, Abukar Dahir Osman, no início deste ano, ao solicitar que a Organização das Nações Unidas não interferisse em assuntos internos do país (ONU, 2019).

A Somália passou a ter certa visibilidade mundial após o lançamento do filme “Capitão Phillips” em 2013, que trata sobre o sequestro de um navio cargueiro em 2009, cujo capitão foi feito refém por piratas somalis. A questão da pirataria na costa somali também foi retratada, recentemente, no filme “Os Piratas da Somália”. Casos de pirataria são frequentes e o Conselho de Segurança da ONU reportou, em seu Relatório Anual de 2017, o aumento dos casos envolvendo piratas e “roubos armados” ao longo da costa do país.

O país sofre, frequentemente, atentados envolvendo carros-bomba e explosões que vitimizam civis. O principal grupo a assumir as autorias desse tipo de ataque é o Al-Shabaab, um grupo extremista ligado à Al-Qaeda, criado em 2006. Os atentados terroristas na Somália colocam-na em sexto lugar no ranking dos 50 países com mais atividades terroristas (STATISTA, 2018d).

4.2.1. Mogadíscio, 14 de outubro de 2017, o dia do atentado

Outubro de 2017 foi marcado pelo pior atentado terrorista desde os ataques do 11 de setembro, nos Estados Unidos. O país, palco do terror e atrocidade, foi a Somália. O povo de Mogadíscio iniciou o dia 14 de outubro de 2017, esperando um sábado comum: em meio à fome e à pobreza, adultos dirigiam-se aos seus postos de trabalho, crianças se animavam com a ida a uma das belas praias da cidade, mas todos sem saber que terminariam o dia estampando algumas das principais manchetes mundiais. Duas explosões aconteceram no período de algumas horas e vitimaram, em uma contagem inicial realizada pelo governo, 358 pessoas. A primeira explosão aconteceu nos arredores do hotel Safari, na interseção K5, uma das mais populosas áreas centrais de Mogadíscio onde estão localizadas sedes de escritórios governamentais, restaurantes e hotéis. O caminhão-bomba, que explodiu às 15h (horário local), estava próximo a um tanque de combustível e isso potencializou a magnitude do ataque, elevando o número de vítimas. De acordo com o jornal El País (NARANJO, 2017), houve a formação de uma coluna de fumaça de três quilômetros de altura. As vítimas eram, majoritariamente, civis, entre os quais muitos vendedores ambulantes. Logo após a explosão, cerca de quatro indivíduos armados entraram nos portões do hotel e abriram fogo contra clientes e seguranças (AL JAZEERA, 2017). Houve tiroteio entre eles, os seguranças e forças policiais, dentro e fora do hotel Safari. O Safari fica perto do Ministério das Relações Exteriores da Somália e costuma ser frequentado por funcionários do governo e jornalistas, entretanto não se sabe exatamente qual dos dois era o alvo do ataque (DW, 2017). Duas horas depois, outra explosão aconteceu no distrito de Wadajir, também conhecido como distrito de Madina, e fez duas vítimas.

Testemunhas disseram que a explosão foi a maior já vista e que muitos corpos ensanguentados estavam espalhados pelas ruas. Um pai estava em Mogadíscio para a formatura da filha no curso de medicina, mas ela foi uma das vítimas do atentado (BBC, 2017b). Outra testemunha afirmou que 5 primos faleceram na explosão. As vítimas morreram pelas explosões das bombas e do tanque de combustível, mas também

soterradas pelos desabamentos de prédios. Além dos mortos, havia mais de 300 feridos, que necessitavam de cuidados médicos urgentes. Os hospitais da cidade não estavam equipados para atender tantas ocorrências e foi preciso transferir parte das vítimas para países vizinhos, como a Turquia (REUTERS, 2017).

O presidente somali, Mohamed Abdullahi Mohamed, conhecido como Farmaajo, declarou luto oficial por três dias e solicitou, com urgência, doações de sangue às vítimas (NARANJO, 2017). Foi difícil precisar o número exato de mortos, pois muitos foram encaminhados a diferentes hospitais, além de outros tantos terem sido reivindicados diretamente por familiares para serem enterrados rapidamente, conforme o costume islâmico. Muitos corpos também não puderam ser identificados, devido à gravidade das queimaduras. O governo somali montou um comitê, o Comitê de Resgate de Zobe, para tentar estabelecer um número mais preciso das vítimas do atentado, buscando informações junto a parentes daqueles que poderiam estar presentes perto das explosões. O presidente do comitê, Abdullahi Mohamed Shirwac, confirmou que 512 pessoas morreram no atentado e 316 ficaram feridas (SHEIKH; OBULUTSA, 2017).

O atentado em Mogadíscio não foi reivindicado por nenhum grupo terrorista, mas o governo somali atribui a autoria do mesmo ao grupo extremista Al-Shabaab, pelo padrão observado no ataque. O atentado foi o pior da história do país.

O quadro 2 apresenta uma breve compilação dos dados referentes ao atentado em Mogadíscio, no dia 14 de outubro de 2017.

Quadro 2: Dados do atentado de Mogadíscio, em 14 de outubro de 2017.

Data	Horário	Duração	Número de Mortos	Número de Feridos	Número de Postagens Analisadas
14 de outubro de 2017	15h (GMT+03:00)	-	587	+ de 300	63

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados divulgados na imprensa a respeito do atentado de Mogadíscio (2019).

A duração do atentado em Mogadíscio não foi encontrada, mesmo após extensa busca nos sites de notícias da imprensa nacional e internacional. O acesso ao horário exato em que o atentado aconteceu também foi de difícil acesso.

Os dois atentados fizeram vítimas e espalharam medo e caos entre a população local, além de deixar o mundo em alerta. A cada novo atentado terrorista, a população mundial passa a aguardar onde será o próximo atentado, gerando um clima generalizado de tensão e apreensão. Os dois atentados trabalhados aqui tiveram, ainda que em diferentes níveis, a atenção da mídia.

5. A REPERCUSSÃO DOS ATENTADOS NO FACEBOOK

O capítulo a seguir é voltado para a análise das postagens coletadas no site de rede social Facebook, referentes aos atentados de Londres e de Mogadíscio ocorridos, respectivamente, em junho e outubro de 2017. Intenciona-se, com essa análise, responder como foi a repercussão dos atentados na rede social. A investigação dessas repercussões permite identificá-las, bem como apontar diferenças entre elas, que ajudam a compreender a visibilidade e o espaço desses atentados entre os usuários do Facebook. Para isso, utilizou-se, como procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa histórico-descritiva e a análise de conteúdo, que serão apresentadas no subcapítulo a seguir. Mais adiante, será feita a análise e a interpretação dos dados coletados, bem como uma comparação crítica entre as duas repercussões *online*.

5.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O primeiro procedimento metodológico aplicado para a realização deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, definido por Fonseca (2002) como sendo o levantamento de referenciais teóricos acerca de determinado assunto, como livros, artigos científicos e páginas de *websites*. Essa primeira etapa é fundamental para estabelecer os conceitos que serão trabalhados ao longo da pesquisa e, assim, dar ao trabalho uma base teórica sólida e consistente. Os conceitos trabalhados nos dois teóricos deste trabalho fazem parte deste procedimento de pesquisa bibliográfica. Após a explanação de conceitos e a compreensão da teoria, realizou-se o segundo procedimento deste trabalho, a análise de conteúdo metodológico deste trabalho, a pesquisa histórico-descritiva.

A pesquisa histórico-descritiva foi utilizada como método de investigação sobre o contexto histórico dos países trabalhados aqui, bem como para uma recuperação dos fatos acerca dos atentados. Ela também foi aplicada para elucidar quem são as organizações terroristas envolvidas nesses atentados, quais suas motivações e quais as suas relações com o contexto histórico dos países em que atuam. Finalizou-se assim a etapa teórica e investigativa deste trabalho, dando espaço ao passo seguinte que foi a análise de conteúdo.

A análise de conteúdo consiste em, segundo Bardin (1977 *apud* MORAES, 2001), descrever e interpretar o conteúdo de textos, documentos, falas ou mesmo vídeos. Esse processo leva a “descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (BARDIN *apud* MORAES, 2001, p. 2). A análise leva, então, à compreensão de processos sociais que transcendem a objetividade do que é dito. Às vezes, para compreender um acontecimento ou um fenômeno social é preciso considerar o dito e o não dito, além de tentar identificar os interesses dos indivíduos envolvidos. A análise de conteúdo do presente trabalho tem um caráter misto, sendo, portanto, quantitativa e qualitativa, por levar em consideração não apenas a frequência e as estatísticas apresentadas na coleta de dados, mas por ponderar acerca de itens importantes que dizem respeito a temática aqui abordada, independentemente do seu número de ocorrência.

Por último será realizada a análise comparativa para responder aos objetivos sobre a diferença na repercussão dos dois atentados.

5.2. CLASSIFICAÇÃO

A fase de pré-análise foi a pesquisa das postagens no site de rede social Facebook a partir de doze *hashtags* pré-selecionadas, seis para cada atentado. A busca pelas *hashtags* envolveu o repertório individual da autora e uma pesquisa de *hashtags* em outro idioma utilizadas em casos de comoção. Durante a pesquisa exploratória, o número de postagens que cada *hashtag* revelou foi o critério para que fossem escolhidas. São elas:

- Para o atentado de Londres, *#somostodoslondres*, *#oremosporlondres*, *#oremporlondres*, *#forçalondres*, *#ataqueemlondres*, *#atentadolondres*, *#ataquelondres*;
- Para o atentado de Mogadíscio, *#somostodossomalia*, *#atentadosomalia*, *#vidasnegrasimportam*, *#orepelasomalia*, *#oremospelasomalia*, *#forçasomalia*.

As *hashtags*, representadas pelo símbolo “#”, são usadas para descrever o assunto geral de uma mensagem no Twitter, ou outra rede social. Elas são usadas para facilitar a contextualização daquilo que está sendo dito. Optou-se pela busca através desse recurso, pois ele é uma forma de “criar micro contextos na ferramenta” (RECUERO, 2012, p. 110). E esses micro contextos criados dizem respeito à um macrocontexto, que é o momento histórico aos quais as *hashtags* se referem.

Também foi feita a pesquisa na caixa de buscas da rede social com os termos “atentado Londres” e “atentado Somália”, sem o uso de *hashtags*, para chegar às postagens de usuários que não fizeram uso desse recurso. A seleção dessas postagens atendeu a dois critérios: o idioma em que foram feitas e o momento em que foram postadas. O idioma das postagens coletadas precisava ser português, para um melhor entendimento de mensagens veladas ou para quando fosse feito o uso de ironias ou outra figura de linguagem em que a mensagem não está explícita. A data de publicação das postagens deveria estar compreendida no período de dez dias contados a partir e incluindo o dia do atentado, para permitir a coleta de um corpus de análise que fornecesse mais dados para a composição do trabalho. As postagens feitas por contatos da rede social da autora foram descartados para fins de maior objetividade da pesquisa. O resultado obtido foi de 123 postagens, sendo 60 relacionadas ao atentado em Londres e 63 ao atentado em Mogadíscio.

5.3. CATEGORIAS DE ANÁLISE

Após a coleta de todas as postagens, foi feita a identificação das unidades de categorização. Foram elas: temática dos *posts*, recursos do Facebook, uso das *hashtags* e data das postagens. A criação de subcategorias foi possível a partir de uma leitura e compreensão das postagens coletadas. A temática dos *posts* teve variações significativas de um atentado para o outro e os recursos do Facebook foram acrescentados conforme as suas ocorrências. O uso das *hashtags* e os dias das postagens foram sub categorizados igualmente para os dois atentados em: uso de

hashtags pré-selecionadas, outras *hashtags* e o não uso desse recurso, e primeiro, segundo, terceiro e demais dias.

As categorias encontradas nas postagens foram diferentes nos dois atentados, mas a partir delas foi possível determinar o que os usuários do Facebook estavam falando e divulgação em seus perfis, no que dizia respeito aos atentados.

Com as postagens e as categorizações em mãos, foi possível criar os gráficos e realizar os cruzamentos que compõe este trabalho. A partir desse material, foi possível realizar uma análise crítica sobre as repercussões, bem como finalizá-la elaborando observações comparativas entre elas.

5.4. A REPERCUSSÃO DO ATENTADO EM LONDRES

A coleta referente ao atentado de Londres teve um total de 60 postagens, que foram divididas em onze categorias, de acordo com as suas temáticas:

- (a) “Informações sobre o atentado” - São postagens que explicam, em algum nível, o que estava acontecendo nas áreas atingidas pelos terroristas ou que continham notícias advindas da imprensa, como pode ser observado na figura 1.

Figura 1: Postagem de usuário do Facebook.



Fonte: Facebook²¹.

²¹ Todas as postagens retiradas do Facebook tiveram o nome e a imagem de perfil omitidos para preservar a identidade dos usuários.

A postagem da figura 1 foi classificada com a temática “informações sobre o atentado” por conter dados a respeito do atentado, como o local em que os ataques aconteceram, o número de vítimas e a manifestação da primeira-ministra britânica sobre o caso. Quando as postagens dessa categoria envolvem a utilização de links, eles levam, em sua maioria, a sites de veículos jornalísticos.

- (b) “Relatos/histórias de vítimas” - Referiam-se a narrativas de sobreviventes, testemunhas ou familiares de vítimas.
- (c) “Solidariedade às vítimas” - São declarações de apoio, caridade e assistência.
- (d) “Informações sobre os terroristas” - São postagens que expõem a identidade ou outras informações a respeito dos terroristas.
- (e) “Choque pelo atentado”. São as manifestações de abalo pelo acontecimento, porém sem fazer menção às vítimas.
- (f) “Assunto no âmbito político” - São declarações de figuras políticas relacionadas ao atentado, porém também sem fazer menção às vítimas ou sem manifestar solidariedade à nação atingida, como o exemplo da figura 2.

Figura 2: Postagem de usuário do Facebook.

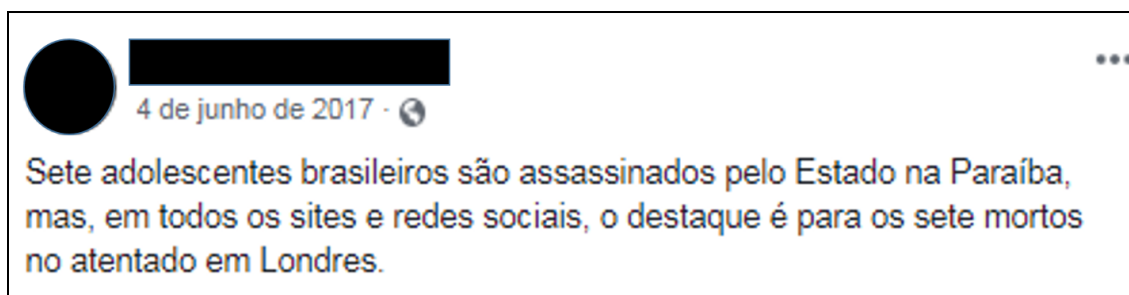


Fonte: Facebook.

Na figura 2, o usuário compartilhou um link de notícia procedente de um veículo de comunicação. A notícia fala da utilização do caso do atentado em Londres pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, como argumento para a aplicação de uma política que trate com mais rigor a entrada de muçulmanos vindos de países do Oriente Médio ao país norte-americano. O usuário ainda acrescenta, em forma de texto, que esse é um “uso político do terror”, o que ajuda a expressar o quão alheio a sentimentos de solidariedade o presidente norte-americano se mostra.

- (g) “Solidariedade e indignação com terrorismo” - São as postagens nas quais além de manifestar solidariedade às vítimas, os indivíduos estabeleceram alguma crítica à prática terrorista.
- (h) “Preconceito/crítica ao islamismo/ao muçulmano” - São declarações generalistas ou com cunho ofensivo referentes a muçulmanos ou islâmicos, que não os envolvidos no atentado.
- (i) “Crítica à visibilidade excessiva” - São postagens em que se realizou alguma comparação do atentado em Londres com algum outro acontecimento que teve baixa noticiabilidade, como a postagem na figura 3.

Figura 3: Postagem de usuário do Facebook.



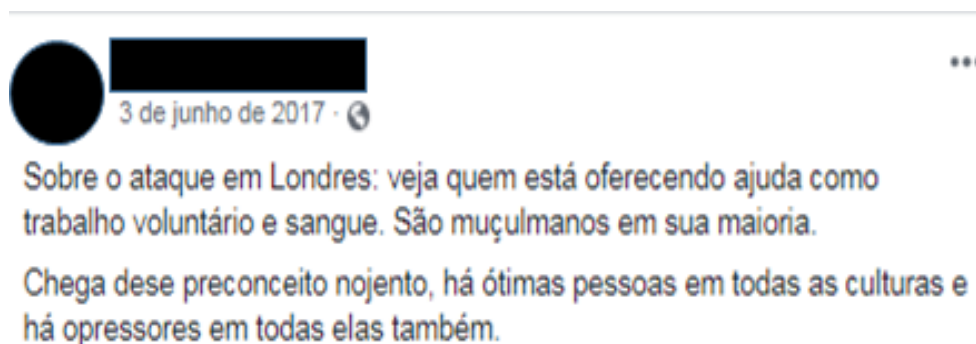
Fonte: Facebook.

Na figura 3, o usuário estabeleceu uma crítica à ausência de visibilidade da mídia ao caso de uma rebelião em um centro socioeducativo na região metropolitana de

Campina Grande, Paraíba, em contraste ao excesso de atenção dado ao atentado em Londres.

- (j) “Crítica ao preconceito com islamismo/muçulmanos” - São para a ocorrência de usuários que se posicionaram contra declarações racistas direcionadas a muçulmanos ou islâmicos, conforme postagem na figura 4.

Figura 4: Postagem de usuário do Facebook.



Fonte: Facebook.

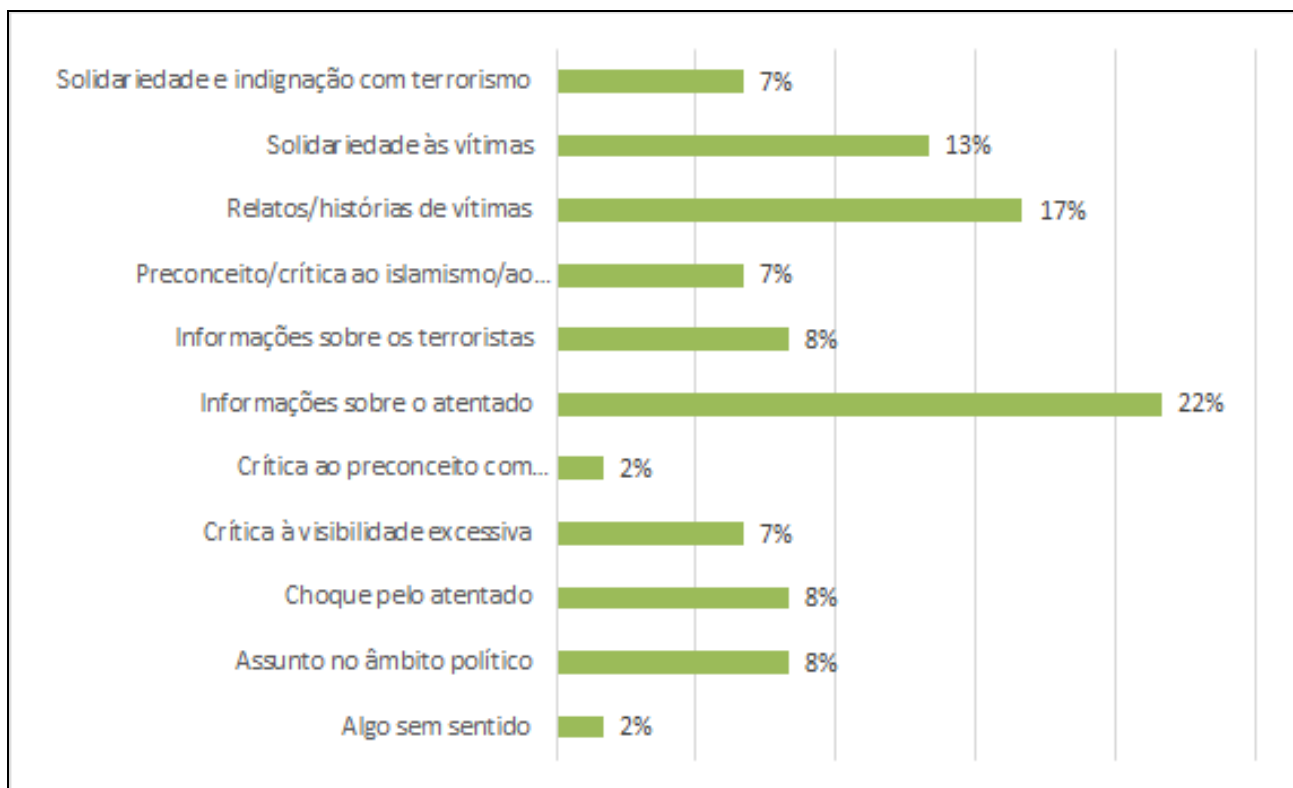
Na figura 4, o usuário traz como argumento contra o preconceito à muçulmanos, que eles seriam os que, majoritariamente, estariam oferecendo ajuda após o atentado em Londres. Independentemente da precisão dessa afirmação, o objetivo do usuário é atentar para o fato da existência de indivíduos benevolentes, para além de apenas indivíduos impiedosos, em todas as culturas e nações.

- (k) “Algo sem sentido” - Referem-se a postagens que citam o atentado em Londres, mas que o enfoque não está nele.

As postagens e as categorizações de temática apresentadas acima estão sintetizadas no gráfico 1, que expressa a porcentagem das postagens em cada uma das onze categorias estabelecidas no trabalho. A categorização foi feita a partir do conteúdo das postagens e levou em consideração a linguagem textual, bem como

imagens e emojis. Não se verificou a ocorrência de postagens que criticassem ou falassem sobre invisibilidade do atentado na mídia.

Gráfico 1: Temática dos Posts (Londres).

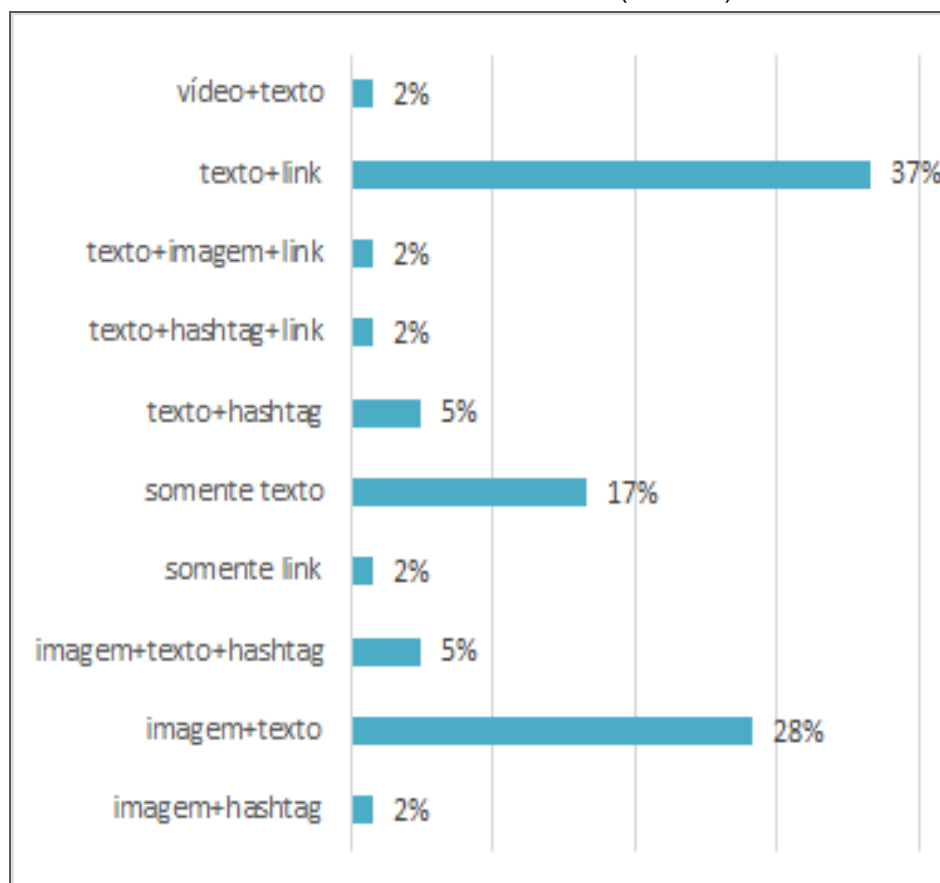


Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

Como é possível verificar no gráfico 1, a temática que mais teve postagens foi a de “informações sobre o atentado”, seguida por “relatos/histórias de vítimas” e “solidariedade às vítimas”. Não houve a ocorrência de postagens que criticassem ou falassem sobre invisibilidade do atentado na mídia.

O gráfico 2 mostra os recursos, oferecidos pelo Facebook, utilizados pelo usuário. A rede social disponibiliza outras “combinações” de recursos, mas só constam aqui os recursos que apareceram em pelo menos uma das 60 postagens.

Gráfico 2: Recurso do Facebook (Londres).

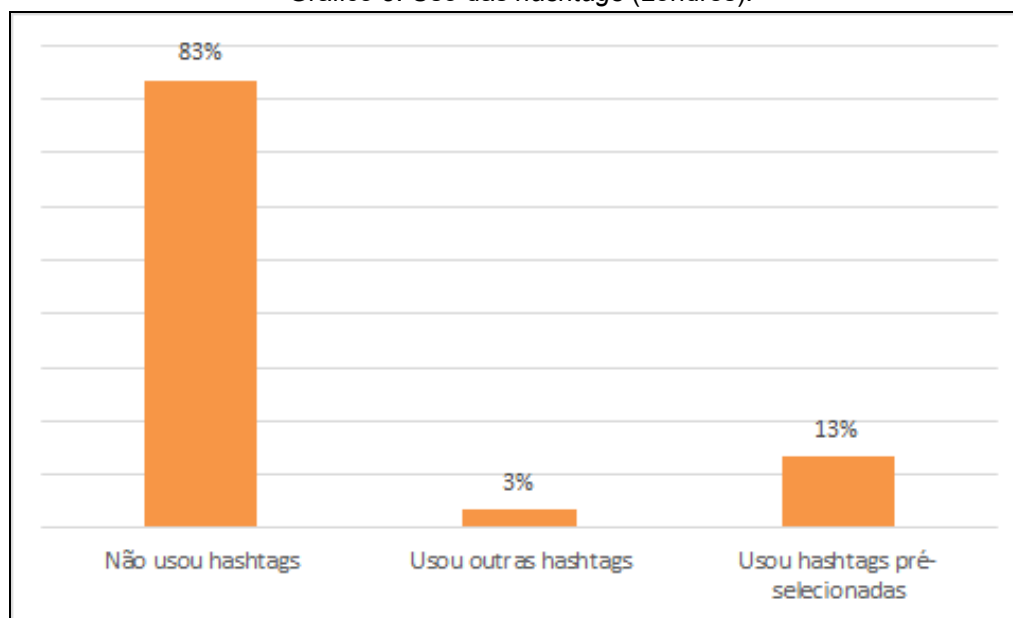


Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

A contabilização dos recursos utilizados revelou que as duas maiores ocorrências foram de textos acompanhados de links para sites de notícias e textos acompanhados de imagens, como observa-se no gráfico 2. As categorias que com a presença de *hashtags* somam apenas 14% do total de postagens e isso se confirma no gráfico referente ao uso de *hashtags* nas postagens coletadas.

O gráfico 3 ilustra como foi a ocorrência do uso das *hashtags* nas postagens referentes ao atentado em Londres. A classificação desse uso foi dividida em três possibilidades: o uso de *hashtags* pré-selecionadas (pelo menos uma), o uso de outras *hashtags* ou sem o uso de quaisquer *hashtags*.

Gráfico 3: Uso das *hashtags* (Londres).

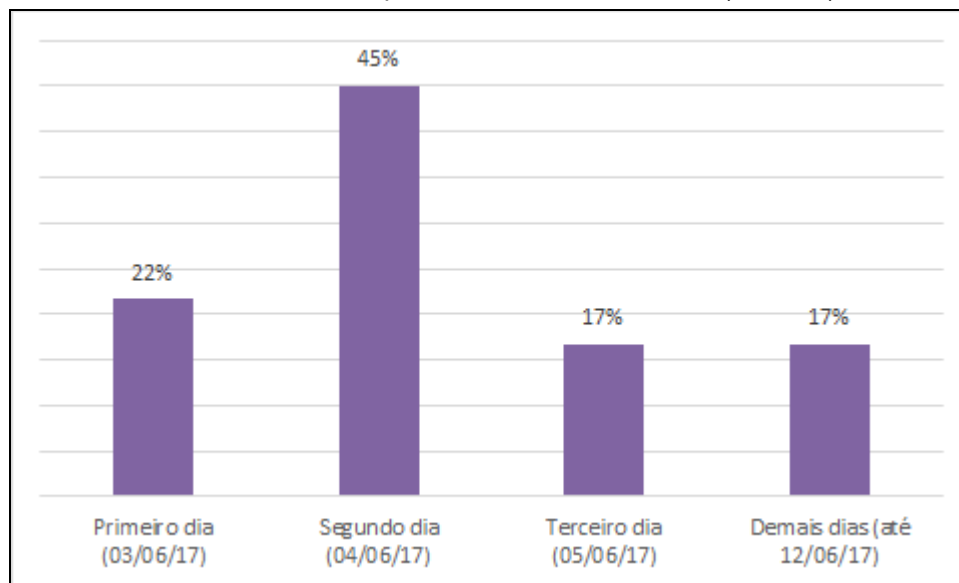


Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

No gráfico 3, é possível verificar que a preferência dos usuários foi majoritariamente pela não utilização de *hashtags*, o que pode sugerir que os indivíduos não buscavam participar de discussões específicas referentes ao atentado em questão. A utilização de *hashtags* foi baixa, especialmente as *hashtags* que não são uma das seis pré-selecionadas.

As datas das postagens também foram levadas em conta e pouco menos da metade delas foram feitas no dia 04 de junho de 2017, ou seja, no dia posterior ao atentado. A maioria das postagens foram realizadas neste dia e no próprio dia do atentado (03 de junho). O gráfico 4 mostra a distribuição das postagens analisadas de acordo com a data em que foram postadas. O gráfico apresenta a distribuição de dias como: primeiro dia, o dia do atentado, 03 de junho; segundo dia, o dia seguinte, 04 de junho; terceiro dia, 05 de junho; e demais dias, de 06 a 12 de junho.

Gráfico 4: Dias de repercussão sobre o atentado (Londres).

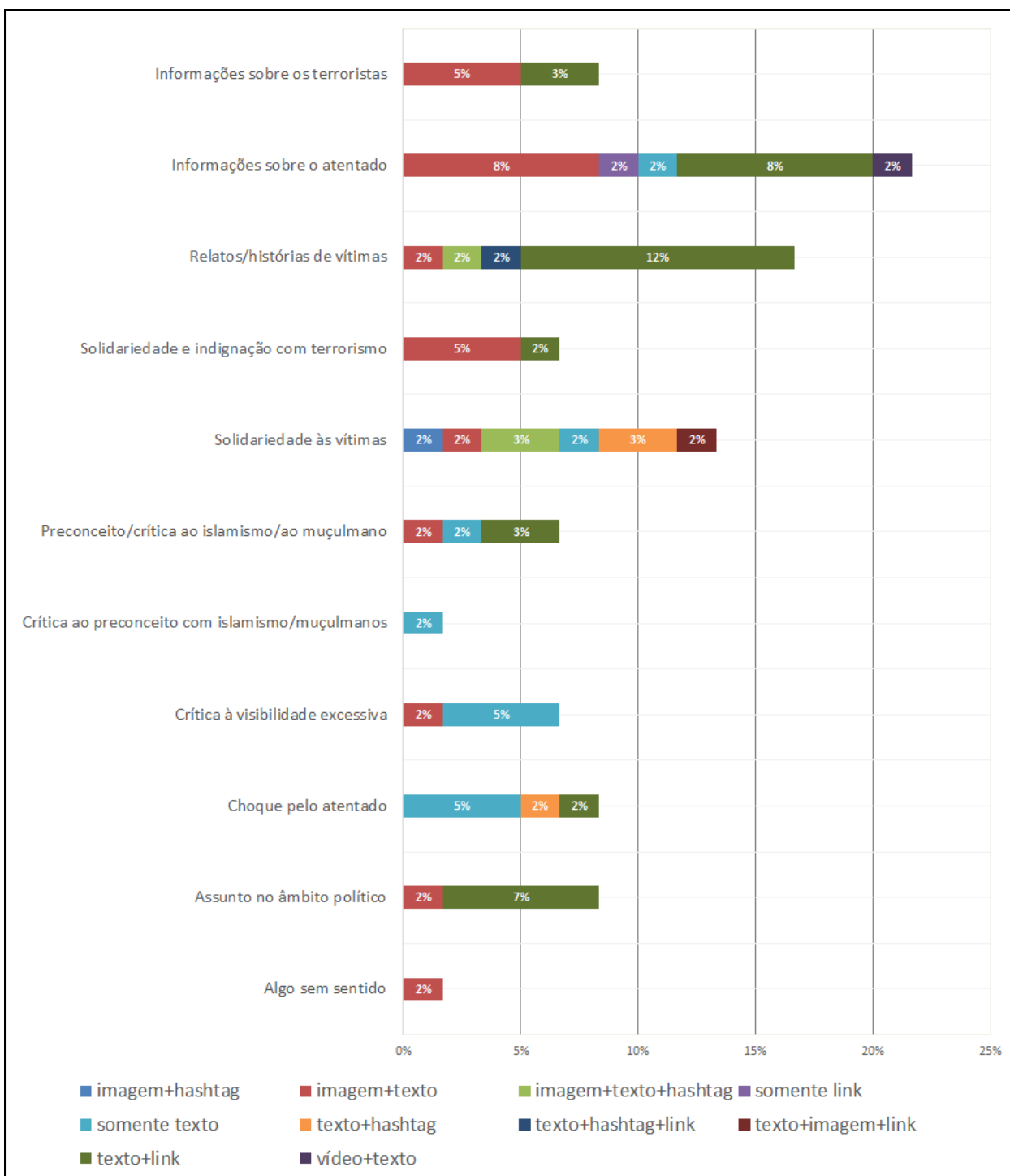


Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

A soma dos dois primeiros dias representa 67% das postagens, como é possível verificar no gráfico 4, sendo isto um reflexo da rapidez com que se teve acesso às informações sobre o que estava acontecendo na capital inglesa. O uso de links que direcionam a sites de notícias em 37% das postagens também apresenta que a imprensa fez uma cobertura do acontecimento desde o momento em que ele estava acontecendo. Cabe ressaltar que, como disse Silva (2016), a imprensa é, naturalmente, limitada e está suscetível ao selecionamento de notícias a partir de “critérios subjetivos e econômicos, recorrendo aos estereótipos” (SILVA, 2016, p. 61). A imprensa ao focar em acontecimentos que sejam de interesse público diz tanto sobre ela mesma, quanto sobre quem a consome. Assim como a usuária da figura 3 fez uma crítica à falta de atenção dada às mortes na Paraíba, é pertinente fazer um questionamento referente ao que comove mais o público brasileiro: as mortes de sete adolescentes no interior do próprio país ou as mortes de sete indivíduos em um atentado terrorista em uma metrópole européia? Esse questionamento talvez permaneça sem respostas, mas leva à uma reflexão sobre quem mais nos comove, enquanto nação.

O gráfico 5 relaciona a temática das postagens com o recurso do Facebook utilizado pelo usuário. Nele, é possível verificar qual recurso foi mais utilizado pelos usuários, a partir de cada categoria de temática.

Gráfico 5: Temática dos Posts X Recurso do Facebook (Londres).

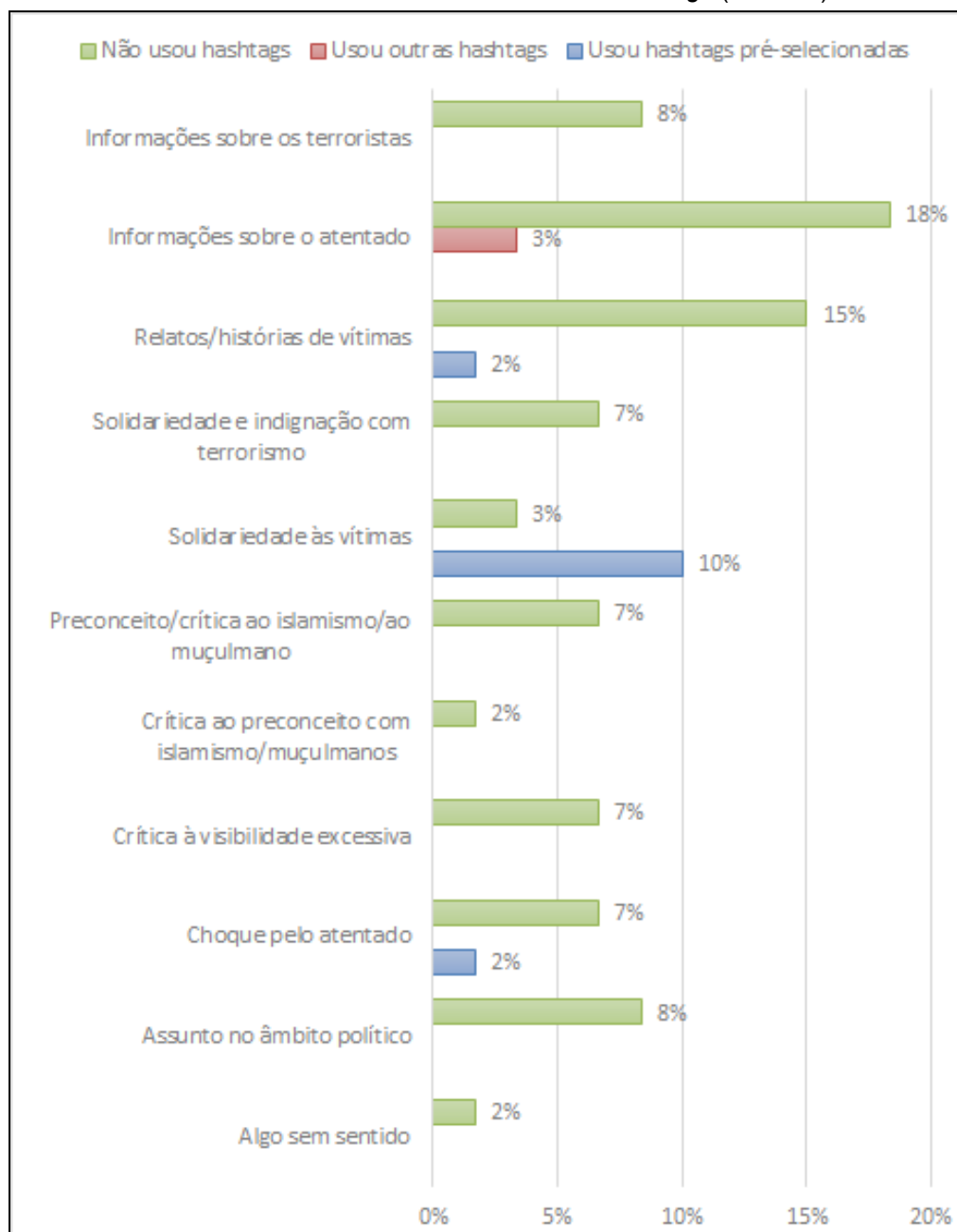


Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

As postagens que prestavam solidariedade às vítimas foram as que mais utilizaram os vários recursos oferecidos pela ferramenta. O outro tema de postagens que teve mais variedade nos recursos utilizados foi o de divulgação de informações. A barra que mais se destaca no gráfico 5, é a de indivíduos que utilizaram a combinação de textos com links para publicar histórias de vítimas, o que demonstra que a imprensa, representada aqui pelos links que direcionam a sites de notícias, tinha interesse em “pessoalizar” o atentado, trazendo relatos reais que ajudam na criação de empatia junto à sua audiência.

O gráfico 6 relaciona as temáticas dos posts com o uso das *hashtags*. A partir dos dados apresentados, verifica-se o comportamento dos usuários em relação a utilização das *hashtags*, de acordo com o tema de suas postagens.

Gráfico 6: Temática dos Posts X Uso das *hashtags* (Londres).



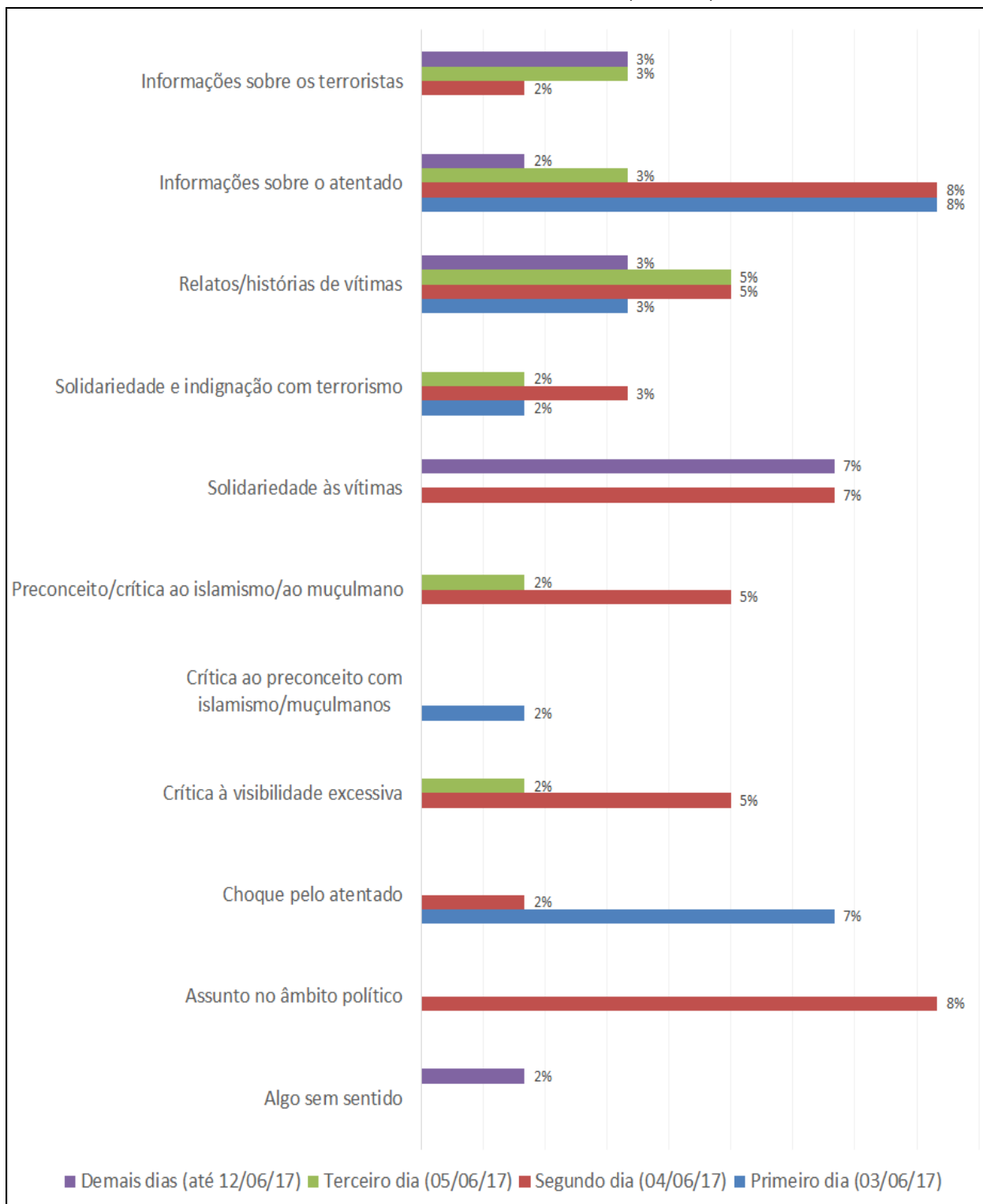
Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

A relação entre a temática das postagens com o uso das *hashtags* mostrou, como é possível observar na gráfico 6, que as únicas postagens que utilizaram as *hashtags* pré-selecionadas foram as que tratavam de “solidariedade às vítimas”, “choque pelo atentado” e “relatos/histórias das vítimas”. Somente postagens

relacionadas à divulgação de informações foram combinadas com o uso de *hashtags*, que não as pré-selecionadas. Todas as demais postagens não utilizaram *hashtags* de nenhum tipo.

O gráfico 7 exibe como foi a distribuição das postagens, de acordo com a temática e a data das mesmas. A partir dos dados apresentados é possível verificar em quais dias cada temática aparece com mais frequência.

Gráfico 7: Temática dos Posts X Dias (Londres).



Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

Os dois primeiros dias foram os que mais tiveram postagens relacionadas à divulgar informações sobre o atentado. As postagens que expressavam choque pelo atentado terrorista tiveram uma alta ocorrência no primeiro dia, uma baixa ocorrência no segundo e depois não mais ocorreu. Isso demonstra que o após os dois primeiros dias a notícia referente a esse atentado não causava mais choque nos internautas, possivelmente por já estar amplamente divulgada. As postagens que expressavam preconceito com a religião islâmica ou com muçulmanos aconteceram de forma significativa no segundo dia, pois foi quando a identidade, bem como as motivações, dos terroristas já estava circulando pela imprensa.

De um modo geral, as postagens relacionadas ao atentado em Londres foram bastante heterogêneas. A ocorrência de onze categorias de temáticas em 60 postagens revela que os usuários do Facebook tiveram acesso a diferentes tipos de notícias e, talvez por isso, eles tenham se dividido em tantas diferentes formas de manifestação *online*. As postagens referentes ao atentado em Mogadíscio configuraram-se de forma diferente, como é possível verificar a seguir.

5.5. A REPERCUSSÃO DO ATENTADO EM MOGADÍSCIO

As 63 postagens coletadas referentes ao atentado em Mogadíscio puderam ser distribuídas em sete temáticas, de acordo com o seu conteúdo. As categorias “solidariedade às vítimas” e “informações sobre o atentado” têm as mesmas características já citadas anteriormente. Houve a ocorrência de postagens que combinavam essas duas categorias e ela foi denominada, intuitivamente, como “informações sobre o atentado e solidariedade às vítimas”. As demais categorias são exclusivas desse atentado, sendo elas: “crítica à invisibilidade da mídia/do mundo”, para as postagens que estabeleciam alguma crítica ou mesmo indignação com a falta de visibilidade do atentado somali; “crítica à invisibilidade da mídia/do mundo e solidariedade às vítimas”, para as que além de criticar a invisibilidade também manifestavam algum apoio aos atingidos; “crítica à invisibilidade da mídia/do mundo e

divulgação de informações”, para críticas e difusão de notícias; e, por fim, as postagens que eram temas de perfil para os usuários do Facebook.

As postagens classificadas como “temas de perfil” apresentaram manifestações de solidariedade ao povo somali, como é possível observar a seguir.

Figura 5: Tema de perfil de usuário do Facebook.

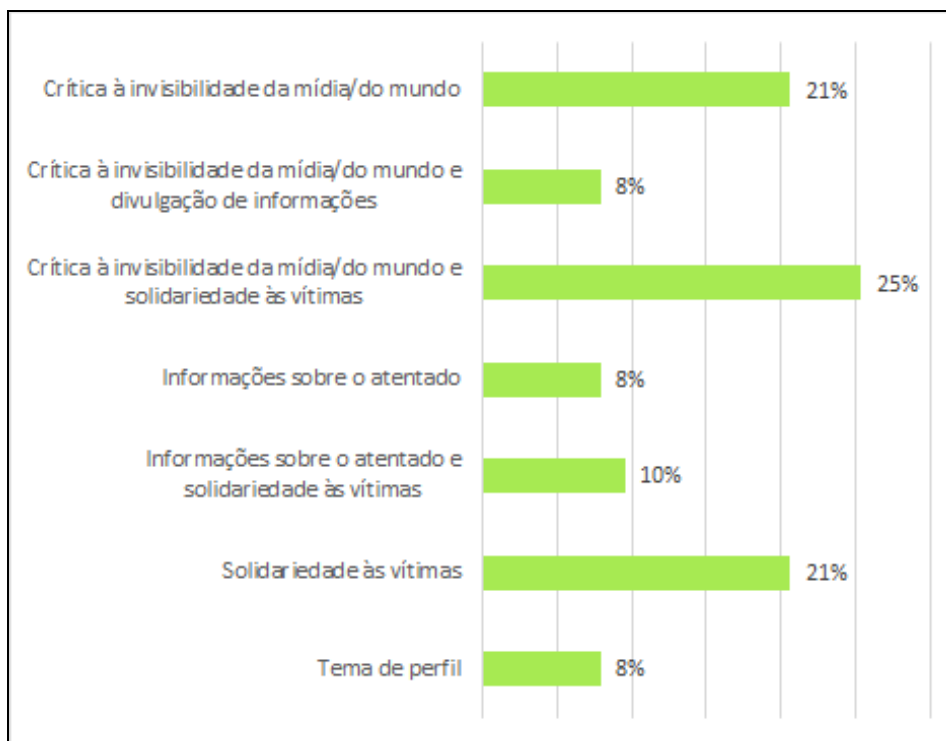


Fonte: Facebook.

Na figura 5, observa-se que o tema de perfil, embora sem grande rebuscamento, expressa de forma direta e objetiva apoio aos somalis. Tanto a utilização da palavra “luto”, quanto o uso da “#somostodossomalia” deixam claro o sentido do tema de perfil.

O gráfico 8 representa as categorias de temáticas criadas a partir das postagens coletadas, referentes ao atentado em Mogadíscio. As temáticas categorizadas aqui foram estabelecidas a partir de suas ocorrências ao longo da coleta dos dados.

Gráfico 8: Temática dos Posts (Mogadíscio).



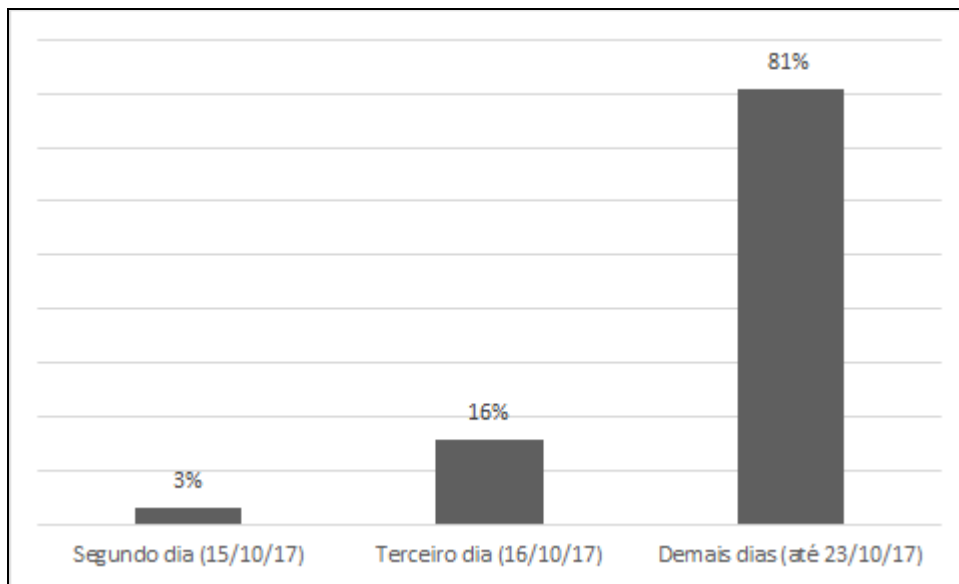
Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

O gráfico 8 mostra como foi o percentual de ocorrência das temáticas nas postagens sobre Mogadíscio: “crítica à invisibilidade da mídia/do mundo e solidariedade às vítimas” (25%), “crítica à invisibilidade da mídia/do mundo” (21%), “solidariedade às vítimas” (21%), “informações sobre o atentado e solidariedade às vítimas” (10%), “informações sobre o atentado” (8%), “crítica à invisibilidade da mídia/do mundo e divulgação de informações” (8%) e “tema de perfil” (8%). Não houveram postagens que abordassem o islamismo ou críticas a alguma religião ou movimento terrorista específico, bem como postagens que citassem algo sobre quem eram os terroristas. Mais da metade das postagens tratavam em suas temáticas a questão da invisibilidade da mídia e do mundo em relação ao atentado na Somália.

O gráfico 9 expressa o percentual de postagens que foram compartilhadas nas datas do eixo vertical. Elas foram divididas de acordo com a data de sua ocorrência:

“segundo dia”, 15 de outubro, o dia seguinte ao atentado; “terceiro dia”, 16 de outubro; e “demais dias”, de 17 à 23 de outubro.

Gráfico 9: Dias de repercussão sobre o atentado (Mogadíscio).



Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

A invisibilidade expressada pela maioria das postagens pode ser reconhecida ao observar-se o gráfico 9, que mostra em quais dias as postagens foram feitas. Não há a ocorrência de postagens no próprio dia do atentado, 14 de outubro, e a maioria das postagens (81%) foram feitas a partir do dia 17 de outubro, ou seja, quatro dias depois do atentado. Esses dados confirmam que houve certa invisibilidade em relação a este atentado, pelo menos na rede social Facebook.

As postagens que expressam solidariedade às vítimas, seja em categoria exclusiva ou com outra temática, equivalem a mais da metade das postagens. A presença de palavras de conforto e pedidos de orações, além de outras manifestações de apoio foram recorrentes ao analisar o conteúdo das postagens dessa categoria, conforme os dois exemplos a seguir nas figuras 6 e 7.

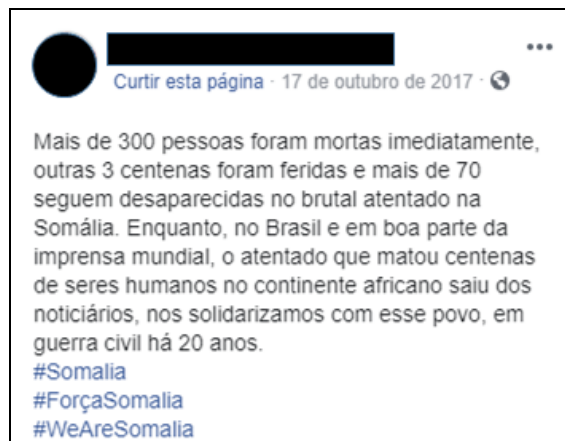
Figura 6: Postagem de usuário do Facebook.



Fonte: Facebook.

A figura 6 insere-se na temática de “solidariedade às vítimas” pelo conteúdo textual apresentado pelo usuário. Nele, está explícito que as palavras do usuário tem a intenção de prestar solidariedade aos atingidos pelo atentado.

Figura 7: Postagem de usuário do Facebook.

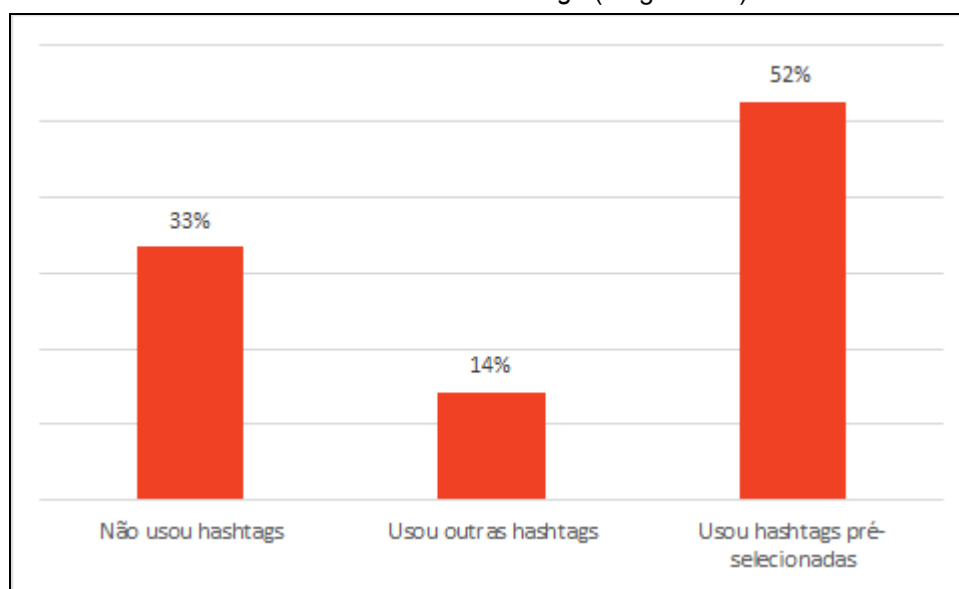


Fonte: Facebook.

A figura 7 foi categorizada como uma postagem que expressa “crítica à invisibilidade da mídia/do mundo e solidariedade às vítimas”, pois ela fala da brutalidade do atentado, usando *hashtags* que explicitam a comoção em relação às vítimas. Além disso, a postagem também estabelece uma crítica pela retirada de notícias sobre o atentado da imprensa mundial e brasileira.

O gráfico 10 ilustra como foi a ocorrência do uso das *hashtags* nas postagens referentes ao atentado em Mogadíscio. O uso das *hashtags* foi dividido em três possibilidades: o uso de *hashtags* pré-selecionadas (pelo menos uma), o uso de outras *hashtags* ou o não uso de quaisquer *hashtags*.

Gráfico 10: Uso das *hashtags* (Mogadíscio).



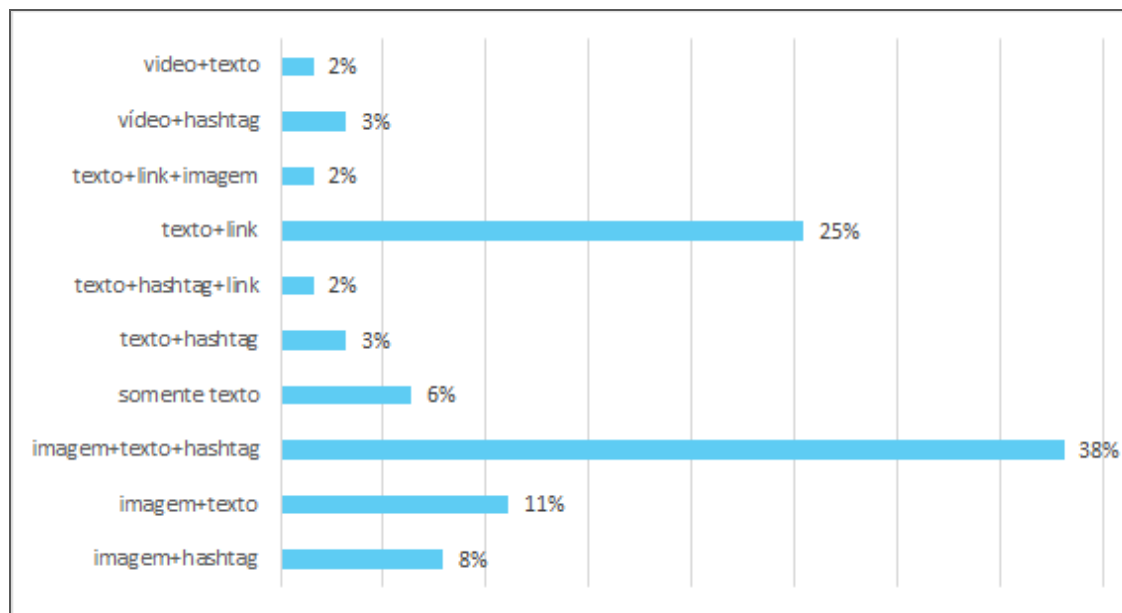
Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

O uso das *hashtags* pré-selecionadas (*#somostodossomalia*, *#atentadosomalia*, *#vidasnegrasimportam*, *#orepelasomalia*, *#oremospelasomalia*, *#forçasomalia*) ocorreu em mais da metade das postagens referentes ao atentado em Mogadíscio. O uso de *hashtags* indica o desejo do usuário de pertencer a uma discussão sobre o assunto ou de, no mínimo, pertencer ao grupo de manifestação na rede social.

O gráfico 11 mostra os recursos, oferecidos pelo Facebook, utilizados pelo usuário. A rede social disponibiliza outras “combinações” de recursos, mas só constam

aqui os recursos que apareceram em pelo menos uma das 63 postagens referentes ao atentado na capital somali.

Gráfico 11: Recursos do Facebook (Mogadíscio).

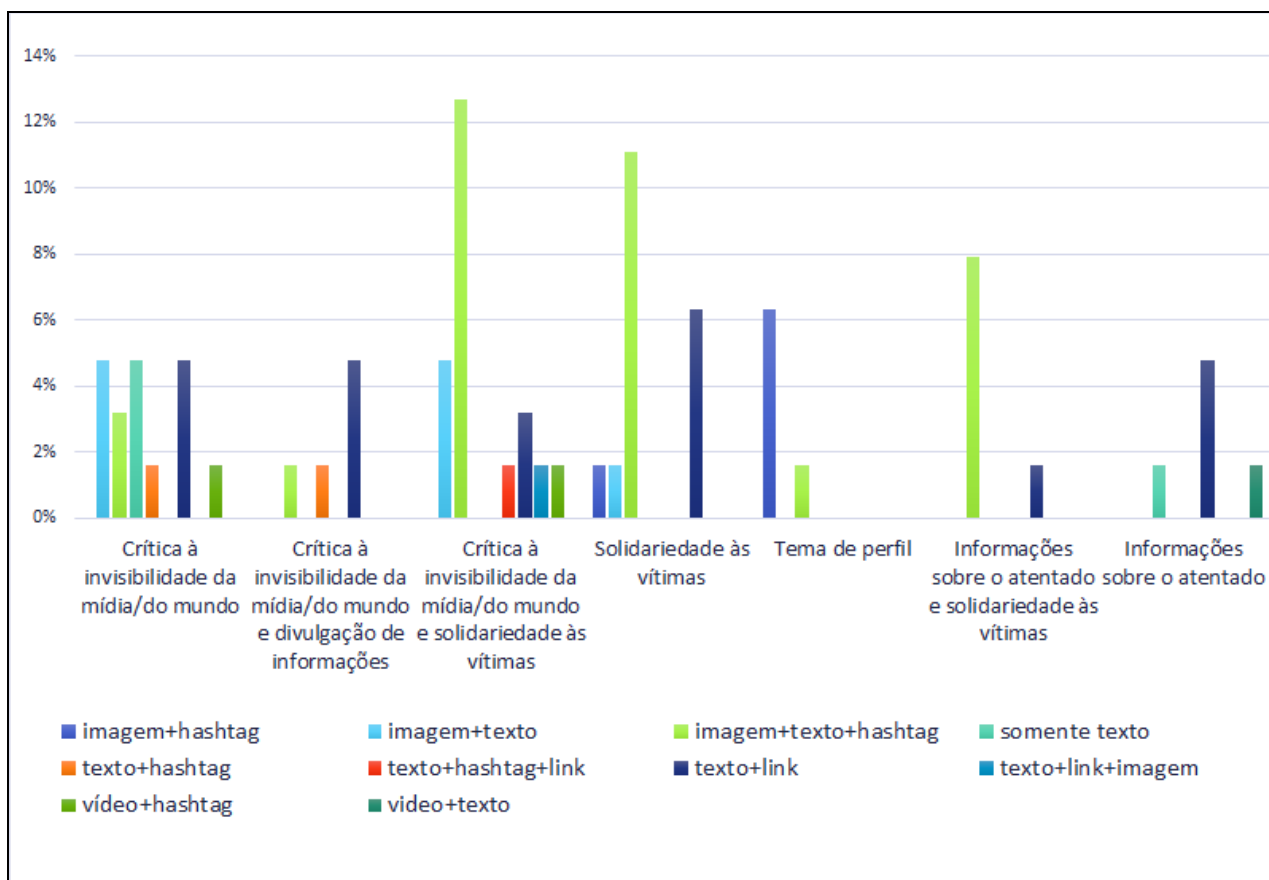


Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

A preferência pela utilização de *hashtags* demonstrada no gráfico 10, pode ser observada também no gráfico 11, que diz respeito aos recursos utilizados. O recurso mais utilizado, “imagem+texto+*hashtag*”, somou 38%. As postagens que utilizaram *hashtags* somam 54% do total de postagens (“vídeo+*hashtag*”, “texto+*hashtag*+link”, “texto+*hashtag*”, “imagem+texto+*hashtag*”, “imagem+*hashtag*”).

O gráfico 12 relaciona as temáticas dos posts referentes ao atentado somali aos recursos do Facebook utilizados pelos usuários da rede social.

Gráfico 12: Temática dos Posts X Recurso do Facebook (Mogadíscio).

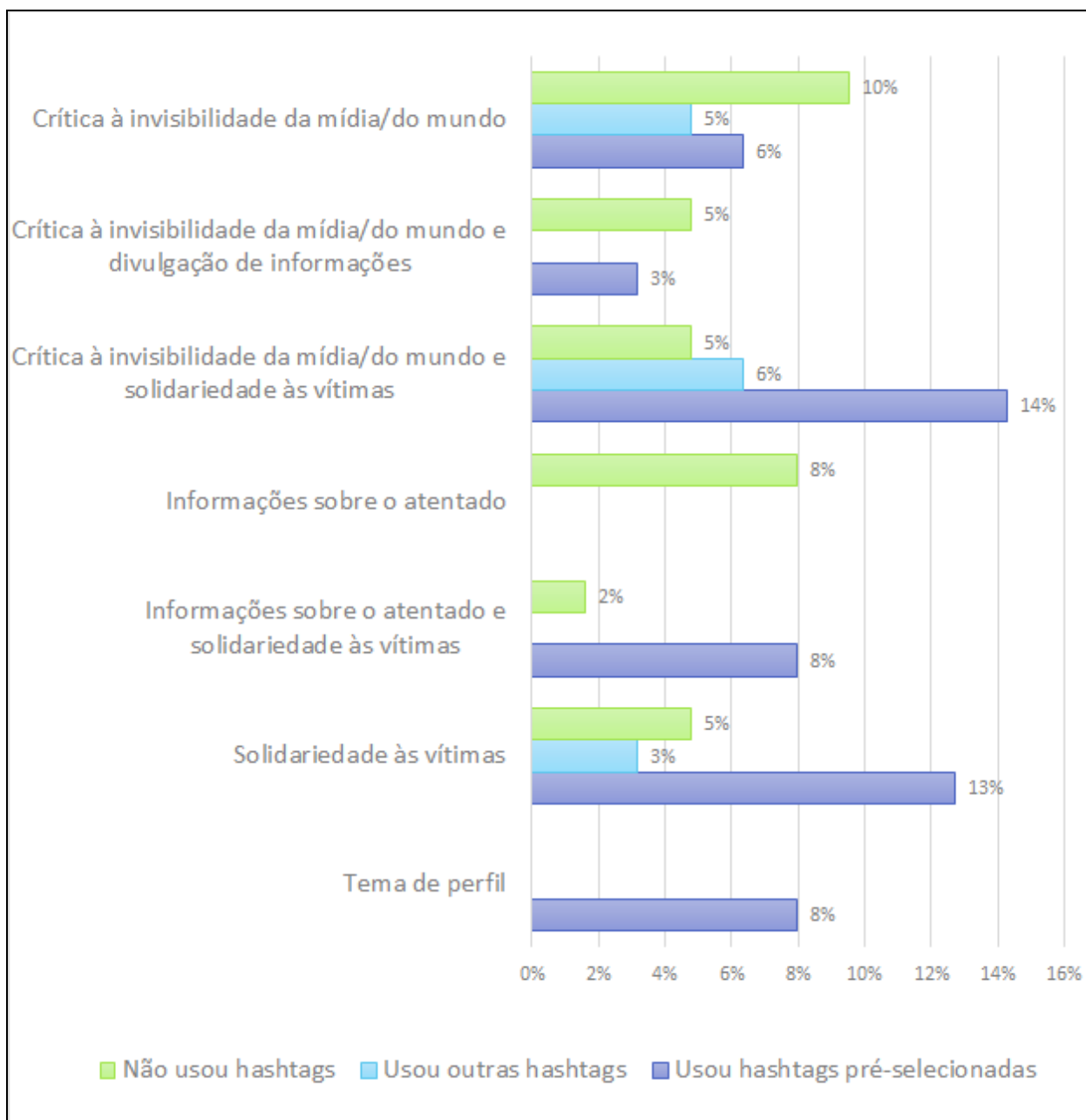


Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

Os usuários que, de alguma forma, estabeleceram uma crítica à visibilidade dada ao atentado em Mogadíscio são os três primeiros elementos do eixo horizontal no gráfico 12. Verifica-se que quase todos os recursos oferecidos pelo Facebook foram utilizados nessas categorias. “Quase todos”, pois o recurso de vídeo combinado com texto apareceu apenas na categoria referente à divulgação de informações. É notável que as três maiores colunas do gráfico correspondem ao mesmo recurso, a combinação de imagem, texto e *hashtag*, e que as três temáticas em que elas ocorrem estão relacionadas à solidariedade às vítimas.

O gráfico 13 relaciona a temática das postagens com o uso de *hashtags*. A partir dos dados apresentados, verifica-se o comportamento dos usuários em relação a utilização das *hashtags*, de acordo com o tema de suas postagens.

Gráfico 13: Temática dos Posts X Uso das *hashtags* (Mogadíscio).



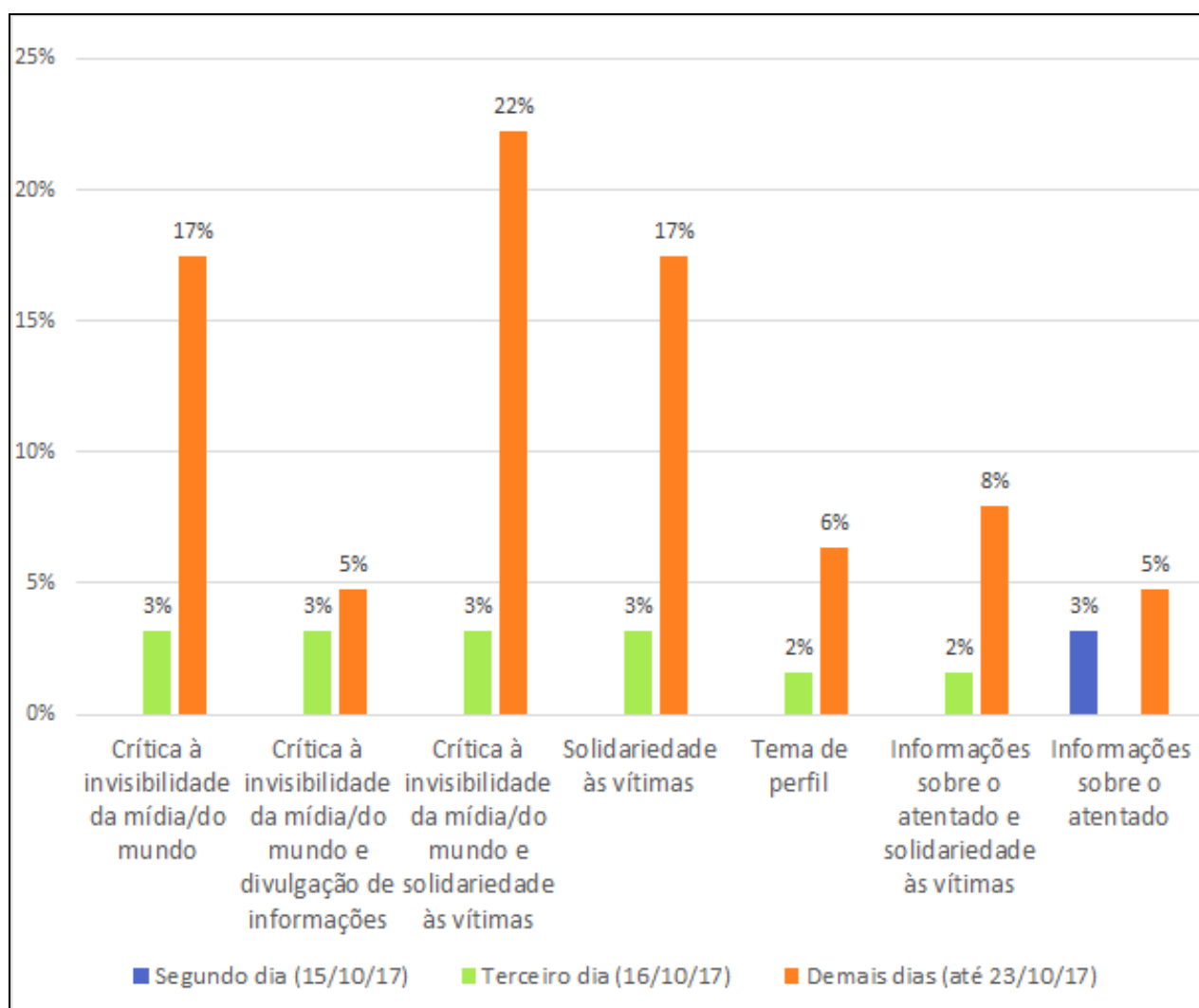
Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

A categoria “tema de perfil” teve somente a ocorrência de uso das *hashtags* pré-selecionadas e isto não causa surpresa, pois os indivíduos que utilizam temas em casos de atentados costumam encontrá-las ao buscar postagens referentes ao acontecimento por meio de *hashtags*. O uso das *hashtags* pré-selecionadas foi maioria

em todas as três categorias que envolviam solidariedade às vítimas. A partir disso, pode-se entender que esses usuários buscaram participar da discussão geral sobre o atentado e que essa talvez seja uma forma de se juntar à grande comunidade prestadora de solidariedade que havia na rede.

O gráfico 14 relaciona a temática das postagens com a data em que elas foram publicadas. Nele, é possível verificar em quais dias cada temática aparece com maior ou menor frequência.

Gráfico 14: Temática dos Posts X Dias (Mogadíscio).

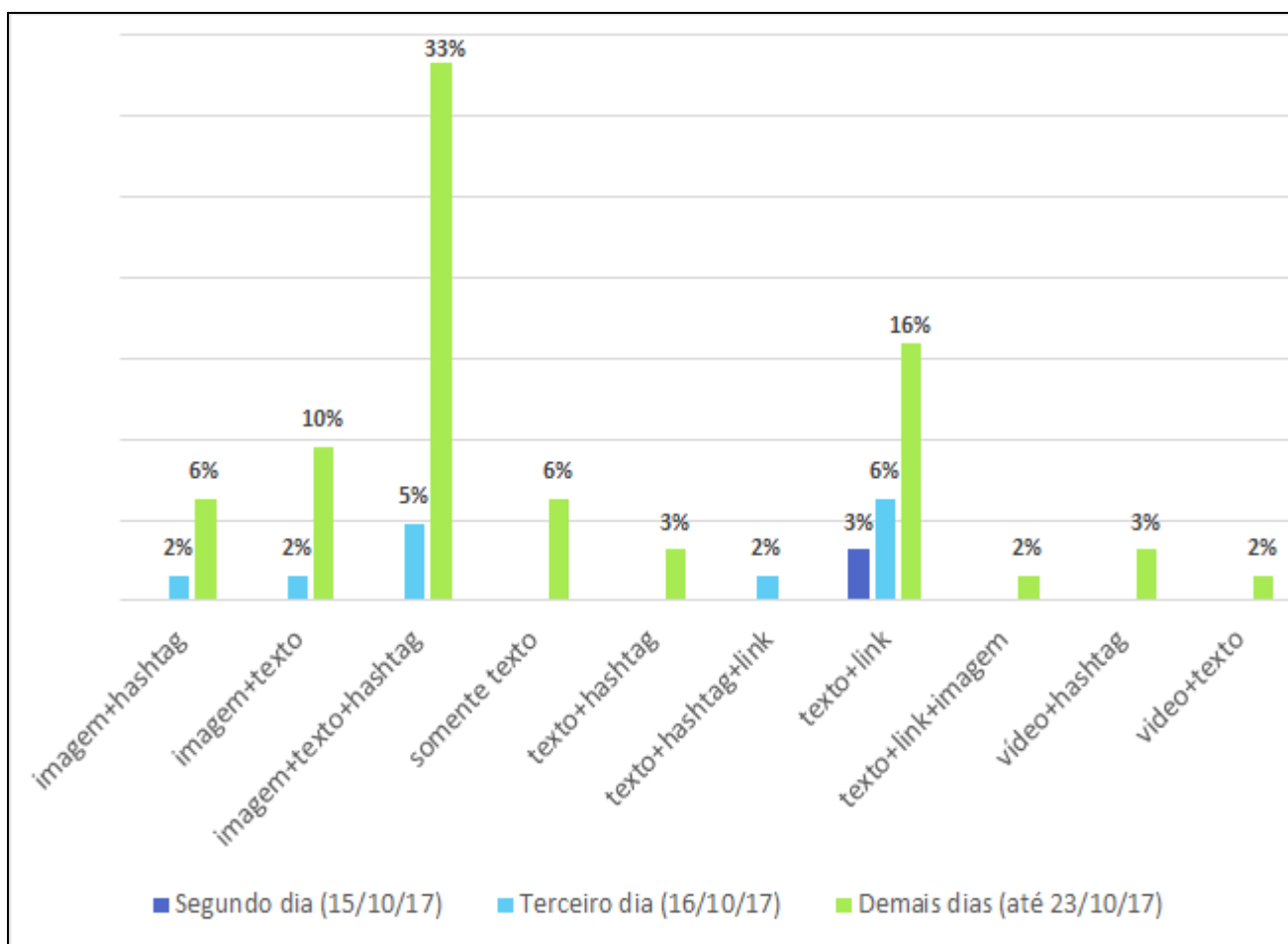


Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

O gráfico 14 relaciona a temática das postagens com as datas em que elas foram feitas. Como já havia sido mostrado no gráfico 9, não houve postagens feitas no dia do atentado, 14 de outubro. As únicas postagens do dia seguinte ao atentado foram para divulgação de informações e, ainda assim, teve uma ocorrência baixa, de apenas 3%. É interessante observar que os dados apresentados nesse gráfico evidenciam que realmente houve falha na divulgação do atentado, mesmo dentro do Facebook, na qual a informação não depende exclusivamente da imprensa.

O gráfico 15 estabelece uma relação entre os recursos utilizados nas postagens e a data em que elas foram publicadas.

Gráfico 15: Recurso do Facebook X Dias (Mogadísio).



Fonte: Elaborado pela autora baseado na coleta de postagens do Facebook (2019).

Embora com uma ocorrência extremamente baixa, como é possível verificar no gráfico 15, o único recurso utilizado no dia 15 de outubro foi texto acompanhado de link. Os links direcionam para sites de notícias, então, mesmo com “um dia de atraso”, a primeira manifestação na rede Facebook estava vinculada a um site da imprensa. A imprensa segue sendo, para uma grande maioria, uma das principais transmissoras de informações a que se tem acesso, especialmente em casos em que há uma grande distância geográfica a se considerar.

Devido ao “atraso” na repercussão mundial a respeito do atentado em Mogadíscio, todos os gráficos deste trabalho, que têm um de seus eixos a data da postagem, mostram o maior percentual de ocorrência em “demais dias” e não nos três primeiros dias. A seguir, desenvolve-se uma comparação entre os dados obtidos na coleta de postagens do Facebook nos dois casos de atentados terroristas abordados neste trabalho.

5.6. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS REPERCUSSÕES

As limitações da ferramenta Facebook podem dar a impressão de que as repercussões teriam sido muito parecidas uma com a outra, entretanto ao fazer uma leitura mais atenta aos dados coletados percebe-se que essa semelhança se limita apenas aos recursos disponíveis na rede social. É sabido que no Brasil, talvez por conta de sua colonização europeia, as notícias referentes a acontecimentos em países europeus têm grande visibilidade nas mídias e sempre ganham espaço entre os assuntos do cotidiano. Por isso, não é de espantar que casos de atentados na Europa repercutem de forma intensa por aqui, como é possível verificar na análise realizada anteriormente. Também deve-se levar em consideração que a Europa é composta, em sua maioria, por indivíduos caucasianos, e, de modo geral, os brasileiros, embora pardos e negros representem mais de 50% da população (STATISTA, 2018d), se identificam mais com o povo europeu, do que com o povo africano. O atentado em Mogadíscio vitimou 587 pessoas, enquanto em Londres foram 7 mortos, mas isso não foi o suficiente para receber a devida atenção da imprensa e do mundo, de modo geral.

No quadro 3, há um breve apanhado dos dados dos dois atentados que serão comparados nesta parte do presente trabalho.

Quadro 3: Comparação de dados entre os atentados de Londres e Mogadíscio.

Cidade (País)	Data	Horário	Duração	Nº de mortos	Nº de feridos	Nº de postagens analisadas	Grupo terrorista responsável
Londres (Inglaterra)	03 de junho de 2017	17:58 (GMT-03:00)	18min	7	48	60	Estado Islâmico
Mogadíscio (Somália)	14 de outubro de 2017	09:00 (GMT-03:00)	-	587	+ de 300	63	Al-Shabaab (Al-Qaeda)

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados divulgados na imprensa sobre os atentados de Londres e de Mogadíscio (2019).

A perspectiva comparativa oferecida pelo quadro 3 permite que se tenha uma melhor compreensão sobre as diferenças na magnitude dos atentados. Cabe reforçar que não foi possível encontrar em sites de notícia da imprensa nacional e internacional o tempo de duração do atentado de Mogadíscio. A falta dessa informação evidencia uma lacuna na cobertura jornalística do atentado na capital somali, como também foi possível verificar durante a pesquisa histórico-descritiva deste trabalho. Os números altos que compõem as colunas de vítimas do atentado na Somália, em contraste com os números da Inglaterra, despertam uma inquietude no que tange a magnitude do atentado em território africano e a ausência de uma divulgação expressiva, por parte da imprensa, sobre ele.

O quadro 4 mostra um comparativo entre as temáticas que ocorreram nos dois atentados e seus percentuais.

Quadro 4: Comparação de temáticas dos posts sobre os atentados de Londres e Mogadíscio.

Temática dos Posts	Londres	Mogadíscio
Algo sem sentido	2%	-
Assunto no âmbito político	8%	-
Choque pelo atentado	8%	-
Crítica à invisibilidade da mídia/do mundo	-	21%
Crítica à invisibilidade da mídia/do mundo e divulgação de informações	-	8%
Crítica à invisibilidade da mídia/do mundo e solidariedade às vítimas	-	25%
Crítica à visibilidade excessiva	7%	-
Crítica ao preconceito com islamismo/muçulmanos	2%	-
Informações sobre o atentado	22%	8%
Informações sobre o atentado e solidariedade às vítimas	-	10%
Informações sobre os terroristas	8%	-
Preconceito/crítica ao islamismo/ao muçulmano	7%	-
Relatos/histórias de vítimas	17%	-
Solidariedade às vítimas	13%	21%
Solidariedade e indignação com terrorismo	7%	-
Tema de perfil	-	8%

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados divulgados na imprensa sobre os atentados de Londres e de Mogadíscio (2019).

Como é possível observar no quadro 4, há um maior percentual de postagens que manifestam solidariedade às vítimas no caso do atentado em Mogadíscio, do que no caso do atentado em Londres. Já nas postagens referentes a informações sobre o atentado, Londres tem um percentual consideravelmente maior do que Mogadíscio. As temáticas das postagens referentes ao atentado em Londres são exatamente o que se espera quando se pensa em como as pessoas podem ter se manifestado sobre um evento tão cruel e violento - o ato terrorista. Solidarizar-se com vítimas, chocar-se e

indignar-se com o terrorismo, buscar culpados e quando os encontrar, os expor, divulgar relatos comoventes sobre quem eram as vítimas são reações esperadas, especialmente quando há identificação com os que sofrem o atentado. Não há porque falar de invisibilidade na mídia, pois ela não existe: o atentado foi colocado em evidência pela imprensa. As postagens referentes ao atentado em Mogadíscio apresentaram solidariedade às vítimas e divulgação de informações, mas não houve, por exemplo, a ocorrência específica de postagens que pudessem ser classificadas como “choque pelo atentado”. A ausência de choque pode estar relacionada ao fato de que a Somália é palco de atentados terroristas com frequência, embora não costumem ser dessa magnitude. O aparecimento de *posts* que falam sobre a invisibilidade da mídia e do mundo é significativa, e fundamentada pela não ocorrência de postagens no próprio dia do atentado.

No quadro 5, compara-se os dias em que as postagens foram feitas nos dois casos de atentados terroristas.

Quadro 5: Comparação das datas em que as postagens foram publicadas.

Dias dos Posts	Londres	Mogadíscio
Primeiro dia	22%	-
Segundo dia	45%	3%
Terceiro dia	17%	16%
Demais dias	17%	81%

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados divulgados na imprensa sobre os atentados de Londres e de Mogadíscio (2019).

As diferenças, referentes aos dias das postagens, observadas ao analisar anteriormente os gráficos 4 e 9, e que estão expressas no quadro 5, mostram essa invisibilidade do atentado em Mogadíscio afirmada por mais da metade dos usuários nos posts analisados. A gradativa porcentagem das postagens referentes à Somália, confirma que houve uma grande falha na divulgação desse atentado pela imprensa,

especialmente pela ausência de postagens no dia 14 de outubro (o dia do atentado). Os 81% das postagens feitas a partir do quarto dia desde o atentado, mostram a lentidão no processo informacional, bem como no processo de solidarizar-se com o sofrimento de um povo que, embora geograficamente distante, compartilha com o povo brasileiro a ancestralidade. No segundo dia, as postagens referentes à Londres atingiram seu maior percentual, 45%, ao passo que as postagens sobre Mogadíscio a recém estavam começando a aparecer, com tímidos 3%. As postagens referentes ao atentado em Londres somaram mais da metade do total apenas nos dois primeiros dias.

O quadro 6 relaciona o percentual de recursos do Facebook utilizados no caso dos dois atentados.

Quadro 6: Comparação de recursos do Facebook utilizados no caso dos dois atentados.

Recurso do Facebook	Londres	Mogadíscio
<i>imagem+hashtag</i>	2%	8%
<i>imagem+texto</i>	28%	11%
<i>imagem+texto+hashtag</i>	5%	38%
somente link	2%	-
somente texto	17%	6%
<i>texto+hashtag</i>	5%	3%
<i>texto+hashtag+link</i>	2%	2%
<i>texto+link</i>	37%	25%
<i>texto+link+imagem</i>	2%	2%
<i>vídeo+hashtag</i>	-	3%
<i>vídeo+texto</i>	2%	2%

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados divulgados na imprensa sobre os atentados de Londres e de Mogadíscio (2019).

Há uma grande diferença no percentual dos recursos “imagem+texto+*hashtag*”, no qual as postagens referentes ao atentado em Mogadíscio representam 38% do total de postagens, enquanto que as referentes ao atentado de Londres atingem apenas 5%. Outro percentual contrastante é o de “imagem+texto”, no qual Londres detém um percentual de 28%, enquanto Mogadíscio representa menos da metade disso, com apenas 11% do total de postagem. Ao analisarmos os gráficos 2 e 11, referentes aos recursos do Facebook, verificamos que em ambos os atentados houve uma significativa ocorrência de postagens com textos e links, evidenciando, mais uma vez, que a imprensa segue sendo uma das principais fontes de informação da atualidade, mesmo quando em seu formato digital.

A utilização ou não de *hashtags* nos dois casos demonstra que no caso de Londres, os usuários estavam mais interessados em uma comunicação de via simples, atuando como um reprodutor das notícias, sem a necessidade de estabelecer um debate específico, como no caso de Mogadíscio, em que a maioria dos usuários optou pela utilização de *hashtags*. O uso de *hashtags* auxilia no processo de visibilidade dentro da rede, então talvez seja esse um dos principais motivos pelos quais houve uma maior ocorrência no caso do atentado em Mogadíscio. No Facebook, as postagens que utilizam *hashtags* precisam estar no modo de privacidade “público”, do contrário as postagens não aparecem em buscas através de *hashtags*.

O quadro comparativo 7, reúne os dados dos cruzamentos de temáticas dos posts por recurso do Facebook das postagens dos dois casos analisados ao longo deste trabalho. Nela, Londres está representada pela letra “L” e Mogadíscio pela letra “M”.

Quadro 7: Comparação do cruzamento “Temática dos Posts X Recurso do Facebook”

Temática dos Posts	Recurso do Facebook																					
	Imagem Hashtag		Imagem Texto		Imagem Texto Hashtag		Somente Link		Somente Texto		Texto Hashtag		Text Hashtag Link		Texto Link		Texto Link Imagem		Vídeo Hashtag		Vídeo Texto	
	L	M	L	M	L	M	L	M	L	M	L	M	L	M	L	M	L	M	L	M	L	M
Algo sem sentido	-	-	2%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Assunto no âmbito político	-	-	2%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7%	-	-	-	-	-	-
Choque pelo atentado	-	-	-	-	-	-	-	-	5%	-	2%	-	-	-	2%	-	-	-	-	-	-	-
Crítica à invisibilidade da mídia/do mundo	-	-	-	5%	-	3%	-	-	-	5%	-	2%	-	-	-	5%	-	-	-	2%	-	-
Crítica à invisibilidade da mídia/do mundo e divulgação de informações	-	-	-	-	-	2%	-	-	-	-	2%	-	-	-	5%	-	-	-	-	-	-	-
Crítica à invisibilidade da mídia/do mundo e solidariedade às vítimas	-	-	-	5%	-	13%	-	-	-	-	-	-	-	2%	-	3%	-	2%	-	2%	-	-
Crítica à visibilidade excessiva	-	-	2%	-	-	-	-	-	5%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Crítica ao preconceito com islamismo/muçulmanos	-	-	-	-	-	-	-	-	2%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Informações sobre o atentado	-	-	8%	-	-	-	2%	-	2%	2%	-	-	-	-	8%	5%	-	-	-	-	2%	2%
Informações sobre o atentado e solidariedade às vítimas	-	-	-	-	-	8%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2%	-	-	-	-	-	-
Informações sobre os terroristas	-	-	5%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3%	-	-	-	-	-	-	-
Preconceito/crítica ao islamismo/ao muçulmano	-	-	2%	-	-	-	-	-	2%	-	-	-	-	-	3%	-	-	-	-	-	-	-
Relatos/histórias de vítimas	-	-	2%	-	2%	-	-	-	-	-	-	-	2%	-	12%	-	-	-	-	-	-	-
Solidariedade às vítimas	2%	2%	2%	2%	3%	11%	-	-	2%	-	3%	-	2%	-	6%	-	-	-	-	-	-	-
Solidariedade e indignação com terrorismo	-	-	5%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2%	-	-	-	-	-	-	-
Tema de perfil	-	6%	-	-	-	2%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados divulgados na imprensa sobre os atentados de Londres e de Mogadíscio (2019).

O quadro 7 reforça que as únicas categorias que tiveram significativas ocorrência nos dois casos foi “informações sobre o atentado” e “solidariedade às vítimas”, e foram essas também as categorias que tiveram uma maior diversidade nos recursos utilizados nos dois atentado.

Independentemente das diferenças entre as repercussões dos atentados no Facebook, é inegável que a rede social é utilizada para o compartilhamento de informações entre seus usuários. É importante que ela seja vista como um meio de comunicação e informação, além de uma importante ferramenta de socialização.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que aqui se finda envolveu um processo de criação e adaptação frente aos novos desafios que foram sendo encontrados. Por ser um processo que envolve uma contínua aprendizagem, ele (o trabalho) sofreu alterações desde a primeira ideia de sua realização, mas o questionamento central permaneceu sempre o mesmo e o desenvolvimento deste trabalho teve o propósito de responder como foi a repercussão na rede Facebook dos atentados em Londres e em Mogadíscio, no ano de 2017.

A abordagem teórica das temáticas envolvidas foi de fundamental importância para a compreensão do trabalho como um todo. Seria impossível responder sobre as repercussões sem antes compreender os elementos fundamentais envolvidos nesse processo. Metaforicamente, pode-se dizer que o terrorismo é o pano de fundo, a Opinião Pública é o palco e as redes sociais são os holofotes deste trabalho. A análise é, naturalmente, a atração principal.

O capítulo 2, sobre o terrorismo, lançou luz sobre esse complexo problema que a sociedade enfrenta hoje em dia. Trazer diferentes definições sobre o que é terrorismo e identificar os principais elementos que caracterizam esse tipo de prática permitiu que se esclarecesse algumas confusões acerca do tema, além de trazer à tona o debate sobre quais as motivações que levam indivíduos ou grupo de pessoas a atentar contra a vida de terceiros. Trabalhar como o terrorismo acontece após o 11 de setembro foi fundamental para que se compreendesse que esse foi um grande marco na história do terrorismo e que o modo como ele aconteceu passou a definir os atentados subsequentes. Ao fim desse capítulo, apresentaram-se dois dos principais grupos terroristas da atualidade, que tem ligação direta com os dois atentados abordados na análise e que deram título a este trabalho. Embora componha a fundamentação teórica, esse capítulo compôs também a investigação proposta nos objetivos específicos.

Ainda que já tenha sido dito anteriormente, parece nunca ser suficiente dizer que o terrorismo é um grande problema da política e da sociedade, e que o seu combate é um dos maiores desafios de todas as nações. Estar em um país que não esteja

diretamente envolvido em conflitos desse tipo não garante a segurança de ninguém. Enquanto houver terrorismo e, principalmente, enquanto esse terrorismo for muito bem articulado não haverá território que esteja 100% a salvo.

O terceiro capítulo, que trouxe o tema da comunicação, discutiu sobre a participação da imprensa e dos indivíduos na construção da Opinião Pública, que se reflete nas redes sociais, como foi verificado na análise. A construção da Opinião Pública diz muito sobre a visibilidade e o espaço que se intencionava buscar, como definido em um dos objetivos específicos do trabalho. Na verdade, todos os itens deste trabalho dialogaram diretamente com os conceitos trabalhados neste capítulo. Tudo o que aqui foi trazido e discutido está fortemente conectado à prática comunicacional e reforçam a importância de se abordar temas que, em um primeiro momento, pareçam mais afins com a área da sociologia.

Se não se questiona, nem se discute os processos comunicacionais, não se avança no entendimento dessa prática tão presente no mundo moderno. Por mais complexo que possa parecer o estudo da comunicação, ele deve seguir acontecendo, na mesma medida em que se comunica - e a comunicação é uma constante para o ser humano.

O capítulo 4 foi de extrema importância para a construção desse trabalho. Foi nele que se apresentou o macrocontexto das postagens analisadas posteriormente e foi nele que se explicou como os atentados aconteceram. Entender como eles aconteceram colaborou para fomentar a discussão da pergunta problema, na medida que trouxe o contexto histórico dos atentados, e foi imprescindível para que se compreendesse a análise.

Os objetivos geral e específicos propostos no capítulo introdutório também foram respondidos com base nos gráficos e dados coletados na análise. Houve a investigação e verificação das repercussões nos dois sub capítulos dedicados às postagens coletadas sobre os dois atentados. A visibilidade e o espaço que cada atentado teve na rede social foram abordados no último item da análise, no qual foi feita uma comparação entre as duas repercussões.

O principal resultado desta pesquisa foi a verificação de repercussões diferentes nos dois casos trabalhados. A demora na divulgação e repercussão do atentado em Mogadíscio e a riqueza de detalhes e informações no atentado em Londres são duas ideias que se imaginava que pudessem ter acontecido e que tiveram as suas ocorrências comprovadas na análise.

A temática abordada é fundamental para ajudar na compreensão de fenômenos sociais *online* em casos de tragédias, nesse caso específico os atentados terroristas. Muito mais do que um espaço de socialização, o Facebook representa aqui uma ferramenta de mobilização, que permite a discussão de questões polêmicas por indivíduos leigos e possibilita a manifestação de solidariedade aos que sofrem. O papel do comunicador social também é, além de assegurar o compartilhamento de informações, prestar atenção nos diferentes fenômenos que surgem com as novas tecnologias e ajudar nos processos de entendimento das mesmas. Uma das atribuições do relações públicas é o gerenciamento de crises na comunicação, então, pode-se entender que a diferença de visibilidade encontrada nesta análise representa uma crise comunicacional.

Trabalhar com um tema de extrema delicadeza requer bastante cuidado e atenção, o que pode tornar a tarefa bastante cansativa ao longo do caminho, mas o desejo por obter respostas e por entender “como foi” fez do processo um propósito a ser alcançado sem falta. O interesse pelo tema e por tudo que foi abordado aqui, manteve o entusiasmo como fiel companheiro ao cansaço.

Um dos grandes desafios na realização deste trabalho foi o acesso a informações precisas sobre o atentado em Mogadíscio. No caso de Londres, encontrou-se muitas notícias e matérias jornalísticas dando um cobertura detalhada sobre o atentado. No caso de Mogadíscio, foi necessário acessar diversos sites nacionais e internacionais para que se encontrassem informações atualizadas e, minimamente, precisas sobre o que aconteceu no dia 14 de outubro de 2017. Na pesquisa exploratória foi possível perceber a diferença nas coberturas jornalísticas dos dois atentados e que encontrar os dados necessários para contar o que aconteceu no

atentado em Mogadíscio seria, desde o início, uma tarefa árdua. Mesmo sendo uma tarefa difícil, não foi desgastante, pois isso faz parte da pesquisa na área da comunicação: não encontrar dados ou informações, já é uma informação.

Embora seja o final deste trabalho, o processo de aprendizagem não se acaba aqui. A pesquisa pode ser continuada através de olhares que se direcionem, talvez, para a imprensa, buscando compreender como foram as coberturas desses atentados. Também é possível tentar entender a repercussão nas mídias sociais de outros atentados, uma vez que, infelizmente, eles são muitos e continuam acontecendo por todo o mundo. O que não pode parar é desejo de encontrar respostas, nem que, para isso, seja necessário mudar as perguntas. A aprendizagem do comunicador é constante, pois tudo o que se faz, comunica algo a alguém. E é importante estar sempre atento a esse processo.

7. REFERÊNCIAS

ABIN. **Terrorismo**. 2016. Agência Brasileira de Inteligência. Disponível em: <<http://www.abin.gov.br/atuacao/fontes-de-ameacas/terrorismo/>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

AL JAZEERA. **Massive car bomb blast rocks Somalia's Mogadishu**. 2017. Al Jazeera Media Network. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2017/10/massive-car-bomb-blast-rocks-somalia-mogadishu-171014142943624.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

ALCÂNTARA, Priscila Drozdek de. **Terrorismo: uma abordagem conceitual**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

AL-TAMIMI, Aymenn. The Evolution in Islamic State Administration: The Documentary Evidence. **Perspectives on Terrorism**, v. 9, n. 4, 2015. Disponível em: <<http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/447/878>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. Mito e Realidade da opinião pública. **Administração de Empresas**, São Paulo, v. 4, n. 11, 1964. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901964000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

BBC Brasil. **Os 13 países envolvidos em 'mini-guerra mundial' de 7 anos na Síria**. 2018a. BBC Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43764615>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

BBC. **Al-Shabab, o grupo acusado pelo maior ataque da história da Somália, que matou mais de 300 pessoas**. 2017a. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41633872>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

BBC. **London Bridge attack: What happened**. 2019. BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-london-40147164>>. Acesso em: 09 de maio de 2019.

BBC. **London Bridge terror attackers 'took steroids' before incident.** 2018b. BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-43005590>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

BBC. **Somalia attack: 165 unidentified bodies buried.** 2017b. BBC News. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-41636076>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

BERCITO, Diogo. **Italiano-marroquino é identificado como 3º terrorista de Londres.** 2017. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1890584-terceiro-terrorista-do-ataque-em-londres-e-identificado-diz-jornal.shtml>>. Acesso em: 08 de maio de 2019.

CABECINHAS, Rosa. **Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais.** Actas do II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação, p. 1-18. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2004. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1650/1/rcabecinhas_II_Iberico_2004.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

CARLOS, Sergio Antonio. **O Processo Grupal.** In: Strey, Marlene et al (org.) Psicologia Social Contemporânea: livro-texto. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 199-206.

CHOMSKI, Maira. **Entenda a situação política e histórica da Somália.** 2017. Medium. Disponível em: <<https://medium.com/revista-subjetiva/entenda-a-situa%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%A9tica-e-hist%C3%B3rica-da-som%C3%A1lia-e0ba076b4782>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

CHOMSKY, Noam. **Poder e Terrorismo.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

DW. **Ataque com caminhão-bomba deixa dezenas de mortos na Somália.** 2017. Deutsche Welle Brasil. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/2lq3o>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

EU (European Union). **Council Framework Decision of 13 June 2002 on combating terrorism.** Luxemburgo: Council of the European Union, 2002. Disponível em: <<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX:32002F0475>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

FACEBOOK. **Como faço para adicionar um tema a uma foto ou remover um tema?**. 2019. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/147677522631878?helpref=faq_content>. Acesso em: 03 de maio de 2019.

FBI. **Terrorism 2002-2005**. Federal Bureau of Investigation. Washington DC: U.S. Department of Justice, 2007. Disponível: <<https://www.fbi.gov/stats-services/publications/terrorism-2002-2005>>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 2002. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em: 01 de junho de 2019.

FRAGOSO, Suely. Espaço, ciberespaço, hiperespaço. **Revista Textos de Comunicação e Cultura**, n. 42. UFBA, 2000.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

KNIPP, Kersten. **Acordo Sykes-Picot na origem do caos no Oriente Médio**. 2016. Deutsche Welle Brasil. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/acordo-sykes-picot-na-origem-do-caos-no-orientem%C3%A9dio/a-19245092>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

LIGA DAS NAÇÕES. **Convention for the Prevention and Punishment of Terrorism**. Genebra, 1937. Disponível em: <<https://dl.wdl.org/11579/service/11579.pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MACEDO, Danilo. **Entenda a ascensão do Estado Islâmico e o conflito envolvendo o grupo no Iraque**. 2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-08/entenda-ascensao-do-estado-islamico-e-o-conflito-envolvendo-o-grupo-no>>. Acesso em: 28 de maio de 2019.

MAGALHÃES, Lia. **Estado Islâmico: entenda a origem do grupo**. 2015. Portal EBC. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2015/01/estado-islamico-entenda-origem-do-grupo>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

MENDES, Anderson de Araújo; SILVA, Larissa Nunes; MATOS, Rafael Brito; BECKER, Ursula Wenzel; ARAUJO, Vinicius da Silva. **Terrorismo Internacional: Análise Conceitual, Vulnerabilidades e Formas de Combate Brasileiras**. XV Congresso Acadêmico sobre Defesa Nacional, 2018. Pirassununga: Academia da Força Aérea, 2018. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/arquivos/ensino_e_pesquisa/defesa_academia/cadn/XV_cadn/terrorismo_internacional_analise_conceitual_vulnerabilidades_e_formas_de_combate_brasileiras.pdf>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

MIRIRI, Duncan; STONESTREET, John; POMEROY, Robin. **Death toll from Somalia bomb attacks tops 300**. 2017. Reuters. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-somalia-attacks/death-toll-from-somalia-bomb-attacks-tops-300-idUSKBN1CL0GT>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NARANJO, José. **Ataque com caminhão-bomba deixa quase 300 mortos na capital da Somália**. 2017. El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/15/internacional/1508077129_570589.html>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

NASCIMENTO, Alice et al. **Terrorismo de estado**. Em Debate, Florianópolis, n. 3, p. 87-102, jan. 2007. ISSN 1980-3532. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/21329>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

ONU. **Guterres expressa 'total confiança' em representante na Somália após expulsão do diplomata pelo governo**. Organização das Nações Unidas Brasil. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/guterres-expressa-total-confianca-em-representante-na-somalia-apos-expulsao-do-diplomata-pelo-governo/>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

ONU. **Resolução A/RES/49/60**. Assembleia Geral, 1994. Disponível em: <<https://www.un.org/documents/ga/res/49/a49r060.htm>>. Acesso em: 20 de abril de 2017.

ONU. **Resolução S/RES/1566**. Conselho de Segurança, 2004. Disponível em: <https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1566%20%282004%29>. Acesso em: 20 de abril de 2017.

PAWLAK, Patryk. **Understanding definitions of terrorism**. Bruxelas: European Parliament, 2015. Disponível em: <[http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/ATAG/2015/571320/EPRS_ATA\(2015\)571320_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/ATAG/2015/571320/EPRS_ATA(2015)571320_EN.pdf)>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

RAMOS, Elvis; FIGUEIREDO, Wellington. **Terrorismo: Um Legado Histórico e sua Caracterização na Plataforma Midiática**. Ciência Geográfica. Bauru: Vol. XVI (2). Janeiro/Dezembro-2012. Disponível em: <http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVI_2/agb_xvi2_versao_internet/AGB_xvi2_07.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROBESPIERRE, Maximilien. **Discours et rapports de Robespierre**. Paris: Eugene Fasquelle, 1908.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012.

SHEFTALOVICH, Zoya. **ISIS claims responsibility for London attack: It was the third attack in Britain this year**. 2017. Politico. Disponível em: <<https://www.politico.eu/article/isis-claims-responsibility-for-london-attack/>>. Acesso em: 09 de maio de 2019.

SHEIKH, Abdi; OBULUTSA, George. **Death toll from Somalia truck bomb in October now at 512: probe committee**. 2017. Reuters. Disponível em:

<<https://www.reuters.com/article/us-somalia-blast-toll/death-toll-from-somalia-truck-bomb-in-october-now-at-512-probe-committee-idUSKBN1DU2IC>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

SILVA, Daniel Reis. John Dewey, Walter Lippmann e Robert E. Park: diálogos sobre públicos, opinião pública e a importância da imprensa. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 18, n. 1, p. 57-68, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2016.181.06/5296>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

SILVEIRINHA, Maria João. Opinião Pública. **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Antonio Albino Canelas Rubim (Org.), p. 409-449. Salvador: EDUFBA, 2004.

SOTO, Orlando Núñez. **Nicaragua**. 2006. Enciclopédia Latino Americana. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/n/nicaragua>>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

STATISTA. **Brazil: most popular social network apps as of June 2017**. 2017. Statista. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/746969/most-popular-social-network-apps-brazil/>>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

STATISTA. **Estimated population of London in the United Kingdom (UK) from 1981 to 2017*, (in million inhabitants)**. 2018a. Statista. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/910658/population-of-london/>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

STATISTA. **Global terrorism index 2018, top 50 countries**. 2018b. Statista. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/271514/global-terrorism-index/>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

STATISTA. **Most popular social networks worldwide as of April 2019, ranked by number of active users (in millions)**. 2019. Statista. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

STATISTA. **Number of fatalities due to terrorist attacks worldwide in 2017, by responsible terrorist group.** 2018c. Statista. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/517683/ten-most-violent-terrorist-groups-2015-by-number-of-attacks/>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

STATISTA. **Share of population in Brazil between 1991 and 2010, by skin color.** 2018d. Statista. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/1001058/share-population-brazil-ethnicity/>>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

STATISTA. **Somalia: Total population from 2007 to 2017 (in million inhabitants).** 2018e. Statista. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/863105/total-population-of-somalia/>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

SZUSTER, Amir. **TERRORISMO: FRUTO DE POBREZA E IGNORÂNCIA?** 2013. Conexão Israel. Disponível em: <<http://www.conexaoisrael.org/terrorismo-fruto-pobreza-ignorancia/2013-02-04/amir>>. Acesso em: 28 de maio de 2019.

TAARNBY, Michael; HALLUNDBAEK, Lars. **The Internationalization of Militant Islamism in Somalia and the Implications for Radicalization Processes in Europe.** Ministry of Justice, v. 26, 2007. Disponível em: <<http://www.justitsministeriet.dk/sites/default/files/media/Arbejdsomraader/Forskning/Forskningsspuljen/2011/2010/alshabaab.pdf>>. Acesso em: 26 de maio de 2019.

TERRORISM. **Cambridge International Dictionary Online.** Cambridge University Press, 2019. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/terrorism>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

TERRORISM. **Encyclopædia Britannica Online.** Britannica Online, 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/terrorism>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

TERRORISMO. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.** Priberam Online, 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/terrorismo>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

TERRORISMO. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=terrorismo>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

UNITED NATIONS. **Report of the Secretary-General on the situation with respect to piracy and armed robbery at sea off the coast of Somalia**. 2017. Disponível em: <<https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/N1731892.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

US. **Code 22, sec 2656f: Annual country reports on terrorism**. Washington DC: United States Code, 2006. Disponível em: <[http://uscode.house.gov/view.xhtml?req=\(title:22%20section:2656f%20edition:prelim\)%20OR%20\(granuleid:USC-prelim-title22-section2656f\)&f=treesort&num=0&edition=prelim](http://uscode.house.gov/view.xhtml?req=(title:22%20section:2656f%20edition:prelim)%20OR%20(granuleid:USC-prelim-title22-section2656f)&f=treesort&num=0&edition=prelim)>. Acesso em: 22 de maio de 2019.